



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**ADRIANA DOS SANTOS SCHLEDER**

**A FESTA NACIONAL DA UVA DE CAXIAS DO SUL/RS:  
O DISCURSO PARA ALÉM DAS PALAVRAS**

**CAXIAS DO SUL**

**2009**

**ADRIANA DOS SANTOS SCHLEDER**

**A FESTA NACIONAL DA UVA DE CAXIAS DO SUL/RS:**

**O DISCURSO PARA ALÉM DAS PALAVRAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Turismo. Linha de Pesquisa: Turismo, Cultura e Meio Ambiente.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Susana de Araújo Gastal

**Caxias do Sul**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
 Universidade de Caxias do Sul  
 UCS - BICE - Processamento Técnico

S339f Schleder, Adriana dos Santos, 1974-  
 A Festa Nacional da Uva de Caxias do Sul/RS : o discurso para  
 além das palavras / Adriana dos Santos Schleder. - 2009.  
 128 f. : il. ; 30 cm.

Apresenta bibliografia.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul,  
 Programa de Pós-Graduação em Turismo, 2009.  
 “Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Susana de Araújo Gastal.”

1. Festa da Uva. 2. Festas folclóricas. 3. Turismo cultural. 4.  
 Turismo – Caxias do Sul. I. Título.

CDU 2.ed.: 398.332.34(816.5CAXIAS DO SUL)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Festa da Uva	398.332.34(816.5CAXIAS DO SUL)
2. Festas folclóricas	398.33
3. Turismo cultural	338.48-611
4. Turismo – Caxias do Sul	338.48(816.5CAXIAS DO SUL)

Catalogação na fonte elaborada pelo bibliotecário  
 Marcelo Votto Teixeira – CRB 10/1974  
**2009**

# **“A Festa Nacional da Uva de Caxias do Sul/RS: o discurso para além das palavras”**

Adriana dos Santos Schleder

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 25 de setembro de 2009.

## Banca Examinadora:

Profa. Dra. Susana de Araújo Gastal (Orientadora)  
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Airton da Silva Negrine  
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Luiz Antonio Rizzon  
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Rudimar Baldissera  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu marido Edson, pelo incentivo, apoio e compreensão em todos os momentos dedicados à pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos familiares, pelo apoio e preocupação. Aos colegas, docentes e à Regina, do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, pela acolhida e troca de experiências, muito importante para a minha formação. Às amigas Adriana e Juliana, pelas intensas discussões sobre nossas pesquisas. E à minha orientadora, Prof<sup>ª</sup> Dra. Susana de Araújo Gastal, pela grande contribuição ao meu estudo e pelos conhecimentos compartilhados.

## RESUMO

A Festa Nacional da Uva é realizada em Caxias do Sul/RS desde 1931, sendo, nestes termos, um dos eventos mais antigos do país. Criada para celebrar a colheita e qualificar o potencial agrícola local, ao longo de sete décadas viu agregar-se ao evento o compromisso com a difusão do lado industrial e turístico da cidade, sofrendo, por esta razão, menor participação da comunidade local. Na década de 1990, houve a preocupação por parte dos organizadores em reaproximar a comunidade da Festa, com certo sucesso. A presente pesquisa investigou as representações sociais na comunidade local sobre a Festa, a partir dessa mudança, compilando e analisando os depoimentos de leitores do jornal local Pioneiro, sobre o evento, registrados na Coluna de Opinião, durante as últimas oito edições da Festa da Uva. Utilizou-se para tal a metodologia da Análise de Conteúdo. Os resultados revelam dois grandes campos de representações sociais: um, com posições favoráveis e outro, com posições desfavoráveis quanto à maneira como a Festa é organizada. Também indicam que as resistências diminuíram nas últimas edições.

**PALAVRAS-CHAVE:** turismo; festas; representações sociais; Festa Nacional da Uva; Caxias do Sul

## **ABSTRACT**

The National Grapes Festival is held in Caxias do Sul/RS since 1931, and it is one of the oldest events in the country. It was created to celebrate the harvest and to qualify the local agricultural potential. It has been held over the past seven decades and it has aggregated the commitment to the dissemination of industrial and tourist aspects of the city, which caused less participation from local community. In the 1990s, the organizers showed some concerns in bringing the community into the Festival, and they achieved some kind of success. This research has investigated the social representations within the local community about the feast by compiling and analysing the Opinions Column from the local newspaper called *Pioneiro* from the past eight editions of the Grapes Festival. The Analysis of Content was used as methodology. The results show two major fields of social representations on how the festival is organized: one with favourable positions, and other with adverse positions. Also indicate that the resistances decreased in recent editions.

**KEYWORDS:** tourism; festivals; social representation; Nacional Grapes Festival; Caxias do Sul

## LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA – <i>SAFRA DE 1994</i> .....	87
APÊNDICE B – OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA – <i>SAFRA DE 1996</i> .....	91
APÊNDICE C – OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA – <i>SAFRA DE 1998</i> .....	96
APÊNDICE D – OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA – <i>SAFRA DE 2000</i> .....	100
APÊNDICE E – OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA – <i>SAFRA DE 2002</i> .....	106
APÊNDICE F – OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA – <i>SAFRA DE 2004</i> .....	110
APÊNDICE G – OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA – <i>SAFRA DE 2006</i> .....	114
APÊNDICE H – OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA – <i>SAFRA DE 2008</i> .....	119

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Rainha da Festa da Uva de 1950 .....	41
Figura 2 – Corso Alegórico Festa da Uva 2004 .....	52
Figura 3 – Etnias – Corso Alegórico 2004 .....	54
Figura 4 – Etnias – Corso Alegórico 2008 .....	54
Figura 5 – Cartaz Festa da Uva 2008 .....	61
Figura 6 – Vista aérea pavilhões Festuva 2004 .....	63
Figura 7 – Rua Sinimbu – Corso 2004 .....	67
Figura 8 – Concurso Soberanas 2006 .....	69

(Fotos – Luiz Chaves e Acervo da Festa da Uva)

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorização por <i>Safra</i> da Uva .....	71
--	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 O TURISMO, AS FESTAS E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS .....</b>	<b>14</b>
1.1 O turismo e as festas .....	14
1.2 Festas e identidade .....	19
1.3 Teoria das representações sociais .....	24
1.3.1 Representações sociais e seus significados .....	27
1.3.2 Representações sociais e a imprensa .....	29
1.3.3 Representações sociais e o turismo .....	30
<b>2 METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>	<b>33</b>
2.1 Jornal Pioneiro .....	38
2.2 Festa da Uva: síntese histórica .....	40
2.3 Festa da Uva e identidade local .....	45
<b>3 OLHARES DA COMUNIDADE LOCAL .....</b>	<b>48</b>
3.1 Bons frutos .....	50
3.2 Prejuízos nas safras .....	59
3.3 Reflexões sobre os múltiplos olhares .....	69
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>87</b>

## INTRODUÇÃO

A primeira Festa da Uva foi realizada em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, estado do Sul do Brasil, no ano de 1931, pela iniciativa de um grupo de empresários liderados por Joaquim Pedro Lisboa. O evento durou apenas um dia e foi realizado no salão principal do Recreio da Juventude. O objetivo dos organizadores era o de incentivar os agricultores locais, na sua grande maioria, ítalo-descendentes, ao plantio de viníferas de maior qualidade, como primeiro passo para a melhoria na elaboração de vinhos. A Festa, com continuidade e descontinuidade se mantém até hoje. A última edição foi realizada em 2008, sob o tema “Uma vez imigrante, para sempre brasileiro”.

Da primeira para a última festa, sete décadas se passaram. De um pequeno encontro para mostrar o potencial agrícola da cidade, o evento tomou a forma de uma grande festa nacional. Ao longo deste período, o potencial industrial da região foi agregado à festa. E também o potencial turístico. Durante a Segunda Guerra Mundial, o evento foi cancelado. O reinício deu-se em 1950, como uma recuperação da identidade italiana fragilizada pela guerra. Já na década de 1970, a Festa da Uva passou por uma crise. Um conflito entre a visão tradicional, que a via como uma festa de comunidade e a nova proposta de transformá-la em um empreendimento centrado em interesses industriais e comerciais, de ordem econômica. A crise se prolongou por quase vinte anos.

A década de 1990 representa a retomada da Festa da Uva pela comunidade. Na tentativa de buscar uma identidade para a Festa, criou-se uma Comissão Comunitária para gerenciar a sua organização. Os resultados positivos registrados nas edições de 1994 e 1996 ampliaram as discussões no sentido de oferecer um caráter maior de “festa” e menor de “feira”. O debate sobre qual o formato ideal para a Festa da Uva continua até os dias atuais, mas sem consenso.

Caxias do Sul cresceu e, com o seu desenvolvimento industrial, atraiu migrantes de muitas outras regiões. Pessoas que vieram de diferentes lugares do Estado e do país em busca de uma vida melhor passaram a fazer parte da cultura local. Segundo o IBGE (Contagem de População - 2007), a cidade já possui 400 mil habitantes e, além dos moradores de descendência italiana, é marcada por muitos perfis étnicos. Pessoas que trouxeram na bagagem outras histórias encontraram no município um novo referencial de vida. Diante desse contexto, o que a Festa da Uva representa para a comunidade que vive na Caxias do Sul do

século XXI? Esse é o propósito desta pesquisa: investigar as representações sociais sobre a Festa da Uva presentes na comunidade local, a partir da Coluna de Opinião do Leitor, do Jornal Pioneiro, único jornal diário do município.

Para realizar essa análise, a pesquisa parte da perspectiva da teoria das Representações Sociais, dentro da Psicologia Social. Devido a seu caráter interdisciplinar, tal teoria tem sido aplicada nas diferentes áreas do conhecimento. E o Turismo tem sido um campo propício para sua aplicação, já que a teoria, segundo Serge Moscovici (1978), propõe um novo olhar, não para a homogeneidade implícita nas representações coletivas, mas para a diversidade e pluralidade das representações.

Neste sentido, a presente pesquisa trata das Representações Sociais da Festa da Uva e quais impressões a respeito da Festa estão presentes na comunidade de Caxias do Sul. Para investigar esse contexto foram analisadas as notas<sup>1</sup> publicadas sobre a Festa na coluna de Opinião do Leitor do jornal Pioneiro em edições de 1994 a 2008, tendo como recorte o mês de escolha das soberanas<sup>2</sup> de cada edição, e os meses entre janeiro e abril do ano de realização do evento, que significa o período de preparação, realização e avaliação da festa. Esse recorte temporal se justifica no sentido de que a partir da Festa de 1994 houve a tentativa de retomar o caráter festivo e comunitário original, dado à Festa da Uva.

O foco do estudo, em diálogo com a Comunicação Social, deve-se à formação e atuação da pesquisadora no campo do Jornalismo e também à abordagem de Moscovici (1978), para quem as representações são determinadas pelos meios de comunicação (jornais, rádio, conversações, etc.), pela organização social (igreja, partidos, etc.), pela organização coletiva do conhecimento e à circulação de opiniões, influenciadas pelos meios de comunicação.

A escolha do jornal Pioneiro pautou-se pelo fato de ser o mesmo a única publicação de veiculação diária na cidade de Caxias do Sul atualmente. Como o processo de comunicação social é um poderoso meio de influência junto à opinião pública, as notas foram analisadas através de seus discursos. A análise de conteúdo é uma metodologia muito utilizada dentro da teoria das Representações Sociais, “pois possibilita ao investigador

---

<sup>1</sup> **Nota** - texto curto sobre algum fato que seja de relevância noticiosa, muito comum em colunas de jornal impresso. IN: SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**, São Paulo: Summus, 1986.

<sup>2</sup> **Soberanas** – Trio composto pela Rainha e duas Princesas que representa a Festa da Uva durante a edição para a qual foi escolhido. A escolha geralmente ocorre de seis a oito meses antes do evento, no Parque de Exposições da Festa da Uva e reúne cerca de 12 mil pessoas a cada edição. As candidatas representam entidades do Município e são escolhidas por um grupo de jurados com convidados de Caxias do Sul e do RS.

descobrir aquilo que não está aparente, aquilo que não foi dito explicitamente, o que está oculto na mensagem” (BARDIN, 1977).

É neste contexto que aparece a justificativa para essa pesquisa. Os estudos sobre a Festa da Uva têm o foco direcionado para a celebração da festa, resgate histórico, gestão, atrativo turístico, receptividade e hospitalidade (DARTORA, 2005; ERBES, 2000; PEREIRA, 2007; PLENTZ, 2007; RIBEIRO, 2002; SANTOS, 2003; ZOTTIS, 2003). Essa pesquisa pretendeu conduzir o olhar para a comunidade local. Quais as representações sociais presentes em Caxias do Sul sobre as Festas da Uva nas duas últimas décadas, a partir da Coluna de Opinião do Leitor do Jornal Pioneiro? Esse é o questionamento que pretende ser respondido nesta investigação científica.

A comunidade local é parte importante do sistema turístico e componente relevante da hospitalidade de um destino. Pearce e Moscardo (2002) enfatizam que a percepção da comunidade de uma cidade frente ao turismo depende das Representações Sociais que esta apresenta em relação ao mesmo. Esse é o grande desafio dessa pesquisa. Barretto (2004), por sua vez, destaca que quando o turismo se desenvolve em lugares pequenos, que ainda apresentam características de comunidade, porque seus membros são poucos e mantêm interesses comuns, as relações e percepções sobre o fenômeno turístico são compreendidas de uma forma mais simples. Quando o turismo acontece em sociedades complexas ou grandes cidades, pode-se dizer que haveria relações diferentes entre as comunidades dessa sociedade e os turistas que a visitam.

Caxias do Sul já foi uma pequena cidade. A Caxias do Sul de agora recebeu, na última edição da Festa da Uva, em 2008, quase um milhão de visitantes. Um evento que se consolidou como atrativo turístico para além do âmbito local, mas revela múltiplos olhares e opiniões divergentes na comunidade onde está inserido. O que a população local (os *caxienses* do século XXI) pensa sobre a Festa da Uva? O que ela espera do evento?

Investigar as representações sociais a respeito da Festa da Uva presentes na comunidade, com base nas notas sobre a Festa publicadas na imprensa local nas duas últimas décadas e seus reflexos na comunidade foi o principal objetivo dessa pesquisa. Para tanto, foram considerados os seguintes objetivos específicos:

- a) Registrar as percepções sobre a Festa da Uva de Caxias do Sul presentes na comunidade local;
- b) Comparar os registros positivos e negativos presentes na comunidade local a respeito da Festa da Uva;

- c) Descrever as representações sociais sobre a Festa da Uva a partir das percepções da comunidade sobre a mesma;
- d) Avaliar qual a contribuição do jornal Pioneiro na elaboração e disseminação das representações sociais sobre a Festa da Uva na comunidade local.

Para atingir os objetivos propostos, a presente dissertação inicia o primeiro capítulo com um referencial teórico que trata do turismo dentro da perspectiva do lazer, no qual estão inseridas as festas populares. Neste sentido, o estudo promove uma reflexão sobre como o turismo, por meio das festas, pode ajudar uma comunidade a preservar sua cultura, seu patrimônio cultural e sua identidade local. Nesse capítulo também é apresentada a Teoria das Representações Sociais, seus significados, suas dimensões e suas relações com o turismo e a comunicação, as duas áreas relevantes nesta pesquisa.

No segundo capítulo, apresenta-se a metodologia da pesquisa, tendo como método de referência a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin. Neste capítulo também há uma síntese histórica sobre a Festa da Uva e um relato metodológico sobre o *corpus* da pesquisa. O terceiro capítulo revela a análise do *corpus* da pesquisa, de acordo com a categorização proposta por Laurence Bardin na Análise de Conteúdo. É um estudo descritivo sobre as percepções da comunidade local a respeito das oito edições da Festa da Uva em análise, a partir do jornal Pioneiro, e as reflexões sobre esses múltiplos olhares.

As considerações finais apresentam as interpretações da pesquisa e indicativos para futuras análises a respeito desse assunto.

## 1 O TURISMO, AS FESTAS E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Este capítulo apresenta um referencial teórico que trata do turismo dentro da perspectiva do lazer, no qual estão inseridas as festas populares. A revisão teórica promove uma reflexão sobre como o turismo, por meio das festas, pode ajudar uma comunidade a preservar sua cultura, seu patrimônio cultural e sua identidade local. Neste capítulo também é apresentada a Teoria das Representações Sociais, seus significados, suas dimensões e suas relações com o turismo e a comunicação.

### 1.1 O turismo e as festas

O turismo e o lazer estão em ascensão no mundo contemporâneo. O Brasil também acompanha essa evolução, embora em um ritmo um pouco mais lento. Entre os atrativos turísticos brasileiros, além das belezas naturais, estão as festas populares, que sempre estiveram relacionadas ao lazer e, por extensão, ao turismo.

O lazer envolve uma série de atividades realizadas no tempo livre para satisfazer desejos e vontades. Essas atividades devem proporcionar sensações de prazer e podem estar relacionadas aos esportes, festas, viagens ou outras formas de entretenimento. As preferências de ocupação do tempo livre dos indivíduos mudam de acordo com os valores, preferências e *status* social. O turismo passa a ser uma forma de lazer muito procurada por pessoas de todos os lugares. A variedade da oferta turística permite com que os turistas optem por um ou outro destino em função de inúmeros fatores motivacionais que estes podem lhes proporcionar. É possível observar diferentes interesses que influenciam essas escolhas. Gastal (2005) enfatiza que nos diferentes tipos de deslocamento turístico, além do estranhamento, do prazer e de certa ansiedade do desconhecido e do novo, haverá em comum a presença de imaginários.

*Imagens* porque, na própria cidade ou no estrangeiro, antes de se deslocarem para um novo lugar, as pessoas já terão entrado em contato com ele *visualmente*, por meio de fotos em jornais, folhetos, cenas de filmes, páginas na Internet ou mesmo por intermédio dos velhos e queridos cartões-postais. *Imaginários* porque as pessoas terão *sentimentos*, alimentados por amplas e diversificadas redes de informação que as levarão a achar um local “romântico”, outro “perigoso”, outro “bonito”, outro “civilizado”. A esses sentimentos construídos em relação a locais e objetos (e por que não, a pessoas?) temos chamado de *imaginários*. (GASTAL, 2005, p. 12-13)

Diante dessas possibilidades, cada vez mais as comunidades e as administrações públicas estão apostando nas potencialidades de suas regiões para atrair o turismo. Os imaginários criados para despertar o interesse do visitante influenciam a escolha do local a ser visitado. Além das belezas naturais, as facilidades de acesso, a questão da segurança, estrutura hoteleira, atividades de lazer, o aspecto cultural desempenha um importante papel. O turismo pode ajudar uma comunidade a preservar sua cultura e seu patrimônio cultural. E é neste sentido que se colocam as festas populares.

Rita Amaral (2001), em sua pesquisa intitulada *Festa à Brasileira - Sentidos do festejar no país que “não é sério”*, salienta que as festas ocupam um espaço privilegiado na cultura brasileira (entendida como um conjunto de valores compartilhados em todas as regiões do país), adquirindo, no entanto, significados particulares.

Ela é capaz de, conforme o contexto, diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que a realizam. É ainda o modo de se resolver, ao menos no plano simbólico, algumas das contradições da vida social, revelando-se como poderosa mediação entre estruturas econômicas, simbólicas e míticas e outras, aparentemente inconciliáveis. O festejar brasileiro, por suas características peculiares pode ser considerado até mesmo, contrariamente à ideia de “alienação” que o envolve, como uma dimensão de aprendizado da cidadania e apropriação de sua história por parte do povo. (AMARAL, 2001, s/p)

São esses significados que garantem a peculiaridade de cada festa e permitem que seja atribuído a ela um caráter educativo. Em seu estudo sobre a Festa da Uva, Ribeiro (2002) aponta o mesmo caminho. Segundo a autora, uma atividade prazerosa como uma festa pode tornar-se uma forma de conhecer e de dar a conhecer a identidade dos que as celebram. Em resumo, as festas envolvem simbolismo e ideologias das sociedades que as criam, ao mesmo tempo em que procuram representar crenças, valores, costumes, conhecimentos, entre tantos outros aspectos culturais. Por agregarem diferentes aspectos da cultura, as festas populares são um grande atrativo do turismo cultural.

No que se refere ao turismo, Bonald Neto (1983) sustenta que o papel das festas populares na cultura é o de criar meios que permitam ao turista consumir o produto cultural oferecido em cada destino turístico, fazendo com que esse turista possa ver, conhecer, participar e, ao final, levar consigo, em forma de objetos e recordações, as manifestações artísticas, esportivas, estéticas e técnicas da cultura e sociedade visitada. De acordo com McIntosh (2000), o turismo cultural cobre todos os aspectos de uma viagem de turismo, mediante a qual as pessoas aprendem acerca dos costumes e idiossincrasias do “outro”. É o

canal pelo qual um país, um estado, um município ou uma localidade específica apresenta a si mesmo aos visitantes. Os elementos culturais seriam considerados fatores distintivos desse turismo, tais como o entretenimento, a comida, a bebida, a hospitalidade, a arquitetura, os produtos manufaturados, o artesanato, a história local e todas as demais características de um determinado estilo de vida.

Para Barretto (2003), o turismo cultural seria, no sentido mais amplo, aquele que não tem um recurso natural como atrativo principal. “As coisas feitas pelo homem constituem a oferta cultural, portanto turismo cultural seria aquele que tem como objetivo conhecer os bens materiais e imateriais produzidos pelo homem” (BARRETTO, 2003, p. 22). Lima (2003) vai além e defende que o turismo cultural integra a cultura enquanto processo e enquanto produto. Enquanto processo, pelo qual um povo se identifica consigo próprio e a sua forma de vida; e enquanto produto, pela operacionalização de um conjunto de recursos, infraestruturas, serviços e criações culturais, oferecidos de forma organizada e regular num determinado tempo e lugar.

Diante dessas colocações, o turismo cultural possibilita o acesso à história, à cultura e ao modo de viver de uma comunidade. Ele vai além do lazer, porque busca conhecer lugares que guardam a história de um povo, suas tradições e manifestações culturais, históricas e religiosas. E também propicia à comunidade local a apropriação de sua história e o desenvolvimento turístico e econômico, embora a vinculação do turismo cultural e da preservação do patrimônio com o desenvolvimento econômico seja vista com restrições por alguns pesquisadores, com receio de que a história tenha menos importância do que o dinheiro, transformando o legado cultural em bens de consumo.

E é nessa linha tênue que as festas acontecem. Canclini (1983) aponta que, embora a festa não aconteça simplesmente para atender aos objetivos econômicos, de acordo com as regras do mercado de consumo e do entretenimento, é um tempo e um espaço de produção de consumo de mercadorias, comportamentos, costumes, modismos e estilos de vida que precisam ser problematizados, considerando a imbricação do capital econômico com o capital cultural. É neste sentido que a festa pode ser revelada por diferentes olhares, como o do morador local, do administrador, do pesquisador, do turista ou do gestor público. Para cada olhar surge um novo significado. Amaral (2001) cita Jean Duvignaud (1976<sup>3</sup>,1983) que reitera a participação como elemento fundamental da festa e que permite dividi-la em dois tipos básicos: *festas de participação* e *festas de representação*. Na categoria das *festas de*

---

<sup>3</sup> DUVIGNAUD, Jean. Les ombres collectives. Paris: PUF, 1973.

*participação* estão incluídas as cerimônias públicas das quais participa a comunidade. Os participantes são conscientes dos mitos que ali são representados, assim como dos símbolos e dos rituais utilizados. Já na categoria *festas de representação* estão aquelas que apresentam “atores” e “espectadores”. Os atores, que podem ser em número restrito, participam diretamente da festa organizada para os espectadores que, eles próprios, participam indiretamente do evento ao qual atribuem, entretanto, uma dada significação e pela qual são mais ou menos afetados. Os participantes são em número limitado, enquanto que os espectadores são muito numerosos, especialmente hoje, com a divulgação através da mídia. E espectadores e atores são perfeitamente conscientes das regras do jogo (ritos, cerimônias e símbolos) implícitas e percebem o evento de modo diferente, conforme o papel que lhes é atribuído.

Nesse contexto, Rosa (2002) chama a atenção para a diferença entre o comportamento festivo e o comportamento turístico. Segundo ela, por um lado, a festa é mobilizadora da atividade turística que acontece para atender a diversos interesses – histórico, rural, cultural, lazer, negócio – quando atrai visitantes de lugares diferentes, em períodos específicos, para o local onde será realizada. Por outro lado, o turismo possui, entre suas ações, um programa de atração e exploração, tendo a festa como produto turístico. Quanto mais a organização das festas se concentra nos órgãos públicos e/ou privados, menor é o significado comunitário das festas. Rosa explica que quando a organização da festa é muito marcada por interesses comerciais, recebe influências dos padrões de organização e administração ditados pela indústria cultural. A gestão passa do poder popular ao público e depois ao privado, o qual implanta valores mercadológicos com a convicção de que festa é negócio. Porém, não ocorre a neutralização dos poderes, porque, além do privado, o público, mesmo responsável apenas pelo apoio, continua participando, e o popular é elemento constitutivo.

Canclini (1983), ao estudar a mercantilização da festa, tendo o turismo como um dos seus motivadores, aponta que a investigação sobre o assunto deve ser feita com enfoque para os aspectos econômicos e simbólicos dos produtos populares, tanto a produção quanto a circulação e o consumo. No entanto, a situação deve ser compreendida numa interação dinâmica que envolve produtores e consumidores em termos de atividade e passividade. Existe uma lógica dominante, a do mercado, mas ela não é a única.

Rosa (2002) também aborda esse aspecto e destaca que o turismo, como a festa, é um signo de valor social. Sua prática não significa simplesmente conhecer um determinado lugar, consumir objetos, sons, costumes e culturas. Ao participar de atividades as pessoas não

permutam apenas mercadorias, mas símbolos, significações, serviços e informações, ou seja, um consumo com valor social. Esse consumo, mesmo acontecendo no momento de lazer, do tempo livre, surge como tempo altamente produtivo. Para Baudrillard (1995), apesar de ser economicamente improdutivo, esse tempo inclui uma produção de valor (distinção, estatutário, prestígio), e produzir valor (signo) é prestação social obrigatória, sendo contrário à passividade. Esse valor social está presente na construção das festas, pois apresentam um caráter ideológico, uma vez que comemorar é, antes de tudo, conservar algo que ficou na memória coletiva. Moura (2003, p. 38), por sua vez, salienta que “há sempre uma crença a ser defendida, toda festa tem uma longa história que aponta uma enorme quantidade de interesses espirituais e materiais, constantemente alterados no decorrer de sua existência”. De acordo com esses interesses, Moura elaborou uma caracterização das festas populares brasileiras, começando por seus componentes estruturais, identificados por ele como *religiosos*, *profano-religiosos* e *profanos*. Os *religiosos* são aqueles ministrados por sacerdotes ou por pessoas autorizadas pela Igreja, como missa, procissão, bênção, novena e reza. Os *profano-religiosos* envolvem os ministrados por leigos com aprovação do sacerdote, homenageando as figuras sacras, de modo alegre e festivo: levantamento de mastro, bailados como congados, folia de reis, Império do Divino, Reinado do Rosário, Pastorinhas. Os *profanos* têm caráter de diversão e visam segurar os visitantes mais tempo nas festas: danças, comidas, barraquinhas.

No decorrer do tempo, os componentes estruturais iriam se extinguindo e dando lugar a outros. A dinâmica dos componentes pode indicar mudanças na festa ao longo do tempo. “Os componentes de uma festa que mais atraem público são os religiosos e os profano-religiosos. Contudo, os componentes profanos completam os dois primeiros. Há uma interação entre as categorias de componentes” (MOURA 2003, p. 38).

Nessa evolução das festas, os aspectos culturais também vão evoluindo. Músicas, histórias, danças vão ganhando releituras e se adaptando à realidade do momento e ao gosto popular. Mas mesmo assim não perdem suas características de pertencimento. As festas permanecem. Mesmo que não exista mais o original, os aspectos culturais continuam preservados. Barretto (2001) destaca que nada nem ninguém permanece absolutamente idêntico a si mesmo para sempre. Manter a identidade local é tentar impedir o processo normal pelo qual pessoas e sociedade evoluem. Porém, ela salienta que o turismo, com base no legado cultural, permite que se mantenha, em um lugar específico, um determinado período de tempo que deu origem a essa comunidade. Para Barretto (2001):

[A festa]permite que a comunidade, de alguma forma, engaje-se no processo de recuperação da memória coletiva, de reconstrução da história, de verificação das fontes. Permite, até mesmo, que muitos membros dessa comunidade adquiram, pela primeira vez, consciência do papel que sua cidade representou em determinado cenário e em determinada época. (BARRETO, 2001, p. 49)

As festas populares tornam-se um importante referencial para a preservação da cultura no país. Moura (2003) enfatiza que as festas são o grande motor do turismo nacional, e constituem, assim, um dos grandes patrimônios culturais do Brasil.

Ao estudar as festas no interior de vários estados brasileiros, Carlos Rodrigues Brandão (1989) percebeu sua importância para a vida daqueles que as realizam e delas participam. Segundo ele, a festa é:

O lugar simbólico onde cerimonialmente separam-se o que deve ser esquecido e, por isso mesmo, em silêncio não-festejado, e aquilo que deve ser resgatado da coisa ao símbolo, posto em evidência de tempos em tempos, comemorado, celebrado. (BRANDÃO 1989, p. 8)

A festa utiliza os mesmos sujeitos, objetos e estrutura de relações da vida social e os transfigura. Ela se apossa da rotina, mas não a rompe; excede sua lógica.

## **1.2 Festa e identidade**

Quando uma comunidade realiza uma festa, está alimentando sua identidade local. Num sentido geral, identidade envolve o pertencimento que as pessoas trazem enquanto seres simbólicos que o são. Elas pertencem a algum grupo, sentem afinidade com algo que lhe resgata algo seu, e tudo isto é chamado de identidade. Martins (2003) ressalta que os estudos da cultura dos grupos apresentam alguns elementos fundamentais como identificadores étnicos, os quais são muito importantes para os processos de identidade. Entre esses elementos estão o território, a história, a cultura, a comunicação e o patrimônio produzido. Segundo ele, todo grupo, para poder existir, necessita de uma cultura que o sustente, vivenciada no sentido comum e repassada através de comunicação, para manter o sentido de pertencer entre seus integrantes.

As festas são exemplo de consolidação desta identidade local, onde a comunidade procura valorizar a sua história através da preservação da sua cultura. Amaral (2001) sintetiza que, das maiores às menores, todas as festas não apenas atualizam mitos, como revivem e colocam em cena a história do povo, contada sob seu ponto de vista.

Ela é, como vimos, desde os primeiros tempos da colonização, um dos lugares ocupados pelo povo na história brasileira, talvez uma de suas primeiras conquistas reais, e nela ele se vê e se representa em papéis ativos. Desfilando pelas ruas a riqueza de suas relações com outros grupos, o privilégio de suas relações com as divindades todas que ouvem suas preces e lhe entregam milagres, ele se reconhece. Como se reconhece em força nas massas que caminham por grandes avenidas, empurrando carros alegóricos com símbolos de sua história, empurrando a própria história, em toda sua riqueza, levando em frente suas paixões e suas utopias. E a breve substituição do poder oficial estabelecido por um poder de fantasia, mágico, pode ainda ser o meio para comunicar ao primeiro as críticas sociais e aspirações que não o alcançam no curso ordinário da vida política. (AMARAL, 2001, s/p)

A ideia de identidade local, na qual a comunidade se reconhece como pertencente a um grupo, também é enfatizada por Barretto (2001), quando escreve sobre o legado cultural e identidade.

Manter algum tipo de identidade – étnica, local ou regional – parece ser essencial para que as pessoas se sintam seguras, unidas por laços extemporâneos a seus antepassados, a um local, a uma terra, a costumes e hábitos que lhes dão segurança, que lhes informam quem são e de onde vêm, enfim, para que não se percam no turbilhão de informações, mudanças repentinas e quantidade de estímulos que o mundo atual oferece. (BARRETTO, 2001, p. 46)

Para contrapor o mundo globalizado atual, onde há padronização de gostos, atitudes, valores e expressões, que acabam deixando os locais “iguais”, Barretto defende a recuperação da memória coletiva, mesmo que seja para reproduzir a cultura local para os turistas já que isso, numa etapa posterior, irá levar à recuperação da “cor local” e, num ciclo de realimentação, a uma procura por recuperar o passado comum. Martins (2003) aponta para uma evolução maior, cujo homem está num processo em que aprende a ver o seu potencial de povo, a sua identidade como algo peculiar e apenas seu. O fenômeno do turismo sai da exploração e chega à valorização do fazer e ser local, partindo do homem local. Isso agrega outros fatores e valores que levarão em breve o turismo regional à sustentabilidade.

É neste contexto de valorização e preservação da cultura local que as festas populares se apresentam. É importante que cada comunidade consiga preservar a sua identidade da melhor forma possível, seja numa festividade para o próprio grupo, numa festa de divulgação regional ou até mesmo como uma oferta turística. Porém, é necessário que a comunidade tenha a dimensão de onde quer chegar, para que, ao invés de ser promotora do turismo cultural, passe a ser explorada pela indústria do turismo. Amaral (2001) aborda esse assunto em sua pesquisa.

No Brasil, também, as festas populares movimentam milhões de dólares em sua produção, providos por patrocinadores que as vêm usando como mais um lucrativo

espaço para a inserção de propaganda e promoção de consumo, investindo a cada ano mais neste filão [...]. Não se trata, contudo, de a festa ter sido invadida pela publicidade e arrancada das mãos populares e, sim, da necessária negociação para seu crescimento juntamente à percepção, por parte das populações, das vantagens, além do divertimento, que ela é capaz de proporcionar ao crescer, mesmo se para isso for preciso que algo se transforme um pouco. Deste modo, as grandes festas já não são festas “espontâneas”, mas cuidadosamente planejadas, para as quais os preparativos são feitos com muita antecedência e implicam a organização permanente de pessoas encarregadas de executar inúmeras tarefas. No caso das pequenas festas, isto também acontece, embora em escala menor, pois nela os patrocinadores são pessoas do povo. (AMARAL, 2001, s/p)

A mercantilização e a transformação da festa em produto, apontados por Amaral, podem significar uma ameaça a identidade local. Apesar de ainda preservar, de alguma forma, a história, a cultura e o patrimônio, esse processo pode ter efeitos negativos. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar a comunidade e a cultura local ao distanciamento de sua identidade. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade.

É inegável que todas as festas recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais. Porém, DaMatta (1986) alerta que na festa toma-se consciência de coisas gratificantes e dolorosas. Segundo ele, aquilo que passa despercebido ou nem mesmo é visto como algo maravilhoso ou digno de reflexão, estudo ou desprezo no cotidiano, é ressaltado e realçado nas festas, alcançando um plano distinto. As festas permitem descobrir oscilações entre uma visão alegre e uma leitura soturna da vida.

Que não podemos comparecer porque não somos da mesma classe social; que não podemos desempenhar papel importante porque não somos daquela corporação; [...] que nosso amigo é excelente orador porque foi a festa que o destacou como tal. São inúmeras as situações em que a festa promove a descoberta do talento, da beleza, da classe social, do preconceito e da alegria. (DAMATTA, 1986, p. 81-82)

Esse aspecto aponta para um conceito que surgiu com a pós-modernidade a respeito das identidades. Hall (2004) afirma que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente seria uma fantasia. De acordo com o autor, as identidades não são unificadas, podendo haver contradições no seu interior que devem ser negociadas. O próprio conceito de identidade envolve o exame de sistemas classificatórios, que mostram que as relações sociais são organizadas e divididas em pelo menos dois grupos em oposição, nós e eles.

Na construção dessas identidades, o passado e o presente exercem um importante papel. Kathryn Woodward (2000) destaca que a contestação no presente busca justificativa para a criação de novas e futuras identidades nacionais, evocando origens, mitologias e

fronteiras no passado. Os atuais conflitos estão, com frequência, concentrados nessas fronteiras, nas quais a identidade nacional é questionada e contestada. A fragmentação dessas identidades demonstra que elas são construídas através de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. Para Hall (2000), essa fragmentação sofre influências dos processos de globalização.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. (HALL, 2000, p. 108-109)

A partir do olhar de Hall, é possível dizer que a construção da identidade se dá através de discursos que carregam influências políticas e sociais, além de agregar um imaginário criado no contexto onde ele esteja inserido. Stuart Hall enfatiza que, justamente por serem construídas dentro e não fora do discurso, faz-se necessário compreender que as identidades são produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.

Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. (HALL, 2000, p. 109-110)

O discurso unificado e de interesse coletivo na formação da identidade já era refutado por Pierre Bourdieu quando fez uma reflexão crítica sobre a ideia de região, utilizando como elementos a identidade e a representação, na sua obra *O Poder Simbólico*. Segundo ele, a formação da identidade étnica ou regional se dá através das “lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer grupos” (BOURDIEU, 2001, p.113). Para Bourdieu, não existe uma percepção naturalizada das fronteiras; tudo é criado e referendado por instâncias de legitimação. Isso acontece quando o grupo passa a ter a existência conhecida e reconhecida num amplo cenário social.

Para que a legitimação aconteça, as propriedades simbólicas, mesmo as mais negativas, podem ser utilizadas estrategicamente em função dos interesses materiais e também simbólicos de seu portador.

A procura dos critérios “objetivos” de identidade “regional” ou “étnica” não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialecto ou o sotaque) são objecto de *representações mentais*, quer dizer, de actos de percepção e apreciação, de conhecimento e reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de *representações objectais*, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em actos, estratégias interessadas em manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores. (BOURDIEU, 2001, p. 112)

O efeito que esse discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém, mas depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo a sua identidade, está fundamentado, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo. O autor ressalta que, dentro desse grupo, as minorias não têm outra alternativa a não ser legitimar o discurso.

Quando os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interacções da vida quotidiana, não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou da busca da *assimilação* a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (no estilo de vida, no vestuário, na pronúncia, etc.) e que tenha em vista propor, por meio de estratégias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima. (BOURDIEU, 2001, p. 124)

Para contrariar a ideia de dominação, muitas vezes as minorias apostam no discurso regionalista que, segundo Bourdieu, é um discurso *performativo*. Esse discurso tem em vista impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a *região* assim delimitada, contra a definição dominante, portanto, reconhecida e legítima, que a ignora. Na visão dele, “a revolução simbólica contra a dominação simbólica e os efeitos de *intimidação* que ela exerce tem em jogo não a conquista ou a reconquista de uma identidade, mas a reapropriação coletiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação da sua própria identidade de que o dominado abdica em proveito do dominante enquanto aceita ser negado ou negar-se para se fazer reconhecer” (BOURDIEU, 2001, p. 125).

Nas lutas a respeito da identidade étnica ou regional está em jogo o poder de impor uma visão de mundo social. Bourdieu lembra que o mercado de bens simbólicos tem as suas leis que não são as da comunicação universal entre sujeitos universais. Na lógica

propriamente simbólica da distinção – em que existir não é somente ser diferente, mas também ser reconhecido legitimamente diferente – “qualquer unificação, que *assimile* aquilo que é diferente, encerra o princípio da dominação de uma identidade sobre outra, da negação de uma identidade por outra” (BOURDIEU, 2001, p. 129).

O desafio nas discussões para a construção de uma identidade local, muito presentes quando se trata de turismo e cultura, e no caso dessa pesquisa, das festas, está em não buscar uma unificação e, sim, valorizar as diferenças presentes na comunidade local. E os espaços culturais e das festas são propícios para isso. Grünewald (2003) apresenta as arenas turísticas como um espaço que pode ser muito bem aproveitado para o posicionamento (discursivo) das comunidades étnicas no mundo globalizado, pois “essas comunidades acabam muitas vezes por fazer dessas arenas os pontos de onde conseguem falar de si ao mundo, um mundo pós-moderno que necessita cada vez mais do primitivo como contraponto estratégico” (GRUNEWALD, 2003, p. 155).

Ao resgatar o passado e valorizar o presente, as comunidades recuperam a sua história e buscam na realidade atual a sua verdadeira identidade, reconhecendo as diferenças e legitimando-as e criando, assim, novas fronteiras.

### **1.3 Teoria das Representações Sociais**

A presente pesquisa partiu da perspectiva da Teoria das Representações Sociais, dentro da Psicologia Social. Devido a seu caráter interdisciplinar, tem sido aplicada nas diferentes áreas do conhecimento. É importante salientar que não se pretende esgotar as possibilidades de discussão do referido campo, mas buscar subsídios para o entendimento de alguns aspectos fundamentais para a análise desse estudo.

A teoria das representações sociais tem suas origens na Sociologia, através de Durkheim. Inicialmente ela era chamada de representação coletiva. Minayo (1995) cita Durkheim ao afirmar que as representações coletivas traduzem a maneira como o grupo pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Diante deste contexto, para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, é preciso considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos.

O conceito de representações sociais é mencionado pela primeira vez por Moscovici (1978) dentro da Psicologia Social, em 1961, com a publicação do livro *La Psychanalyse: Son image et son public*. Moscovici propôs um novo olhar, não para a homogeneidade implícita nas representações coletivas, mas para a diversidade e pluralidade das representações, e

propôs substituir o adjetivo coletivo defendido por Durkheim pelo adjetivo social, para descartar a oposição individual *versus* coletivo. O autor enfatiza a comunicação, que possibilita fazer algo individual tornar-se social.

Para Moscovici (2003), todas as interações humanas, sejam entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações. Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação, portanto, elas não são criadas por um indivíduo isoladamente.

Sempre e em todo lugar, quando nós encontramos pessoas ou coisas e nos familiarizamos com elas, tais representações estão presentes. A informação que recebemos, e à qual tentamos dar um significado, está sob seu controle e não possui outro sentido para nós além do que elas dão a ele. (MOSCOVICI, 2003, p. 40)

Moscovici explica que as representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos.

Elas sempre possuem duas faces, que são interdependentes, com duas faces de uma folha de papel: a face icônica e a face simbólica. Nós sabemos que: representação = imagem/significação; em outras palavras, a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem. [...] A própria linguagem, quando ela carrega representações, localiza-se a meio caminho entre o que é chamado de a linguagem de observação e a linguagem da lógica: a primeira, expressando puros fatos – se tais fatos existem – e a segunda, expressando símbolos abstratos. Este é, talvez, um dos mais marcantes fenômenos de nosso tempo – a união da linguagem e da representação. (MOSCOVICI, 2003, p. 46)

Uma vez criadas, as representações sociais adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem, se repelem e dão oportunidade ao surgimento de novas representações, enquanto que as velhas representações morrem. Neste sentido, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu. Isso porque, segundo Moscovici, não é suficiente começar diretamente de tal ou tal aspecto, seja do comportamento, seja da estrutura social, pois uma representação condiciona ou até mesmo responde a elas.

Isso é assim, não porque ela possui uma origem coletiva, ou porque ela se refere a um objeto coletivo, mas porque, como tal, sendo compartilhada por todos e reforçada pela tradição, ela constitui uma realidade social *sui generis*. Quanto mais sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais fossilizada ela se torna. O que é ideal, gradualmente torna-se materializado. Cessa de ser efêmero, mutável e mortal e torna-se, em vez disso, duradouro, permanente, quase imortal. (MOSCOVICI, 2003, p. 41)

Portanto, as representações sociais podem ser entendidas como o processo de apropriação do mundo pelo homem, a partir de suas vivências, das informações sobre o objeto e das interações com outros homens. Beristain, Liu, Páez et al. (2007), em seus estudos sobre representações sociais da história, constatam que existem representações ou crenças compartilhadas de forma similar em diferentes culturas sobre aspectos importantes da história mundial. O que diferencia as representações é a forma de transmissão dessas informações. As que são transmitidas no cara-a-cara entre gerações, o que geralmente ocorre num ciclo de três gerações, tem muito mais influência do que outras recordações mais abstratas transmitidas de forma mais distanciada.

Moscovici (1978) define as representações sociais como um conjunto de conceitos, proposições e explicações originados na vida cotidiana, no curso das comunicações interpessoais. Podem ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. São teorias, ciências que interpretam e elaboram o real. Para Jodelet, citada por Guareschi e Jovchelovitch (1995), as representações sociais são uma forma de conhecimento, socialmente elaboradas e compartilhadas, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Já Guareschi (1995) aponta vários elementos que costumam estar ligados ao conceito de representações sociais. Segundo ele, há elementos dinâmicos e explicativos, tanto na realidade social, física ou cultural; elas possuem uma dimensão histórica e transformadora; nelas estão presentes aspectos culturais, cognitivos e valorativos, isto é, ideológicos. É um conceito sempre relacional e, por isso mesmo, social, pois se constitui numa realidade presente nos objetos e nos sujeitos.

Jovchelovitch (2000, p. 40) defende que as representações sociais são fenômenos simbólicos desenvolvidos na esfera pública: “É no encontro público de atores sociais, nas várias mediações da vida pública, nos espaços em que os sujeitos sociais reúnem-se para falar e dar sentido ao cotidiano que as representações são formadas”. Sá (1995) destaca que o campo das representações sociais, passando pelo teste da crítica externa e beneficiando-se da crítica interna, tem se mostrado cada vez mais produtivo. Seu valor heurístico se evidencia pela crescente diversidade de questões cuja pesquisa tem inspirado e às quais tem proporcionado os referenciais teóricos.

Os conceitos apresentados por diferentes autores contribuem para compreender melhor o que são as representações sociais. Estudar esse assunto é buscar conhecer o modo de como um grupo humano constrói um conjunto de saberes que expressam a identidade de um grupo social, as representações que ele forma sobre uma diversidade de objetos, tanto

próximos como remotos, e principalmente o conjunto dos códigos culturais que definem, em cada momento histórico, as regras de uma comunidade.

A Teoria das Representações Sociais colocou os saberes do senso comum em uma categoria científica. Ela veio valorizar este conhecimento popular, tornando possível e relevante sua investigação.

### 1.3.1 Representações sociais e seus significados

Para gerar representações sociais, o objeto deve ter relevância cultural. O fato de que as representações sociais sejam estruturadas nos indica que não há por que existir uma representação social para cada objeto em que se possa pensar. Oliveira e Werba (2002) abordam que a quantidade e a forma das informações sobre o objeto, assim como os meios pelos quais elas se tornam acessíveis aos sujeitos, o grau de interesse intrínseco ou circunstancial que o objeto desperta e a necessidade mais ou menos premente de seu conhecimento para o grupo são variáveis que certamente afetarão – e por isso poderão explicar, pelo menos parcialmente – o conteúdo e a estrutura da representação.

Pode-se afirmar que há várias interpretações ou representações dos acontecimentos sociais, segundo a visão de quem os analisa. As representações não são conceitos prontos, pois, nesse campo, não há um consenso, uma fórmula. Cada teórico interpreta à sua maneira. Na maioria das vezes, o indivíduo pratica determinadas ações, como comprar e votar, não por razões lógicas, racionais ou cognitivas, mas por razões principalmente afetivas, simbólicas, míticas, religiosas, etc. É importante conhecer essas representações para compreender o comportamento das pessoas. Entender os modelos de representação social e o seu significado é pré-condição para entender a si próprio, ao seu grupo e, concomitantemente, as relações vindouras desta teia psico-sócio-cultural, decorrente desta relação intrínseca. Ao pensar na sua postura pessoal, no seu eu interior, o indivíduo é levado a pensar no outro, na relação do coletivo enquanto proposta de vida para todos.

Moscovici (2003) explica que as representações sociais foram criadas para tornar *familiar o não familiar*. As pessoas tendem a rejeitar o estranho, o diferente, a negar as novas informações, sensações e percepções que trazem desconforto. Para compreender os conceitos de *familiar e não familiar* é preciso entender as noções de *Universos Reificados* e *Universos Consensuais* apresentados pelo autor. Os *universos reificados* são mundos restritos, onde circulam as ciências, a objetividade ou as teorizações abstratas. Neste universo, a sociedade é percebida como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais.

Já os *universos consensuais* são as teorias do senso comum, onde encontram-se as práticas interativas do dia-a-dia e a produção de representações sociais. Neste universo a sociedade é vista como um grupo de pessoas que são iguais e livres, cada um com possibilidade de falar sobre o grupo.

O *não familiar* situa-se e é gerado, muitas vezes, dentro do universo reificado das ciências e deve ser transferido ao universo consensual do dia-a-dia. Essa tarefa é, geralmente, realizada por divulgadores científicos de todos os tipos, como jornalistas, comentaristas econômicos e políticos, professores, propagandistas que têm nos meios de comunicação de massa um grande recurso. Moscovici ressalta que as representações são determinadas pelos meios de comunicação (jornais, rádio, conversações, etc.) e pela organização social (igreja, partidos, etc). Também, a organização coletiva do conhecimento e a circulação de opiniões são influenciadas pelos meios de comunicação.

Para assimilar o *não familiar*, Moscovici (2003) identifica dois processos básicos geradores de representações sociais: ancoragem e objetivação. A ancoragem traz para categorias e imagens conhecidas o que não está ainda classificado e rotulado. Transforma o que é estranho em algo familiar, ou seja, ancora o desconhecido em representações já existentes. Assim, o novo objeto de representação ganha sentido. A ancoragem implica, na maioria das vezes, em juízo de valor. A objetivação é o processo pelo qual procuramos tornar uma realidade em concreta e visível. Procuramos aliar um conceito com uma imagem, que deixa de ser signo e passa a ser uma cópia da realidade. A objetivação e a ancoragem são as formas específicas de mediação social das representações sociais, que elevam para um nível material a produção simbólica de uma comunidade.

Objetivar é condensar significados diferentes – que podem ser ameaçadores, ou indizíveis – para fazê-los familiares, domesticados. Ao assim fazer, sujeitos sociais ancoram o desconhecido em uma realidade já institucionalizada e deslocam a geografia dos significados estabelecidos que as sociedades lutam para perpetuar. Estes são processos que mantêm e desafiam, que produzem e superam, que se formam, e, ao mesmo tempo, ajudam a formar a vida social da comunidade. (Jovchelovitch, 2000, p. 81-82)

É através da objetivação e da ancoragem que a comunidade se apropria, internaliza e dá sentido ao seu mundo vivido, a partir das suas estruturas significativas e de sua identidade local.

Nas manifestações das representações sociais é possível a identificação das seguintes dimensões: atitude, informação e campo de representação. Moscovici (1978) destaca que a atitude expressa a orientação global em relação ao objeto das representações sociais, uma

tomada de posição do sujeito em relação ao objeto da representação, implicando juízo de valor e qualificação positiva, negativa ou de posição neutra. Sobre a dimensão informação, o autor esclarece que ela é a organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social. O grau de informação que os indivíduos possuem pode variar em quantidade e qualidade e depende de certos fatores. Os sujeitos com mais conhecimento social têm melhores condições de informação sobre um objeto. Paiva (1994) salienta que a informação também pode ser nula ou atingir extremos de complexidade e coerência.

O campo de representação é identificado por Moscovici (1978) como uma dimensão que se organiza em torno do núcleo figurativo, que confere significação a todos os elementos presentes. O núcleo figurativo constrói-se através do processo de objetivação e provém da transformação de diversos conteúdos conceituais, relacionados com um objeto em imagens, tornando-os mais acessíveis ao pensamento concreto. São essas três dimensões – atitude, informação e campo de representação – que influenciam na formulação das ideias e percepções que se expressam nos conceitos e imagens atribuídas ao objeto da representação social.

### 1.3.2 Representações sociais e a imprensa

Os meios de comunicação, devido à intensidade de sua penetração nos mais variados segmentos, em praticamente todos os domínios da vida social, associados a seu profundo impacto na sociedade contemporânea, têm sido objeto de estudo de muitos cientistas sociais. E não é por acaso. Basta analisar rapidamente a presença dos meios de comunicação na vida social contemporânea para descobrir a extensão das transformações que eles introduziram. Jovchelovitch (2000) considera que estas mudanças não são apenas relacionadas a novas redes de informação circulando em uma sociedade cujas relações fundamentais permaneceram inalteradas. Pelo contrário, os meios de comunicação se tornaram constitutivos da vida social.

Eles alteraram modos de interação, transformaram o acesso a, e o consumo de, bens simbólicos, re-estruturaram a política institucional e como não poderia deixar de ser eles mudaram radicalmente as fronteiras entre a esfera pública e privada. Em relação a esta última questão, os meios de comunicação têm desempenhado, e ainda desempenham um papel central. (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 89)

Lane (1995) cita Moscovici ao chamar a atenção para o papel das comunicações de massa na produção das representações sociais, tanto coletivas, como individuais. Para ele, é

justo afirmar que, se as representações são sociais, não é apenas por causa de seu objeto comum ou pelo fato de que elas são compartilhadas. Elas o são igualmente pelo fato de que são produtos de uma divisão de trabalho que as marcam de uma certa autonomia. “São todas aquelas pessoas que se consagram à difusão de conhecimentos científicos e artísticos, com médicos, terapeutas, assistentes sociais, animadores culturais, especialistas em mídia e em marketing político” (LANE, 1995, p. 60).

Em seu estudo sobre as Representações Sociais e a Esfera Pública, Jovchelovitch (2000) sustenta que a mídia é um ator chave no exercício do poder, de forma particular naquelas sociedades onde a mídia, a indústria e o governo estão nas mãos da mesma família e onde a ausência de uma esfera pública forte impede o escrutínio dos interesses privados que dirigem a indústria das comunicações.

Levando em conta a maneira como a mídia transforma e, de certa forma, define a circulação de bens simbólicos na sociedade contemporânea, ela se torna uma fonte importante de reflexão para o estudo das representações sociais. O vínculo entre a formação e a transformação das representações sociais e os meios de comunicação de massa merece atenção cuidadosa.

O estudo original de Moscovici, em 1961, sobre psicanálise contém uma análise detalhada da imprensa francesa, e foi através dessa análise que o autor desenvolveu as noções de difusão, propaganda e propagação como sistemas de comunicação e estabeleceu sua importância para o desenvolvimento das representações sociais.

A imprensa interpreta a realidade e, ao desempenhar esse papel, ela se utiliza de dispositivos que são típicos da linguagem e das intenções que a sustenta. Jovchelovitch (2000) cita Hall ao observar que as ideologias presentes em fotos e textos de um jornal não produzem novos saberes sobre o mundo mas, sim, um reconhecimento do mundo tal como já aprendemos a apropriá-lo. Em resumo, os jornais perpetuam e, ao mesmo tempo, constroem representações sociais. Porém, a imprensa também funciona como uma mediação da vida social, construindo canais de comunicação e informação na vida cotidiana. A intenção dessa análise não é a de condenar ou idolatrar a imprensa, mas de propor uma reflexão sobre o papel dos meios de comunicação na formação das representações sociais de uma comunidade.

### 1.3.3 Representações sociais e o turismo

A partir da Teoria das Representações Sociais é possível ampliar a compreensão das relações entre o Turismo e a comunidade, pois a comunidade, do mesmo modo que o turismo,

não é uma entidade isolada. Ross (2001) sugere o modelo das Representações Sociais para a compreensão dos processos da comunidade em contextos como o crescimento do Turismo. O autor afirma que uma das perspectivas mais fundamentais nessa formulação teórica é a ideia de continuidade e de percepções e formas de pensar no nível da comunidade. Pearce e Moscardo (2002) reforçam que a teoria das Representações Sociais é uma abordagem teórica que acrescenta compreensão à área do Turismo.

Hallal (2004), ao estudar as Representações Sociais do Turismo na comunidade local de Pelotas, argumenta que compreender as representações sociais no turismo permite explicar não só os comportamentos com relação à atividade turística e ao turista, mas também como essas representações são apreendidas e reconstruídas pela comunidade, servindo de referência à construção da sua identidade. O estudo realizado por Castro (2007) a respeito das representações sociais dos moradores de Rio Pardo sobre o patrimônio histórico-cultural mostra que, seja no seu conteúdo, nas suas dimensões ou no seu processo, as representações sociais oferecem possibilidades de perceber atitudes e conceitos que refletem e orientam pensamentos, opiniões e ações. É possível, então, compreender que, em cada expressão pessoal, podem ser encontradas ideias que expressem o pensamento coletivo.

Em sua pesquisa, Hallal (2004) cita Oliveira<sup>4</sup> sobre a percepção dos grupos receptores e dos turistas referente ao Turismo na Ilha de Campeche, em Santa Catarina. Nas conclusões de seus estudos, foram apontados três aspectos fundamentais que dão significado à representação social: (1) o papel fundamental do lazer, enquanto um valor construído historicamente e em amplo sentido associado ao turismo e à viagem turística; (2) o aspecto econômico, em que está ressaltado o valor do lucro associado ao turismo e também à circulação de dinheiro; (3) e o aspecto referente à noção de riscos ambientais e também sociais implicados na atividade turística. As atitudes provocadas pelo turismo são partes de uma grande representação da forma pelo qual as indústrias e os fenômenos sociais importantes são percebidos. Essas amplas atitudes sociais são alimentadas pela mídia e pelas conversas diárias. A lógica e o conteúdo das representações sociais envolvem comunicação, discussão e interação social.

Dartora (2005) pesquisou sobre o turismo e seus discursos na Cidade de Caxias do Sul, também partindo da Psicologia Social, trabalhando os conceitos de percepção, de atitude da Teoria da Atribuição. Aplicada somente com pessoas que atuam diretamente com o

---

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Maria Conceição de. Representações Sociais do Turismo na Praia do Campeche – Ilha de Santa Catarina: por uma abordagem interdisciplinar. Tese (Doutorado). Universidade de Santa Catarina, 2003.

turismo, o estudo apontou que os profissionais veem nos municípios vizinhos um maior número de atrativos turísticos em função de estes locais receberem um número maior de turistas. Outro aspecto apontado é o fato de os municípios vizinhos (Gramado, Canela, Bento Gonçalves, etc.) estarem sempre na mídia, e por Caxias do Sul aparecer somente no período que antecede a Festa da Uva. Aliás, a festa maior da cidade é vista por alguns entrevistados como o único atrativo turístico que Caxias possui. As impressões apresentadas na conclusão da pesquisa de Dartora podem ser consideradas como representações sociais dos profissionais do turismo sobre a cidade, sobre o desenvolvimento turístico e também sobre o evento maior do município: a Festa da Uva. Esses apontamentos chamam a atenção para outro aspecto: se os profissionais que atuam na área do turismo possuem essa visão, o que pensa a comunidade caxiense em geral sobre a Festa da Uva, foco da presente pesquisa? Quais representações sociais foram construídas a respeito do assunto? Buscar respostas para essas perguntas é o objetivo desse estudo.

## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para investigar as Representações Sociais sobre a Festa da Uva presentes na comunidade de Caxias do Sul/RS, com base nos registros feitos a respeito do evento na imprensa local, o método de pesquisa utilizado será a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Tal método consiste em identificar temas, localizando os *núcleos de sentido* que estão presentes em palavras, frases ou resumos. Bardin (1977) define a análise de conteúdo como sendo:

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

A definição da metodologia fez-se necessária para investigar as Representações Sociais sobre a Festa da Uva presentes na comunidade de Caxias do Sul, tendo como referencial, no primeiro momento, os jornais Caxias, Pioneiro e Stafetta Riograndense, todos editados na cidade, e os conteúdos publicados a respeito do assunto nas sete décadas da festa em Caxias do Sul. A escolha dos documentos está amparada em Moscovici (1978), quando diz que as representações são determinadas pelos meios de comunicação (jornais, rádio, conversações, etc.) e pela organização social (igreja, partidos, etc.).

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo pode ser uma análise dos “significados” (análise temática), embora possa ser também uma análise dos “significantes” (análise léxica, análise de procedimentos). Ela salienta que um dos objetivos da análise é saber o que está por trás das palavras. É uma busca de outras realidades através das mensagens. Isso significa que é uma leitura buscando avançar para além do texto, para alcançar os possíveis subtextos contidos nas mensagens. Neste contexto, Avena (2006) ressalta que o analista faz a tentativa de compreender o sentido da comunicação desviando o seu olhar para outros significados que não aqueles evidentes, explícitos. “O seu olhar está voltado para outras mensagens que se encontram nas entrelinhas e não ao pé-da-letra, mensagens que estão num segundo plano”. (AVENA, 2006, p. 101) Sendo assim, as informações publicadas nos jornais locais podem fornecer os dados necessários para avaliar quais são as representações sociais da comunidade caxiense a respeito da Festa da Uva.

Para realizar esse estudo é preciso obedecer a uma estrutura de análise. Bardin (1977) argumenta que as análises de conteúdo estão organizadas em três pólos cronológicos: a

pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Na pré-análise apresenta um roteiro de trabalho a ser explorado: a primeira etapa é a leitura “flutuante”, na qual o pesquisador tem o primeiro contato com os documentos a analisar e procura conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações. A ideia inicial da pesquisa era ampliar o olhar ao máximo possível a respeito da Festa da Uva e suas representações, por isso a ampla pesquisa nas sete décadas do evento.

Na etapa seguinte proposta pela autora, acontece a escolha dos documentos, o que representa a definição do universo a ser analisado. Para definir esse universo, muitas vezes é necessária a constituição de um *corpus* – conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. Neste momento, a partir da pesquisa da etapa anterior e da verificação do que já tinha sido produzido a respeito do assunto, inclusive por autores utilizados como referência neste estudo, foi possível definir o *corpus* de análise. Como as pesquisas realizadas não tratavam da história recente da festa, a delimitação temporal foi definida tendo como referência Ribeiro (2002), que apontou, entre as etapas marcantes da festa, a transformação ocorrida a partir da década de 1990, fazendo com que a Festa da Uva se tornasse realmente “festa” e não “feira”, uma vez que esse último perfil teria sido rejeitado pela população.

A pergunta sobre “como a comunidade reagiu a essa mudança e no que a festa se transformou a partir deste contexto” norteou a próxima etapa da análise proposta por Bardin: formular hipóteses e objetivos do estudo. A quarta e última etapa diz respeito à referenciação dos índices, à elaboração dos indicadores e à preparação do material, que tem por finalidade organizar os documentos para a análise posterior.

O recorte da pesquisa evidencia oito edições da Festa da Uva (1994, 1996, 1998, 2000, 2002, 2004, 2006 e 2008). Os documentos organizados se consolidaram no *corpus* do estudo com 279 opiniões registradas na Coluna do Leitor do Jornal Pioneiro no período das edições do evento, envolvendo o mês de escolha das soberanas e também o período de preparação, realização e avaliação do evento, entre os meses de janeiro e abril de cada edição. Todas as opiniões são de moradores de Caxias do Sul.

A escolha do jornal Pioneiro teve como critério o fato de ser o único de veiculação diária na cidade, e a decisão pela “Coluna do Leitor”, também apresentada em alguns momentos como “Cartas” ou “Coluna de Opinião”, deu-se devido à possibilidade de analisar depoimentos que garantissem a opinião do leitor de uma forma direta, já que o texto tem a assinatura de quem o escreveu. A integralidade das opiniões na coluna pode ser contestada por alguns estudiosos, porém o editor da Coluna do Leitor do Jornal Pioneiro, na época da

pesquisa, *Ciro Fabres*<sup>5</sup>, salienta que os textos enviados pelos leitores ao veículo sofrem poucas edições (cortes), já que geralmente são enviados no tamanho necessário para publicação (conforme orientação do próprio veículo na página destinada às opiniões). Segundo ele, quando a edição é feita, respeita-se a essência da opinião expressada. Vale ressaltar que, ao citar as opiniões durante a análise de conteúdo, a pesquisadora omitiu os nomes de quem escreveu para preservar os autores. Embora estejam identificados nas páginas dos jornais analisados (em anexo), na presente pesquisa, os depoimentos serão apenas indicados através da edição da festa em que a opinião foi publicada. A decisão partiu do pressuposto de que, apesar de importante para dar credibilidade à pesquisa, a assinatura tem menor relevância do que o conteúdo emitido.

Após a pré-análise, com as diferentes operações concluídas, chega o momento da etapa da exploração do material. *Bardin (1977)* destaca que esta fase consiste essencialmente em operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas. Tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, o analista pode, então, propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas.

Para definição dos documentos a serem analisados, foram levadas em conta as seguintes regras propostas por *Bardin (1977)*: (1) regra da exaustividade – não se pode deixar fora qualquer um dos elementos por esta ou por aquela razão; (2) regra da representatividade – a análise pode ser feita numa amostra, desde que ela seja rigorosa e for uma parte representativa do universo inicial; (3) regra da homogeneidade – os documentos devem obedecer a critérios precisos de escolha; (4) e regra da pertinência – os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo da análise.

Na etapa de exploração do material, o texto foi recortado em seus núcleos de sentido, buscando identificar as palavras, frases ou depoimentos (primeiras categorias) a serem trabalhados. A categorização tem como primeiro objetivo fornecer, por condensação, uma representação dos dados brutos. Se necessário, são feitas novas coletas de materiais ou entrevistas para reavaliação e adequação das primeiras categorias criadas e, após essa análise, algumas categorias podem ser reagrupadas. Neste sentido, *Bardin (1977)* ressalta que o analista pode utilizar uma ou várias operações, em complementaridade, de modo a enriquecer

---

<sup>5</sup> Entrevista informal concedida no dia 28 de novembro de 2008.

os resultados ou para aumentar a sua validade, aspirando, assim, a uma interpretação final fundamentada.

A codificação corresponde a uma transformação dos dados brutos do texto, efetuada segundo regras precisas que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão, através de uma descrição exata das características desse texto.

Para formar um bom conjunto de categorias, Bardin apresenta cinco qualidades necessárias: *exclusão mútua* - condição que estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão; *homogeneidade* - num mesmo conjunto categorial, só pode funcionar com um registro e com uma dimensão de análise; *pertinência*, que trata da adaptação ao material de análise, pertinente a um quadro teórico pré-definido; *objetividade e fidelidade* - o organizador da análise deve definir claramente as variáveis que trata, assim como deve precisar os índices que determinam a entrada de um elemento numa categoria; e *produtividade* - um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos.

Para que seja possível a análise, Bardin (1977) diz que é necessário saber a razão da análise e explicitá-la de modo que se possa saber como analisar. Por isso, existe a necessidade de se definir objetivos e de enquadrar a técnica dentro de um quadro teórico. Na análise categorial, para organizar a codificação, a autora apresenta três escolhas: o *recorte*, que é as escolhas das unidades; a *enumeração*, que é a escolha das regras de contagem, e a *classificação e agregação*, que é a escolha das categorias.

A escolha das unidades de registro e de contexto deve ter pertinência em relação às características do material e aos objetivos de análise. A unidade de registro é a da significação, que será codificada e corresponde ao conteúdo considerado como unidade de base, objetivando a categorização e a contagem frequencial. Já a unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem que são importantes para compreender a significação exata da unidade de registro. De acordo com Bardin, “o critério de recorte da análise de conteúdo é sempre de ordem semântica, se bem que, por vezes, exista uma correspondência com unidades formais (palavra e palavra tema; frase e unidade significativa)” (BARDIN, 1977, p. 104).

A noção de tema é característica da análise de conteúdo. Bardin (1977) define tema como unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. O texto poder ser recortado em ideias constituintes, em enunciados e em proposições portadoras de significados isoláveis.

Como recomenda o método da análise de conteúdo, a presente pesquisa iniciou com uma primeira abordagem do *corpus* selecionado, criando cinco categorias de análise a respeito das edições da Festa Nacional da Uva: discurso do pertencimento, discurso do não-pertencimento, discurso do visitante local, discurso político oficial e discurso político não-oficial. A categorização procurou evidenciar os diferentes discursos: de quem se sentia *pertencente* à festa e seus contextos, de quem *não se sentia pertencente* à festa e seu contexto, daqueles que se sentiam apenas *visitantes locais* da festa, e separar os *discursos políticos oficiais e não-oficiais* presentes na festa. Num segundo momento de análise, foi possível perceber que o discurso político presente no *corpus* da pesquisa, conforme revisão teórica, estava presente em todas as opiniões, independente do contexto já que, ao emitir uma opinião, qualquer pessoa está se posicionando politicamente de acordo com suas convicções. Percebeu-se que as categorias de pertencimento, não-pertencimento e visitante local poderiam estar inseridas num contexto mais amplo.

Para atingir de forma mais abrangente os objetivos propostos pela pesquisa foram criadas, então, duas categorias de análise em substituição as anteriores: *Bons frutos* e *Prejuízos na safra*. Para explicar melhor o significado de cada categoria, é preciso dizer que, a cada edição da festa analisada, foi atribuído o conceito de *safra*, que envolve todo o processo de produção da uva: plantio, preparo, poda, colheita e celebração do trabalho realizado. Num contexto de imaginário, a Festa da Uva também passa por todo esse processo até a sua realização e celebração. A partir dessa definição, surgiram as duas categorias: *Bons frutos*, que agrega todos os aspectos positivos da festa e *Prejuízos na safra*, que agrega os aspectos negativos revelados na pesquisa. Para possibilitar uma análise mais objetiva das unidades de registro, foram criadas duas subcategorias: discurso não-oficial e discurso oficial, para diferenciar os discursos produzidos pela comunidade em geral dos discursos produzidos por representantes da comunidade em entidades públicas e privadas. Com a nova categorização, foi possível agregar os discursos de pertencimento, não-pertencimento e visitante local nas duas categorias de análise e ter uma visão mais ampla sobre as opiniões e representações sociais sobre a Festa da Uva, a partir do *corpus* da pesquisa.

Quanto à enumeração, a importância de uma unidade de registro aumenta com a frequência de aparição. No critério de medida, podem ser atribuídos valores diferentes a cada unidade ou uma medida frequencial em que todas as aparições possuam o mesmo peso, valorizando todos os elementos com igual importância. A frequência, como unidade de enumeração elencada na presente pesquisa, foi utilizada como medida frequencial em que todas as unidades de registro tiveram um mesmo valor atribuído, já que o objetivo do estudo

não é apenas verificar a frequência da aparição de cada unidade de registro, mas aplicá-la a um contexto maior enquanto categoria de análise.

Após a exploração dos materiais, é realizada a etapa de tratamento dos resultados, inferência e interpretação, para a análise qualitativa da pesquisa. Bardin lembra que “a intenção da análise de conteúdo *é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)*” (BARDIN, 1977, p. 38). Segundo ela, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula, para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio. Ele trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos. “Se a descrição (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra” (BARDIN, 1997, p. 39).

O resultado de todo esse processo se dá quando, através da interpretação, é possível relacionar as questões da pesquisa, a perspectiva teórica e os resultados a partir da análise do material coletado com as inferências realizadas.

## **2.1 Jornal Pioneiro**

O Jornal Pioneiro foi fundado em 04 de novembro de 1948 em Caxias do Sul e teve como primeiro diretor responsável o advogado Elvo Janir Marcon. Na época, o jornal tinha por trás de si influências de membros do Partido da Representação Popular (PRP), remanescentes da corrente Ação Integralista Brasileira, extinta por Getulio Vargas, no golpe de Estado de 1937. Porém, de acordo com o que foi publicado no encarte especial dos 60 anos do Jornal Pioneiro em 2008, o veículo logo abandonou as feições partidárias por conveniência comercial e jornalística e se consolidou ao abraçar causas comunitárias como: adoção de novas técnicas na agricultura, instalação da primeira sinaleira de Caxias e a construção do Monumento ao Imigrante, valorizando as raízes italianas locais (Encarte Especial 60 anos, 2008).

Até 1951, o jornal circulou com o nome de Pioneiro do Sul. Depois passou a se chamar Diário do Pioneiro, até que, em 1952, assumiu o nome de O Pioneiro. No início da década de 1980, houve nova mudança com o abandono do artigo “O”, assumindo apenas o nome de Pioneiro. A regularidade da publicação também foi alternando ao logo do tempo.

Inicialmente, a publicação era semanal. A partir de 1995, passou a ser bissemanal, com circulação nas quartas-feiras e aos sábados. Em 1981, passou a circular diariamente.

A sede do jornal mudou de endereço algumas vezes. Sempre localizado próximo a praça central da cidade, em 1982 foi transferido para a Rua Jacob Luchesi, no bairro Santa Catarina, onde se encontra até hoje. Em 1993, o diário foi vendido para a Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS), já que os antigos proprietários não tinham condições de realizar os investimentos para as mudanças técnicas necessárias.

Segundo Pozenato e Giron (2004), dos 32 municípios atingidos pelo veículo no momento da venda, a abrangência aumentou para 53 municípios com sua aquisição pela RBS. Dos 18 mil exemplares editados, passou a 25 mil em 2002. A mudança foi vista de forma negativa por Pozenato e Giron, devido à corporação jornalística da capital não representar mais as posições da imprensa regional, pois faz parte de um grupo de amplitude nacional. “Com a venda do Pioneiro, a região perdeu o espaço que garantiu durante décadas, sua autonomia de opinião, que foi substituída pela da empresa” (POZENATO e GIRON, 2004, p. 155). O Grupo RBS atua no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Fundada por Maurício Sirotsky Sobrinho em 31 de agosto de 1957, a empresa possui oito jornais diários, 25 emissoras de rádio, 18 emissoras de TV, duas emissoras de TV comunitária, uma emissora voltada ao agronegócio, além de investimentos em internet, gráfica, editora e gravadora (site do Grupo RBS <[http:// www.gruporbs.com.br](http://www.gruporbs.com.br)>).

Apesar de integrar uma empresa multimídia, o Jornal Pioneiro mantém o discurso de diário de integração regional. “O Pioneiro chega aos seus 60 anos reconhecido na Serra como um diário integrado com seus 295 mil leitores.”<sup>6</sup> Dados de 2009 revelam que o Pioneiro circula em 64 municípios da região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. São 337 colaboradores e 295 mil leitores espalhados pela Serra Gaúcha, porém a maioria está concentrada em Caxias do Sul. A tiragem é de 25 mil exemplares durante a semana e 33 mil exemplares no fim de semana. Os leitores têm, principalmente nas páginas 2 e 3, espaço para interagir e emitir suas opiniões. Tal espaço está sendo ampliado, principalmente em função dos novos espaços de interação, como a internet. O Pioneiro já possuía uma página na internet desde 2003, que em novembro de 2008 ganhou nova configuração e maior interatividade com o público. Uma maneira, talvez, de se aproximar da proposta de integração regional que tanto persegue.

---

<sup>6</sup> Encarte Especial 60 anos, 2008.

## 2.2 Festa da Uva: síntese histórica

Desde o primeiro evento, em 1931, até o último, em 2008, foram realizadas 27 edições da Festa da Uva. A seguir, será apresentada uma síntese histórica de todas as edições. Os dados foram retirados de Adami (s.d), Erbes (2000), Machado (2001), Ribeiro (2002) e do site oficial da Festa da Uva (<<http://www.festanacionaldauva.com.br>>).

A primeira Festa da Uva foi realizada em Caxias do Sul no ano de 1931 para celebrar a vindima. O dia 8 de março foi marcado por uma exposição de uvas, no salão principal do Recreio da Juventude, idealizada por um grupo de empresários liderados por Joaquim Pedro Lisboa. O sucesso da primeira edição motivou a realização de uma nova festa no ano seguinte, com a coordenação da Associação dos Comerciantes de Caxias. A Festa aconteceu na Praça Dante Alighieri e contou com um desfile de alegorias sobre rodas, puxadas por juntas de bois e cavalos, representando a produção de algumas colônias da região. De acordo com notícias veiculadas na imprensa, mais de dez mil pessoas participaram dos festejos, grande parte vinda da capital do Estado. O Jornal Correio do Povo (*apud* MACHADO, 2001, p. 243) de 8 de março de 1932, relata que a “Festa da Uva havia deixado de ser uma exposição local, para se transformar numa festa riograndense”.

A Festa da Uva de 1933 teve um caráter regional, com a participação de vários municípios vizinhos. Na programação da festa foram agregados eventos que depois se tornaram tradição, com a escolha da rainha e o desfile de carros alegóricos, que ficou conhecido como “parada da uva”. Também foi realizado o 2º Congresso de Viticultura e Enologia. A Festa da Uva de 1934 teve uma série de inovações e repercussão maior na imprensa, mas nos dois anos seguintes a festa foi interrompida por problemas econômicos no setor da vitivinicultura. Na edição de 1937, a Feira Agroindustrial expandiu seus estandes, mostrando a diversidade dos produtos originários de Caxias. Os efeitos da festa contribuíram para o aumento nas exportações de alguns produtos locais, como o vinho. Depois desta edição, a festa somente voltou a ser realizada 13 anos depois, em 1950, após a Segunda Guerra Mundial.

A VI Festa da Uva também serviu para comemorar os 75 anos da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Foi a primeira vez que a festa contou com a presença de um presidente da República. Eurico Gaspar Dutra veio especialmente para a abertura da sexta edição, no dia 25 de fevereiro de 1950. Outra novidade foi a regionalização da escolha da rainha e princesas da festa, mas a escolha da candidata de Bento Gonçalves como soberana motivou protestos de vários caxienses. Entre as críticas, Olivia Terezinha Simões Morganti

foi acusada de não ter descendência italiana. Adami (s.d) destaca que ela era filha de uma descendente de italianos com uma nordestina. A partir desta edição, a festa passou a ser realizada de quatro em quatro anos.



**Figura 1 - Rainha da Festa da Uva de 1950**

A Festa da Uva ganhou uma sede própria em 1954. O primeiro pavilhão, que hoje abriga o Centro Administrativo Municipal, teve a sua construção definida pelo prefeito Euclides Triches. Também foi inaugurado o Monumento Nacional ao Imigrante, com a presença do presidente da República, Getúlio Vargas. De acordo com Ribeiro (2002), elemento de importância capital ao ato de reconhecimento do imigrante como parte integrante do corpo político e do tecido social do país. O curso alegórico foi considerado outro ponto alto da festa. Carros representando todos os distritos, estabelecimentos industriais, entidades esportivas e sociedades recreativas desfilaram pela Avenida Júlio de Castilhos. No segundo piso do novo pavilhão, recém-inaugurado, o pintor italiano Aldo Locatelli pintou o painel *Do berço itálico à nação brasileira*, constituindo-se um rico relato da colonização.

Na Festa de 1958, a falta de estrutura para receber o número cada vez maior de visitantes tornou-se motivo de preocupação. Mais de 200 mil pessoas visitaram o local. O curso alegórico foi realizado pela primeira vez na Rua Sinimbu, reunindo 60 carros imponentes e luxuosos. Para Erbes, “as três edições dos anos 50 colocaram Caxias do Sul no cenário nacional, sob a luz de holofotes potentes. O Brasil, finalmente, havia descoberto Caxias”(2000, p. 61).

A edição de 1961 contou com a presença do Presidente da República Jânio Quadros e do Governador do Estado, Leonel Brizola. Foi nesta data que o presidente determinou o asfaltamento da BR/2, atual BR 116.

Em 1965, a X Festa da Uva foi considerada o maior evento do gênero na América Latina. Cerca de 300 mil pessoas assistiram ao desfile de 48 carros alegóricos. A falta de leitos em hotéis foi solucionada pelo espírito cooperativo da população, com a cedência ou aluguel de quartos em residências particulares. Nos estandes do pavilhão-sede, as indústrias regionais totalizavam 121 expositores. A exposição de uvas foi montada em um pavilhão em anexo.

Na festa de 1969, houve a inclusão de desfiles noturnos no curso alegórico, com carros iluminados. Foram 60 carros, com a participação de representantes dos consulados da Itália, Espanha e Japão, numa demonstração de grandiosidade pretendida pelos organizadores.

Na década de 1970, os avanços tecnológicos da mídia, garantiram um espaço importante na divulgação da Festa da Uva e de Caxias do Sul. Na festa de 1972, o país realizou a primeira transmissão em cores da televisão brasileira, com a abertura da XII edição e do desfile de carros alegóricos. A Festa da Uva acabou entrando para a história da televisão no Brasil. Com o avanço da produção industrial, a uva vai perdendo espaço na festa.

Em 1975, Caxias havia chegado aos 180 mil habitantes. Para receber os visitantes, a Festa da Uva, que também celebrava os 100 anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, ganhou um novo parque de exposições, onde a festa é realizada até hoje. O Parque Centenário, com 40 hectares, abrigava dois pavilhões, totalizando 34 mil metros quadrados de área. Neste ano também foi constituída a empresa Festa da Uva Turismo e Empreendimentos S.A.

Já na edição de 1978, a festa enfrentou a crise econômica do setor vinícola. Para tentar reconstituir o passado, os organizadores construíram no Parque Centenário uma Réplica da antiga Caxias de 1880. Os mentores da proposta justificaram que a obra destinava-se ao turista, que era responsável pelo movimento positivo do comércio durante a festa.

A Festa da Uva de 1981 durou 24 dias. A exposição contou com a participação de 196 empresas, sendo 120 de Caxias do Sul. Em 1983, ano que antecedia a XVI edição, a empresa Festa da Uva Turismo e Empreendimentos S.A. caminhava para a falência, com mais de 200 títulos atrasados e caixa vazio. Erbes (2000) destaca que a situação era delicada; havia o risco de se perder um grande patrimônio, caso a empresa quebrasse. A festa, que revelara Caxias do Sul para o Estado e Brasil, estava ameaçada.

O presidente da Festa da Uva de 1984, Mário David Vanin, pediu ajuda da comunidade e buscou novos patrocinadores. A festa teve também um tema específico: *A volta às origens*. A uva, que vinha perdendo cada vez mais espaço para o complexo industrial, recebeu um pouco mais de atenção.

Em 1986, houve uma mudança na estrutura em relação ao tempo de duração do evento, que continua até as edições atuais: três finais de semana de evento e duas semanas, totalizando a média de 17 dias. A decisão visava reduzir as despesas dos expositores e dar maior viabilidade à Empresa Festa da Uva. Nas décadas anteriores, a duração chegava a quatro semanas. Outra alteração foi quanto à periodicidade da festa. Entre 1950 e 1969, o evento era realizado de quatro em quatro anos; de 1972 em diante, de três em três anos e, a partir de 1986, de dois em dois anos. “A mudança interessava à Festa da Uva e às empresas expositoras. Com uma edição a cada dois anos, os pavilhões não ficavam tão ociosos e teriam um aproveitamento melhor, permitindo uma lucratividade maior – ou um prejuízo menor” (ERBES, 2000, p. 100).

A Festa de 1989 teve como tema *A maior festa do século*, porém foi marcada por manifestações. Em protesto pela falta de uma política de incentivo à vitivinicultura, manifestantes atiraram uvas deterioradas no palanque oficial, onde estavam as autoridades convidadas. Além deste incidente, faltou uva aos turistas. Apenas uma pequena quantidade foi distribuída durante os desfiles de carros alegóricos. Para degustar a uva, o turista precisava comprá-la.

No ano de 1991, a festa teve como tema *Repensando a Festa da Uva*. O concurso das soberanas saiu do baile de gala no clube social da cidade e foi transferido para o Parque de Exposições, com a participação de toda a comunidade. Outra mudança significativa foi a retomada pelo Município do controle acionário da Empresa Festa da Uva Turismo e Empreendimento S.A., que antes era do Estado. Com isso, o prefeito teve autonomia para indicar o presidente da comissão encarregada de organizar a festa. Em 1993, foi instituída a Comissão Comunitária da Festa da Uva, representa por integrantes do poder público e de entidades privadas.

Na edição de 1994, a Festa da Uva terceirizou os serviços de alimentação e estacionamento para recompor as finanças da empresa. Outra inovação foi a implantação do Marketing de Relacionamento, criando três atividades destinadas a motivar a comunidade a participar da festa de forma mais ativa: *Tirando o pó* – incentivo os moradores a valorizar o passado, montando recantos com objetos de família; a *Gincana cultural* – com tarefas que exigem pesquisar e relacionar aspectos culturais e históricos de Caxias do Sul e região (não acontece mais); e a *Olimpíada colonial* – que conta com provas diferenciadas como arremesso de queijo, fazer *bígoli* (tipo de massa) e corrida de *cariola* (carrinho de mão). Os trajes das soberanas seguiram pesquisa histórica, assim como os trajes das candidatas que participaram do concurso.

A Festa da Uva de 1996 contou também com as comemorações dos 120 anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Não por acaso, o tema foi *A América que nós fizemos*. Neste ano, foi construído no Parque Centenário o *Palácio das Uvas*, um espaço destinado à degustação do produto. A Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, do Rio de Janeiro, homenageou os 120 anos da Imigração Italiana e o Rio Grande do Sul. As soberanas da Festa da Uva desfilaram no sambódromo como destaques em um carro.

A *Festa das Festas* foi o tema da edição de 1998, na tentativa de rememorar a história da Festa da Uva. As soberanas viajaram três vezes para fora do Estado para a divulgação da festa. Uma das visitas foi ao Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, para convidá-lo para a inauguração.

A edição de 2000 projetou a cidade em nível nacional por um fato inusitado. A Rainha Fabiana Bressaneli Koch, durante um desfile do curso alegórico, trocou de lugar com sua irmã gêmea, Daniela, para cumprir um pacto de infância: quem fosse rainha trocaria de lugar com a outra para que ambas tivessem oportunidade de viver a mesma experiência. A troca, feita às escondidas da comissão comunitária da festa, foi revelada em uma entrevista da soberana para uma rádio local. Ela quase perdeu o título.

A *Mulher Imigrante* foi o tema da festa de 2002. A escolha homenageou o trabalho feminino no desenvolvimento de Caxias do Sul. A Festa da Uva recebeu mais de 600 mil pessoas, contabilizando os visitantes do parque de exposições e do curso alegórico.

Através do tema *Terra, pão e vinho*, a festa de 2004 prestou uma homenagem aos imigrantes de todas as origens, em especial aos italianos, que chegaram ao Estado no século XIX, em busca de terra, cujas conquistas foram fruto do trabalho do cultivo do solo. Começa nesta edição a tentativa de integrar as diferentes etnias presentes na construção da cidade.

A festa de 2006 celebrou *A alegria de estarmos juntos*, com a união de todas as etnias presentes em Caxias do Sul. A 26ª edição foi responsável por um público de quase 900 mil pessoas.

Seguindo a mesma proposta de valorização de todas as etnias presentes no município, a Festa da Uva de 2008 teve como tema *Uma vez imigrante, para sempre brasileiro*. Os números da festa anterior foram superados nesta edição, com a participação de 950 mil pessoas e distribuição de 235 toneladas de uva. A cidade recebeu, neste ano, o título de Capital Brasileira da Cultura, concedido pelo Ministério da Cultura e pela iniciativa privada, o que possibilitou a destinação de mais recursos para investimento em ações culturais durante a Festa da Uva.

### 2.3 Festa da Uva e identidade local

O imigrante italiano trouxe na sua bagagem cultural a ideia da festa e da feira. A festa estava sempre associada especialmente ao santo padroeiro da capela ou da igreja matriz. Porém, apesar da conotação religiosa, a parte profana estava sempre presente completando os rituais do dia festivo. Machado (2001) destaca que é difícil estabelecer as fronteiras entre o religioso e o profano. Os mesmos fiéis que participavam da celebração religiosa, também tomavam parte nos rituais e jogos profanos que aconteciam durante o dia. Esse aspecto possibilita o resgate de Moura (2003), ao abordar sobre os rituais festivos (Cap. 1). Segundo ele, a dinâmica dos componentes estruturais pode indicar mudanças na festa ao longo do tempo, provocando uma maior interação entre os componentes religiosos e os profanos. Isso se percebe nas festas religiosa-profanas até hoje tradicionais na zona colonial italiana no Estado.

Quanto às feiras, elas tinham, inicialmente, um cunho de exposições. Mostrar o produto, expor os frutos colhidos da terra, primeiramente para a comunidade, depois para o mercado e para as autoridades, visando sua comercialização. Antes do início da Festa da Uva, já haviam sido realizadas algumas feiras agroindustriais na cidade, mas foi apenas em 1931, que, pela primeira vez, uma exposição de produtos agrícolas foi elevada à categoria de festa, com a primeira Festa da Uva de Caxias do Sul, cujo objetivo foi o de mostrar o principal produto produzido pela comunidade. Uma festa com caráter de exposição.

Ribeiro (2002) aponta, entre as edições da Festa da Uva, quatro momentos decisivos na trajetória de definição de seu formato:

*Primeiro momento:* Na década de 1930, quando tem início o processo de construção da Festa da Uva;

*Segundo momento:* Na Festa da Uva de 1950, com reflexos que se prolongam durante toda a década e parte da década seguinte. Representa a retomada da festa depois de um lapso de mais de dez anos, durante e logo após a Segunda Guerra Mundial, quando a identidade local sofre graves lesões, e é realizada com o claro intuito de repor a imagem da região de colonização italiana no quadro da nacionalidade;

*Terceiro Momento:* Representa também um momento de crise da Festa da Uva. A festa de 1975, realizada no ano da comemoração do centenário da imigração, põe à tona o conflito entre a visão tradicional de uma festa da comunidade e a nova proposta de que ela seja um empreendimento centrado em interesses de ordem econômica, crise que se prolongaria por quase vinte anos, num progressivo processo de rejeição da Festa da Uva pela comunidade;

*Quarto momento:* Representado pelas festas de 1994 e 1996, significa a retomada da Festa da Uva pela comunidade e, com isso, a retomada também de seu papel de representação educativa da própria identidade, dentro de novas circunstâncias. (RIBEIRO, 2002, p. 22-23)

Se no início a Festa da Uva queria apenas celebrar a vindima, aos poucos, com o sucesso das edições, a comunidade quis conquistar mais espaços. O perfil mais festivo começou a dividir espaço com a feira agroindustrial, que mostrava o potencial da cidade. Na década de 1950, na retomada da busca da identidade, o apelo festivo volta, com o resgate da cultura italiana. Mas nas décadas seguintes, com o avanço do setor industrial, a festa adquire um caráter de evento de negócios, mostrando o que de melhor o setor metal-mecânico produzia. A crise de identidade teria se instalado e a comunidade passou a rejeitar a festa. A recuperação do caráter festa inicia na década de 1990 e continua até hoje. Aproximar a festa da comunidade é um desafio em todas as edições.

Santos (2003) relata resultados de pesquisas realizadas em três edições da Festa da Uva na última década, entre 1998 e 2002, que constataram a preferência dos visitantes pelos eventos de lazer, com a preservação de suas origens, mas com mais opções de entretenimento. A partir disso, os organizadores decidiram fortalecer o sentido de festa, oferecendo novas opções de entretenimento e lazer e, praticamente extinguindo, em comum acordo com os empresários, a exposição de produtos e equipamentos industriais pesados, como caminhões e ônibus. Em contrapartida, os produtos de origem colonial, o artesanato, a gastronomia e as atrações culturais e artísticas ganharam espaço. Gilberto Spier Vargas era prefeito de Caxias do Sul na época e confirma a transformação:

A Festa da Uva teve que viver sua transição de buscar cada vez mais o caráter festa e menos o caráter feira. As empresas caxienses participam, agora, mais em caráter institucional. A Festa da Uva deve caracterizar o aspecto festa. [...] O grande público que visita a festa não vai comprar ônibus ou autopeças. (*apud* SANTOS, 2003, p. 47)

Este é o formato adotado até a última edição de 2008: um caráter festivo, que busca aproximar cada vez mais a comunidade da Festa da Uva. Envolver e valorizar todas as etnias que ajudaram Caxias ser o que é hoje passa a ser a estratégia da Comissão Comunitária. Zottis (2003) fala sobre esse aspecto:

Enquanto na década de 30 a população contava com uma considerável parcela de descendentes de italianos, atualmente é marcada por múltiplos perfis étnicos. Não há um único sotaque, mas várias falas que precisam conviver em harmonia. A América dos imigrantes que deixaram a Itália continua sendo feita com mãos de diversas origens, que merecem espaço e respeito. (ZOTTIS, 2003, p. 129)

A Festa da Uva cresce e evolui com esse grande desafio, o de preservar a cultura e se adaptar ao novo, às evoluções culturais, econômicas, sociais e políticas de uma cidade que

possui 400 mil habitantes. Essas são as opiniões e os olhares diferentes de caxienses e milhares de migrantes, pessoas que por motivos diversos estão em Caxias e querem fazer parte desta história. Porém, apesar de a comissão comunitária tentar agregar outros olhares à festa, é inegável que ainda existe o fortalecimento de um discurso de valorização da cultura italiana que supostamente prevaleceria na população caxiense, o que por sua vez é o imaginário apropriado pelo turismo para marcar os produtos locais.

Sales (2005), ao analisar a prática da educação patrimonial no Museu Municipal de Caxias do Sul, verificou que a Aula no Museu contribui para a solidificação entre o público estudantil de que o desenvolvimento e o legado histórico e cultural da cidade estão atrelados à figura do imigrante italiano, em detrimento de outras etnias que também tiveram sua contribuição no processo de construção da cidade. Essas outras etnias “não estão contempladas no acervo do Museu Municipal, embora as falas das monitoras até ressaltem a constituição multiétnica contemporânea da cidade” (SALES, 2005, p. 134). Tal afirmação possibilita o resgate das palavras de Hall (2004) ao falar sobre o fortalecimento da identidade cultural a partir do olhar do outro que, neste caso, se volta para o patrimônio cultural do imigrante italiano, mesmo que essa etnia não caracterize mais a maior parte do contingente populacional da cidade.

O que é possível perceber, até agora, é que a Comissão Comunitária da Festa da Uva está adotando um discurso de integração da comunidade local que, na prática, não se confirma. O desafio dessa pesquisa é descobrir como a população percebe esses diferentes discursos e quais as representações sociais que está construindo a partir deles. É o que será possível verificar na sequência desse estudo.

### 3 OLHARES DA COMUNIDADE LOCAL

Como foi abordado anteriormente, cada edição da Festa da Uva analisada nesta pesquisa recebeu a indicação de uma safra, fazendo referência ao processo de cultivo da uva, que envolve o plantio, poda, tratamento, colheita e celebração. A realização de uma Festa da Uva também exige todo esse processo: definição da comissão comunitária, escolha do tema da festa e das soberanas, formatação de toda a infraestrutura do evento, captação de recursos, realização do evento e avaliação. Cada safra apresentou diferentes características e múltiplos olhares da comunidade a respeito de cada uma delas.

*Safra de 1994* – Uma festa que representou a ruptura de um modelo que já não servia mais para uma nova proposta que aproximasse a festa da comunidade. As críticas ao velho modelo ainda estavam muito presentes nas falas da comunidade. Existia um olhar incrédulo sobre as mudanças que estavam sendo propostas. As críticas quanto à falta de organização de Caxias do Sul na realização da festa, em comparação a outras cidades da região, eram frequentes. Os questionamentos quanto a não-valorização de outras etnias presentes na cidade já apareciam nos discursos. A festa, no contexto de análise, se caracterizou mais por avaliações negativas do que positivas.

*Safra de 1996* – Os olhares da comunidade ainda se revelaram céticos em relação às mudanças. Surgiram muitas críticas quanto a investimentos realizados no parque de exposições em detrimento de outras obras importantes que mereceriam atenção na cidade. O tratamento diferenciado, que seria dado a turistas em detrimento da comunidade local, também foi questionado. Porém, surgiu o resgate do orgulho de ser *caxiense*, com a participação das soberanas da Festa da Uva no desfile da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, que homenageou os 120 anos da Imigração Italiana e o Rio Grande do Sul.

*Safra de 1998* – Sendo a terceira edição no novo formato, as resistências sobre a festa começam a diminuir. Ainda aparecem mais pontos negativos do que positivos abordados pelos leitores, mas os olhares passam a ser mais ponderados. Surge inclusive a crítica de pessoas à própria comunidade por não valorizar os esforços feitos para realizar a festa, por não participar do evento e por boicotar as iniciativas da comissão comunitária.

*Safra de 2000* – A edição de 2000 provocou a participação do leitor principalmente após a divulgação de que a Rainha Fabiana Bressaneli Koch, durante um desfile do curso alegórico, trocou de lugar com sua irmã gêmea, Daniela, para cumprir um pacto de infância. Os sentimentos de italianidade e orgulho de *ser caxiense* afloraram. Foram inúmeras as

manifestações contra e a favor do fato inusitado. Apesar da confusão, a festa pareceu, ao olhar da comunidade, ter sido mais satisfatória que as anteriores em análise.

*Safra de 2002* – A festa deste ano apresentou uma característica interessante para análise das opiniões coletadas, uma vez que o número de discursos positivos e negativos se igualou. Isso é de grande relevância, se comparado com a edição de 1994. O fato de ter homenageado a *Mulher Imigrante* e o trabalho feminino no desenvolvimento de Caxias do Sul pode ter contribuído para esse empate. Outra situação que resgatou as discussões identitárias locais foi uma reportagem publicada no Jornal Pioneiro em que o carnavalesco Joãozinho Trinta propunha um novo contexto ao curso alegórico da Festa da Uva, aos moldes do Natal Luz. O debate ficou entre a teatralização de Joãozinho Trinta e a valorização de uma história que é caracterizada, segundo um dos leitores, pela simplicidade e alegria de um povo vencedor.

*Safra de 2004* – A festa de 2004 voltou a receber mais críticas do que elogios. Apesar de nesta edição iniciar a proposta de integração das diferentes etnias presentes na construção da cidade, isso não foi percebido, pelo menos ao olhar dos leitores. Muitas foram as críticas com o sentimento de não-pertencimento à festa relatadas nas opiniões.

*Safra de 2006* – Outra polêmica movimentou a festa de 2006: o fato de uma das princesas da Festa da Uva ter nascido em São Paulo e não “pertencer à comunidade”. A crítica surgiu a partir do depoimento de uma leitora que defendia uma candidata “descendente de italianos, da nossa cidade”. A defesa da soberana partiu do tema proposto para a festa, *A alegria de estarmos juntos*, com a união de todas as etnias que estão presentes em Caxias. Situação essa que demonstra que a cidade ainda necessita avançar muito no quesito “integração étnica”. As críticas quanto à falta de apoio da Festa da Uva para com os micro e pequenos empresários também apareceram nos depoimentos.

*Safra de 2008* – A festa de 2008 revelou a maior participação de leitores com discursos sobre o evento: 76 opiniões. As manifestações foram bem divididas, chegando a quase um novo empate. O grande número de opiniões talvez possa ser explicado por um posicionamento do Jornal Pioneiro nesta edição da festa. O Grupo RBS montou uma casa nos parque de exposições e direcionou todos os seus veículos para lá, com uma ampla cobertura e grande repercussão local, regional, estadual e nacional, o que comprova que, quanto mais motivado a participar, mais o leitor vai se posicionar a respeito dos assuntos. A repercussão dos veículos de comunicação sobre os fatos depende, muitas vezes, de questões econômicas.

O *corpus* desta pesquisa reuniu 279 diferentes olhares a respeito da Festa Nacional da Uva nas últimas oito safras (edições) do evento. As opiniões foram divididas em duas

diferentes categorias e duas subcategorias, dentro da proposta da Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (1977). Surgiram então as categorias *Bons frutos* e *Prejuízos na safra* e as subcategorias *Discurso não-oficial* e *Discurso oficial*. As primeiras duas categorias analisam os pontos positivos e negativos das festas, diante de um contexto amplo de opiniões proposto pelos leitores. As subcategorias foram criadas para diferenciar o discurso oficial do não-oficial, que apresentam características distintas. As tabelas com a categorização encontram-se no apêndice desta pesquisa. Como o número de opiniões coletadas é amplo, no momento da categorização, os depoimentos que apresentavam manifestações com o mesmo significado, na mesma *safra*, foram descartados da descrição na tabela, mas não foram desprezados da análise, contribuindo, inclusive, para a contabilização na unidade de enumeração das categorias, no que se refere à frequência. Algumas unidades de contexto foram reduzidas do tamanho original para descrição nas tabelas, por questão de espaço, mas a essência do texto foi priorizada na análise, o que poder ser conferido nos textos originais que estão em anexo. Nas próximas páginas, será possível conferir, a partir das categorias pré-estabelecidas, a análise de conteúdo das oito *safra*s da Festa da Uva presentes nesta pesquisa.

### 3.1 Bons frutos

As festas acontecem em um universo político, sociocultural, econômico e simbólico. Rosa (2002) cita Magnani<sup>7</sup> ao falar que a experiência da festa ocorre por meio de ações de múltiplos personagens ao exercerem diferentes papéis sociais estabelecidos e recriados no decurso de relações instituídas antes, durante e após a celebração. Essa experiência deve ser analisada de diversos ângulos, considerando as referências culturais do lugar.

A Festa Nacional da Uva é um belo exemplo desse universo que envolve as festas. São sete décadas do evento, que passou por grandes transformações desde a primeira edição em 1931 até sua última celebração em 2008. Uma história que perpassa a trajetória da própria comunidade que ajudou a construir Caxias do Sul, cidade que em 2008 completou 119 anos. Ribeiro (2002) explica o significado da Festa da Uva para a comunidade local:

O núcleo da celebração da Festa da Uva é a própria identidade da sociedade que a realiza, expressa nos seus feitos. Em outras palavras, festeja-se *para mostrar o que somos e o que fazemos* até porque *somos o que fazemos*. As transformações e mudanças que *nós operamos*, o modo de fazê-las, a forma de organizá-las são o que *nós somos*. O ambiente construído é, ele também, revelador da dinâmica das

---

<sup>7</sup> MAGNANI, J.G.C. A rua e a evolução da sociabilidade. Mineo, 1993.

interações entre a natureza transformada e a sociedade que a transformou. Isto é, esse ambiente *somos nós*. (RIBEIRO, 2002, p. 22)

Diante dessa afirmação, pode-se dizer que, ao celebrar, a comunidade vai construindo representações simbólicas que revelam o olhar coletivo da sua própria identidade como grupo social e cultural. Ao longo das duas últimas décadas, a comunidade de Caxias do Sul vem acompanhando grandes mudanças na Festa da Uva. Ao ouvir a população, a Comissão Comunitária, a partir de 1994, alterou o perfil da festa para aproximar os moradores de seu maior evento. Desde a última mudança, já se passaram oito edições, ou oito *safras*, como apresentadas nesta pesquisa. Cada uma das *safras* revela o olhar da comunidade a respeito das transformações que a festa sofreu nos últimos anos. Primeiro, vamos avaliar os *Bons frutos* colhidos nessas *safras*, os aspectos positivos, a partir do olhar do leitor do Jornal Pioneiro, através da coluna de opinião publicada pelo veículo. Nesta categoria, foram contabilizados 107 depoimentos, divididos entre as subcategorias *discurso oficial* e *discurso não-oficial*, com significados já descritos anteriormente.

Ao falar das celebrações, Brandão (1989) diz que uma festa popular “é uma mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, cantar, desfilar, dançar, ver e torcer. Enfim, de ‘festar’” (BRANDÃO, 1989, p. 13). Ao celebrar, a comunidade externa sua emoção, seu orgulho em fazer parte da história do local onde vive. Sentimentos que não são diferentes a muitos registrados nos depoimentos colhidos para esta pesquisa sobre a Festa da Uva.

Um dos momentos em que o “festar” resgata mais esses sentimentos durante a Festa da Uva é do desfile do Corso Alegórico, em uma das ruas principais da cidade. Nele, a história da imigração italiana e a história da cidade são retratadas em quadros, com figuração e carros alegóricos, desde o início da colonização até os tempos atuais. O público, ao resgatar a sua história ou presenciar uma trajetória de lutas e conquistas, compartilha de um momento de emoção e orgulho. “Parabéns a todas as pessoas que fazem o desfile da Festa da Uva, contando a história daqueles que chegaram aqui, sofreram, acreditaram, venceram. Sinto-me **orgulhoso de ser caxiense**” (depoimento - *safra* 2000). Sentimento que traz um indicativo dos valores presentes na identidade local, construída ao longo do tempo. “Os turistas gostam do desfile pelo que ele tem de peculiar, de marca própria, pela valorização dos valores da terra, pelo fato de não ser possível apreciá-lo, exceto aqui e que, no seu gênero, não é superado por nenhum outro espetáculo, eis que é **afirmador de uma identidade histórica e cultural única** e determinada: precisamente a nossa” (depoimento - *safra* 2000).



**Figura 2 - Corso Alegórico - Festa da Uva 2004**

O espírito do “festar” também aparece quando se fala em mobilização, em presença da comunidade, de algum modo representada na organização, realização e participação do desfile, como podemos ver no depoimento a seguir: “O curso alegórico continua constituindo-se em elemento de atração de alto valor agregado ao contexto da Festa Nacional da Uva [...] mesmo sem contar com luxo e pompa de suas alegorias, nossos artistas e historiadores souberam manter quadros cênicos, transportando para o público ideias retratando nossa história, interpretada por grupos teatrais, com a colaboração de entidades e um numeroso elenco de voluntários, dando o **indispensável toque comunitário**” (*safra* 2000). O “toque comunitário” é reverenciado por quem assiste ao curso, que é uma maneira de ver as pessoas da cidade sem as representações formais, integrando-se à festa, expressando seus sentimentos. São olhares diferentes sobre um mesmo contexto e que, segundo Rosa (2002) revelam diferentes significados.

A manifestação de uma leitora que se surpreendeu ao assistir ao desfile e ao falar sobre a experiência constrói um discurso reivindicativo no sentido de participação: “Parei para assistir ao desfile da Festa da Uva e fiquei emocionada. Nunca havia assistido um desfile tão lindo. Cheio de calor humano, de olho no olho entre quem desfilava e quem assistia, **menos máquinas, mais pessoas**, mais coreografia, mais cultura” (*safra* 2008). Talvez esse depoimento possa expressar um pouco o sentimento de parte da população, que não se sente integrada ao evento.

Além do espetáculo cênico que reúne atualmente cerca de três mil figurantes, segundo a comissão de desfiles, o curso também conta com um desfile de caminhões e ônibus que demonstram o potencial industrial de Caxias do Sul. Isso pode ser um apelo para que o espetáculo não seja tão institucionalizado. Ao falar do conceito *espetáculo institucionalizado*, Rosa (2002) o compara com o espetáculo como momento de celebração, que expressa alegria e felicidade, e não há espectadores; todos participam. Quando o espetáculo se institucionaliza,

a ordem e a disciplina são elementos essenciais; as ações devem ser mais previsíveis e controladas, bem como o tempo e o espaço; a programação precisa ser mais delimitada, provocando situações onde a população não participa ativamente. Isso identifica o espetáculo como uma realização, um evento estabelecido pela ação do estado para maior controle. Reflexão essa também abordada por Duvignaud (1976, 1983) quando diferenciou as festas da participação e as festas da representação, já descritas nos referenciais teóricos desta pesquisa.

O espetáculo institucionalizado no curso alegórico também revela alguns dos seus organizadores através de manifestações na coluna do leitor. Ou eles aparecem para se defender de alguma crítica ou para autoelogios, muitas vezes mascarados por um discurso de legitimação: “O desfile da Festuva<sup>8</sup> não foi unanimidade, mas foi reconhecido pela presença da diversidade, pelo espírito coletivo e pela sinceridade [...] todos me ensinaram a **grandiosidade dessa festa**. Souberam sensibilizar milhares pelas duas virtudes primárias que o imigrante italiano tem: a simplicidade e a humildade. Souberam, através da alegria e da saudade, mostrar o quão orgulhosos são de ser o que realmente são: colonos, índios, negros, imigrantes, migrantes, gaúchos ou outros” (safra 2006). O depoimento do diretor da Comissão de Desfiles mostra o trabalho das instâncias oficiais da festa para legitimar um discurso sobre *diversidade e espírito coletivo* presente na cidade. Ao reverenciar o imigrante italiano através da sua humildade e simplicidade, ele também lembra de todos os *outros* povos que fazem parte da história da cidade e da Festa da Uva. Necessário aqui resgatar Bourdieu (2001), quando diz que para que a legitimação aconteça, as propriedades simbólicas podem ser utilizadas estrategicamente em função dos interesses materiais e também simbólicos de seu portador.

Outro discurso oficial de legitimação que pode ilustrar a afirmação de Bourdieu é o do presidente da Comissão Comunitária da Festa da Uva de 2006 ao avaliar o evento daquele ano: “Ao escolher o tema *A alegria de estarmos juntos*, a Festa da Uva de 2006 procurou fazer uma homenagem a todas as etnias que ajudaram a construir Caxias do Sul e nossa região. No nosso trio de soberanas temos representantes de várias descendências, como italiana, polonesa, bugre<sup>9</sup> e portuguesa. Estamos numa cidade com fortes vínculos italianos, mas com uma **presença marcante e decisiva de dezenas de outros povos**” (safra 2006).

---

<sup>8</sup> **Festuva** – termo utilizado pela comunidade e veículos de comunicação para abreviar Festa da Uva.

<sup>9</sup> **Bugre** - denominação dada a indígenas de diversos grupos do Brasil, por serem considerados sodomitas pelos europeus. O emprego do vocábulo liga-se a ideia de inculto, não-cristão, com forte valor pejorativo. In: GUISSARD, Luís Augusto de Mola. **O bugre, um João-Ninguém: um personagem brasileiro**. São Paulo Perspec., v. 13, n. 4, out./dez. 1999.

O discurso da integração das diversas etnias que contribuíram para a construção de Caxias do Sul, introduzido principalmente a partir da safra (festa) de 2004, foi apropriado por muitos dos leitores que se manifestaram no Jornal Pioneiro a respeito do assunto: “Estamos **unidos pelas mesmas lutas**, história, adversidades e vivências. Somos todos, independente de etnias, descendentes de desbravadores, heróicos empreendedores que fizeram de Caxias um lugar ímpar. Temos ancestrais comuns, legados semelhantes. Estamos juntos em uma jornada única. Em tempos de celebração da “Alegria de Estarmos Juntos”, felicitações para quem percebe, trabalha e divulga a Festiva. Críticas existem para não perdermos as referências, o norte, a humildade” (safra 2006).

A opinião compartilhada neste relato faz uma autocrítica e chama a comunidade para o envolvimento com a festa: “Falhas existem, mas que as críticas construtivas realmente auxiliem na **construção coletiva** de uma festa que é de todos e, portanto, todos somos responsáveis” (safra 2008). No discurso legitimado também aparecem críticas a quem não participa do mesmo grupo ou opinião: “É voz corrente em Caxias que esta é a maior Festa da Uva de todos os tempos. **Recuperamos o orgulho** de fazermos parte desta comunidade [...] aos que não conseguem conviver com o brilho, cabe a depredação, as críticas infundadas e a raiva acumulada, que não fazem bem à saúde” (safra 2008).



Figura 3 - Etnias - Corso Alegórico 2004



Figura 4 - Etnias - Corso Alegórico 2008

Quando um discurso como esse aparece, significa que o processo de legitimação enfrenta problemas e resistências e que nem sempre se efetiva na prática. Agregar etnias e acolher os migrantes na cidade não parece tão fácil para quem cresceu ouvindo a história da imigração italiana. A Princesa da Festa da Uva de 2006, Natália Menegat Vanzin, que é de origem italiana, mas nasceu em São Paulo e viveu por muitos anos na capital paulista antes de se transferir para Caxias, foi alvo de críticas por ser escolhida como uma das soberanas e por não fazer parte da história da cidade: “É um absurdo que, com tantas candidatas a rainha e princesas da Festuva, foram escolher justamente uma moça que veio de São Paulo. Só deveriam ser aceitas candidatas que nasceram em Caxias do Sul. É a **nossa história**, a história da colonização italiana. Nada mais justo que uma candidata descendente de italianos, da nossa cidade. A Festuva está saindo de nossa realidade. É uma pena que isso esteja acontecendo!” (safra 2006).

A unidade de registro *nossa história* revela um discurso legitimado de que a única história que realmente identifica Caxias do Sul é a da imigração italiana e seus descendentes. Porém, o discurso da própria princesa (e de outros leitores) demonstra que as fronteiras podem ser ultrapassadas: “Das 31 candidatas, não era a única a não ter nascido em Caxias. Algumas não eram descendentes de italianos. Mas e daí? **Onde está a alegria de estarmos juntos?** E quanto a Joaquim Pedro Lisboa, o luso-brasileiro quem, em 1931, deu origem à festa? Reconheço o esforço e trabalho das outras etnias que ergueram a nossa cidade. A grandiosidade da festa está na participação de todos. É com essa intenção que pretendo dedicar-me a ela” (safra 2006).

Para contextualizar esse discurso, foram identificadas na pesquisa as unidades de registro *estado de espírito* e *etnias que construíram Caxias*: “A Câmara tem contemplado gaúchos de outras querências com o título de Cidadão (caxiense) por relevantes serviços prestados à cidade, o que revela que *ser caxiense* é um **estado de espírito**, de querer fazer pela comunidade que nos acolheu. Princesa Natália Menegat Vanzin, tenha sucesso no nobre compromisso que assumistes” (safra 2006). Vemos a opinião compartilhada neste outro discurso: “Fiquei surpresa ao ler a crítica a respeito da escolha de uma das princesas da Festuva 2006. O tema *A alegria de estarmos juntos* fala por si. Acolhe e homenageia todas as **etnias que construíram Caxias**. Nesse contexto, inclui-se a princesa Natália, nascida em São Paulo. Parabéns às participantes do concurso, de origem italiana ou não. Caxienses de nascimento ou de coração. Esta é a beleza da festa!” (safra 2006).

As polêmicas sempre aparecem nas Festas da Uva e, de alguma forma, acabam colaborando para reforçar o sentimento de pertencimento à festa e à cidade na comunidade

local. Outros três momentos merecem destaque. Um deles é a participação das soberanas da *safra* de 1996 no carnaval carioca. O Rio Grande do Sul foi homenageado pela Escola de Samba Unidos de Vila Isabel e a Rainha e as Princesas da Festa da Uva desfilaram no carro que destacava os 120 anos da Imigração Italiana. O debate ficou em torno da pouca visibilidade dada pela Rede Globo, que transmitia o desfile, à participação delas, aflorando a identidade local. “A Globo ignorou completamente a rainha e as princesas da Festa da Uva, preferindo mostrar a velha Derci Gonçalves. **É hora de darmos o troco.**” (*safra* 1996).

Manifestações como essa também surgiram na *safra* de 2002, quando o Jornal Pioneiro publicou uma reportagem falando sobre a opinião de Joãosinho Trinta quanto ao curso alegórico. Como o carnavalesco havia trabalhado na criação dos desfiles do Natal Luz, evento realizado na cidade de Gramado, na Região das Hortênsias, foi levantada a hipótese de ele reestruturar o desfile da Festa da Uva. As opiniões sobre o assunto ficaram divididas, mas muitos defenderam o modelo “caseiro”: “É repugnante ver na capa do jornal um carioca, chamado Joãosinho Trinta, que não conhece nada de colonização e de cultura italiana, **desprezar nosso desfile** da Festa da Uva, o qual é um sucesso por sua **simplicidade** e pela alegria de um povo vencedor”.

Entretanto, a polêmica que mais teve repercussão aconteceu na *safra* de 2000, em que a Rainha Fabiana Koch trocou de lugar com sua irmã gêmea num dos desfiles do curso alegórico, para que ela (a irmã) pudesse vivenciar a mesma experiência. O “pacto” foi revelado dias após o encerramento da festa e gerou grande polêmica na cidade. Houve projeção nacional através da mídia. Para os leitores que integram a categoria *Bons frutos*, quem saiu ganhando foi a Festa. “Não sei qual das duas irmãs é nossa rainha. Só sei que eu e mais muitos caxienses agradecemos a elas a divulgação da festa e da cidade. O resto é pura **dor de cotovelo**”. Já outro depoimento critica a distorção do fato: “Acho infundada a repercussão que está sendo dada ao episódio envolvendo a troca da rainha da Festa da Uva. O fato deve ser encarado e analisado, única e exclusivamente, sob o aspecto positivo, levando-se em conta a intenção das jovens de **dividir a emoção** de estar representando a cidade num ato festivo de abrangência tão grande.”

Fatos como esse, apesar da polêmica, não chegam a ter tanta relevância se formos analisar a dimensão do “festar”. Rosa (2002) destaca que classificar ou regulamentar as motivações, os valores e os interesses da prática festiva não é o mais importante. O que é relevante, na verdade, é a pluralidade desses elementos, suas interfaces, bem como a inter-relação deles com a vida cotidiana de uma população e de um local.

O interessante dessa análise é perceber que todas essas polêmicas tiveram uma participação importante do Jornal Pioneiro enquanto veículo de comunicação que disseminava a informação, o que demonstra a importância da mídia na formação das representações sociais que a comunidade tem a respeito dos fatos, segundo os argumentos de Moscovici (1978). A teoria é confirmada pelos discursos em agradecimento ao veículo, nos quais o sucesso das festas também é atribuído ao jornal. E o mais interessante é que esse discurso não aparece apenas no depoimento oficial: “O sucesso da Festa da Uva teve a **participação da comunidade caxiense** e o apoio da imprensa local, especialmente o jornal Pioneiro, o qual foi exemplar na divulgação deste que é um dos maiores eventos populares do Brasil” (depoimento não-oficial - *safra* 2008). Vemos elogios tecidos também por entidades do setor privado e pela própria comissão comunitária: “O futuro dirá se a Festa da Uva 2000, a última do milênio, **alcançou seus objetivos**. Graças à cobertura do Pioneiro, quem se debruçar sobre esta página da história terá toda a condição de fazer esse julgamento” (depoimento oficial - *safra* 2000).

A proposta de criar um vínculo ainda maior do Jornal Pioneiro com a festa e a comunidade local extrapolou o discurso. Desde a *safra* de 2002, o veículo imprime o jornal do dia do início de cada edição da festa com o aroma da uva<sup>10</sup>. “A surpresa do **perfume da uva** no jornal de hoje é um presente, faz com que a Festa fique ainda mais próxima dos leitores.” Essa iniciativa recebe até agradecimentos do leitor: “Parabenizo e agradeço à equipe do jornal Pioneiro pela maravilhosa surpresa de enviar o jornal perfumado com o doce aroma da uva.”

Não só o jornal Pioneiro reforça a importância da Festa da Uva na construção da identidade da comunidade local. As entidades privadas e também representantes de órgãos públicos sabem aproveitar os espaços destinados à opinião para legitimação do seu trabalho e identificação com a Festa, principalmente quando suas representantes integram o trio de soberanas do evento: “A Festa da Uva ficará marcada não somente na memória da comunidade, mas do comércio caxiense. Nosso setor elegeu a rainha, Andressa Grilo Lovato e fomentamos negócios e relacionamentos. Colecionamos elogios para o Museu do Comércio, que reproduz um armazém de 1885. Tanto sucesso ocorreu por meio de muito **esforço coletivo** e da saudável parceria com a Comissão Comunitária” (depoimento oficial - *safra* 2008).

---

<sup>10</sup> Nas edições da data de abertura da Festa da Uva, a partir de 2002, os leitores receberam o jornal Pioneiro em que as folhas impressas exalavam o perfume artificial da uva (exemplar em anexo).

Espaços também foram ocupados pelas soberanas em suas despedidas ou para convidar a comunidade a participar das festas. Nos depoimentos, a presença de um discurso já legitimado: “Ter sido a rainha da Festa da Uva 2000 foi, sobretudo, entrar em **contato com a alma de nosso povo**. Pude escutar a falar inúmeras linguagens. Ouvi a voz da memória falando de uma tradição que desde 1931 celebra o êxito de uma luta que, depois da travessia, derrubou matas, superou obstáculos e erigiu aqui uma ode ao progresso. Coube-me levar às outras culturas o nosso jeito de ser, os valores de uma comunidade. Minha voz impregna-se de emoção para dizer muito obrigado, Caxias do Sul!” (depoimento oficial - *safra* 2002).

As Festas da Uva são um grande espaço de legitimação de discursos. Não é por acaso que até mesmo nas discussões políticas da cidade ela está presente. Os poderes públicos e privados estão representados na comissão comunitária, sendo uma continuação das instâncias de representação política estabelecidas no município. Apesar das resistências, em alguns momentos a festa consegue diminuir os confrontos de opiniões e posicionamentos presentes no dia-a-dia da comunidade. Amaral explica que as festas possibilitam esse recuo aparente. Para exemplificar melhor, vale resgatar uma opinião da autora descrita na revisão teórica desta pesquisa. Segundo Amaral (2001), a festa é o modo de se resolver, ao menos no plano simbólico, algumas das contradições da vida social, revelando-se como poderosa mediação entre estruturas econômicas, simbólicas e míticas e outras, aparentemente inconciliáveis.

Faz-se possível mostrar esse sentimento através de alguns depoimentos de leitores. “A receita do **sucesso** da XX Festa da Uva se concretizou na base do amor, amizade e trabalho das quais as pessoas envolvidas com as suas organizações dispensaram durante diversos meses” (depoimento oficial - *safra* 1994). O sucesso da festa é compartilhado com a comunidade: “Achei a Festa da Uva deste ano o **maior sucesso**, nos pavilhões e nos desfiles. Devemos ter orgulho de nossa gente, que fez uma Festa elogiada pelos turistas” (*safra* 2002). O reconhecimento da população pelo trabalho realizado é revelado por meio de depoimentos: “Podemos ver competência da comissão, do presidente, da comunidade, de todos os que fizeram a festa acontecer. Que pena que ela dura tão pouco tempo. Parabéns Caxias, obrigada pela festa” (*safra* 2008). Os investimentos feitos para melhorar a estrutura da festa também foram lembrados: “Fiquei admirado e orgulhoso pela infra-estrutura e beleza do nosso parque de exposições da Festa da Uva e com o novo centro de eventos. Parabéns a administração municipal e aos organizadores” (*safra* 2008).

O que mais chama a atenção nesta análise é que a Festa da Uva, apesar de apresentar um discurso de valorização, principalmente da cultura italiana, evidenciou na comunidade um

orgulho de *ser caxiense*. Esse sentimento que se diferencia da questão étnica, pois permite ao sujeito pertencer à comunidade por contribuir, de alguma forma, com o desenvolvimento da cidade. “Como **italiana` e caxiense** quero parabenizar a dedicação, o trabalho e o empenho da comissão organizadora e todos que de uma ou outra forma colaboraram com a Festiva” (safra 2008). Depoimento compartilhado com outro leitor que manifestou orgulho em fazer parte da festa: “A **união das diferentes culturas** que formam o povo caxiense se traduziu num evento especial nesta Festa da Uva” (safra 2008).

O orgulho de ter uma grande festa, de participar, de alguma forma, do processo de “festar” distancia o morador local da percepção turística do evento. São poucos os depoimentos que falam do tema, e a maioria deles encontra-se em discursos indiretos: “A Festa da Uva é uma injeção de dinheiro na cidade” (safra 2008) e “O espírito de mobilização que aconteceu para a Festa da Uva precisa ser permanente na comunidade. Só assim o turismo tem chance de ressurgir” (safra 1994). Esse discurso reforça uma constatação feita por Dartora (2005), em pesquisa realizada entre os profissionais que trabalham com a hospitalidade, sobre o turismo em Caxias do Sul. A percepção da grande maioria é de que o turismo na cidade está centrado apenas na Festa da Uva, porém, no contexto da pesquisa, essa percepção somente aparece com mais força quando a comunidade local cobra maior atenção por parte do poder público, acusando estar sendo negligenciada em favor dos turistas. Análise que será ampliada a seguir na categoria *Prejuízos na safra*.

### 3.2 Prejuízos na safra

Não é por acaso que Amaral (2001), ao falar sobre festa, diz que ela é capaz de diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que a realizam. A festa é tempo e espaço para expressão, rebeldia, devoção, manifestação, reivindicação e oração. “Entremeada por componentes das várias esferas da vida humana, que se imbricam, a vivência da festa – o festar – revela-se como ação, dinamizando a vida humana” (ROSA, 2002, p. 12).

A análise de conteúdo sobre os olhares da comunidade local a respeito da Festa da Uva revelam esses diferentes sentidos na vivência do festar. Ao mesmo tempo em que é um espaço de celebração, o evento também acaba se transformando em local de manifestação e reivindicação. É neste contexto que surge a categoria Prejuízos na safra, na qual serão analisadas as opiniões que apresentam um olhar contestador e negativo, sobre as Festas da

Uva, os apontamentos também necessários para entender o significado do evento para a população de Caxias do Sul e quais representações sociais existem a respeito dele.

Para entender porque surgem as resistências ao discurso pré-estabelecido, é importante retomar Bourdieu. Ele esclarece que, para contrariar a ideia de dominação, muitas vezes, as minorias apostam no discurso performativo que tem em vista impor como legítima uma nova definição das fronteiras. Talvez isso explique o contexto, que será analisado a seguir.

Ao encerrar a análise da categoria anterior, foi possível perceber o distanciamento das opiniões a respeito da temática turismo. Nesta categoria, ela aparece de uma maneira subjetiva, muito mais para criticar o posicionamento do Município enquanto promotor do Turismo: “Concordo com a leitora Livia Severo ao escrever nessa coluna que Caxias do Sul perde turistas para outras cidades da Serra. No entanto, destaco dois pontos: a preferência dos caxienses por festas do interior, por apresentar tranqüilidade, limpeza e beleza natural; Caxias deixa muito a desejar, por exemplo, nas proximidades do Monumento ao Imigrante – para chegar lá só com botas sete léguas.” A comparação com as cidades vizinhas aparece nas manifestações. “Há eventos neste mês em Nova Petrópolis, Bento Gonçalves, Garibaldi, Carlos Barbosa [...] E Caxias do Sul, quando é que vai começar a se mostrar?” (safra 1994).

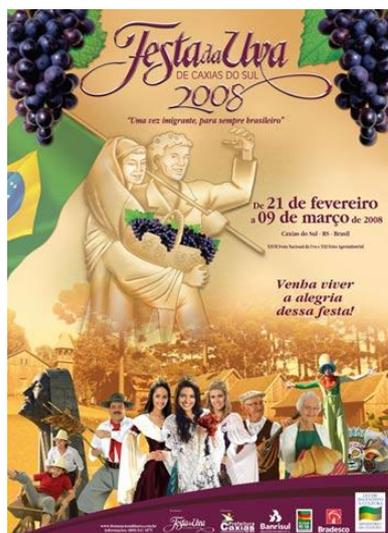
O descrédito apresentado nas opiniões não se reflete apenas na questão turística. Ele está presente quando os leitores revelam a expectativa quanto à realização da primeira Festa da Uva, após a mudança de perfil, em 1994: “Falta motivação da população caxiense em torno da Festa da Uva. Isso mostra que a má administração do evento de 92 ainda não se apagou totalmente da memória” (safra 1994). O leitor também reclama do abandono da cidade no período que antecede a festa: “Não consigo entender como os organizadores conseguem dizer que Caxias do Sul está preparada para a Festa da Uva, quando falta um mês para o evento. Basta dar uma circulada pela cidade para perceber que existem diversos locais abandonados” (safra 1994).

A crítica vai além. O discurso oficial que privilegia apenas a cultura italiana é rechaçado em uma das manifestações: “Sou de origem italiana e não gostei da chamada que fazia convite para a Festa da Uva 94. Admiro a cultura e o trabalho dos italianos, mas esta cidade e este país são de todas as raças. Por isso, vamos engrandecer Caxias do Sul deixando de lado o provincianismo, o egoísmo e o racismo. A cidade e a festa são de todos, independente de raça, cor e religião” (safra 1994).

Sete edições depois da safra de 1994, o discurso de exclusão ainda aparece nas opiniões, e isso talvez possa indicar que a integração das etnias não é um discurso tão

legitimado assim. “Fora da região serrana, consideram nossa cidade **excludente** das etnias que não participaram do início da imigração. Infelizmente alguns episódios de exclusão étnica já ocorreram e contribuíram negativamente para aumentar essa visão distorcida de quem não participa da vida socioeconômica da cidade. Entretanto, o PIB da região vem crescendo gradativamente, em minha opinião muito em consequência das constantes migrações de todas as regiões do país e do mundo. Assim, parece-me que há uma contradição no marketing de divulgação da Festa da Uva na Capital Brasileira da Cultura, eis que não são somente os gaúchos, italianos e seus descendentes que são os operários das fábricas, das lojas e serviços em geral, que com o suor de seu trabalho vêm transformando a antiga colônia em metrópole” (safra 2008).

As imagens e símbolos retratados no cartaz da safra de 2008 também foram criticados: “O cartaz da Festa da Uva é de um **preconceito racial atroz**. Demonstra um pouco de xenofobia de seus idealizadores. Não devemos esquecer que essa pátria miscigenada acolheu muito bem imigrantes que vieram numa situação lamentável de seus países. Mesmo assim, devemos enaltecer essa belíssima festa” (safra 2008).



**Figura 5 - Cartaz Festa da Uva 2008**

Os confrontos estabelecidos nestes discursos são explicados por Hall (2004), quando destaca que, num mundo de fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas, as velhas certezas e hierarquias da identidade têm sido postas em questão. Isso se confirma em outras manifestações analisadas neste estudo. A falta de atenção para com a comunidade local, privilegiando a festa é lembrada com ironia: “**Esqueceram** da estrada da rota turística Caminhos da Colônia, sentido Santa Justina. Ela está completamente tomada pelo mato, em plena Festa da Uva” (safra 2008). Eis as críticas à “maquiagem” feita na cidade apenas para o evento: “Salta aos olhos a **mudança da cidade** devido à Festa da Uva. Podemos observar

muitos policiais nas ruas, a Codeca limpando a cidade (inclusive à noite), lâmpadas queimadas sendo trocadas [...] Quem dera esses eventos tivessem continuidade, passada a Festa da Uva” (*safra* 2004).

Outro depoimento surge em tom de desabafo: “Vejo como **desperdício do dinheiro público** a construção do novo acesso aos pavilhões da Festa da Uva. Não dá para entender um Município aplicar recursos numa área que possui relativo movimento a cada três anos, durante 11 dias. Enquanto isso, a Zona Oeste da cidade continua na dependência da vontade política dos administradores para solucionar o trânsito na Avenida Rio Branco” (*safra* 1994).

Os espaços ocupados para as opiniões oficiais nesta categoria, na maioria das vezes, foram utilizados em resposta às críticas feitas nas falas não-oficiais. Nesta situação, vemos a resposta a uma das citações descritas anteriormente: “Esclarecemos que a Codeca está diretamente ligada aos serviços da Festa da Uva e possui uma **equipe permanente** nos Pavilhões para serviços de limpeza e manutenção, além de uma equipe responsável pela limpeza da Sinimbu nos dias de desfile da Festa da Uva” (depoimento oficial - *safra* 2004). O tom irônico também foi utilizado por um dos presidentes da comissão comunitária para responder a uma crítica feita por um leitor: “A Comissão comunitária aceita com humildade todas as **críticas construtivas**. Todas são bem-vindas, mesmo as que chegam após oito meses de preparação do evento” (depoimento oficial - *safra* 2000).

Para compreender esses confrontos, é importante refletir sobre outro aspecto referente à identidade. Hall (2000), ao citar Laclau<sup>11</sup>, argumenta que a constituição de uma identidade social é um ato de poder, pois se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça. Esse é o trabalho das minorias, ao tentar destruir o discurso hegemônico e transpor as fronteiras.

Na análise a seguir, a transposição de fronteiras não se dá apenas no nível do discurso. A intenção dos sujeitos, ao reivindicar o acesso ao evento, é superar as barreiras que delimitam os espaços da Festa da Uva. Para entrar no parque de exposições e ter direito a um lugar privilegiado no desfile o espectador precisa pagar. Isso gera críticas: “Para visitar toda a Festa da Uva e desfrutar de tudo que o evento nos oferece pagamos R\$ 3,00. Ao mesmo tempo, apenas para estacionar o carro em frente aos pavilhões precisamos desembolsar R\$ 5,00 para **o cartel que ali se instalou**” (*safra* 1996). O preço, visto como abusivo, também é questionado em outro depoimento: “Sinalização deficiente, goteiras quando chove, estacionamento com preço absurdo, e na quinta-feira cobram R\$ 10,00 o ingresso,

---

<sup>11</sup> LACLAU, E. *New reflections on the revolution of our time*. Londres: Verso, 1990.

**afugentando os turistas** com um show discutível e que deveria ter sido realizado em um outro local. Ao término da festa dirão que foi um sucesso. E a cada dois anos menos pessoas visitarão os pavilhões” (*safra* 1996).



**Figura 6 - Vista aérea do Pavilhões - Festiva 2004**

Ao falar sobre o acesso às festas populares, Negrini (2008) aponta o espaço como uma variável, um lugar onde a festa ocorre. Segundo ele, “uma festa que se realize em espaço aberto, onde não haja cobrança, se pode dizer que se trata de uma festa cidadã, porque democratiza a participação quando comparada àquelas que ocorrem em espaços fechados com cobrança de ingresso” (NEGRINI, 2008, p. 127). O espaço fechado será sempre um limitador para o acesso de pessoas com poucas condições financeiras.

E a restrição à participação de grupos culturais locais e regionais também foi motivo de protesto. Os critérios de seleção adotados pela comissão comunitária foram questionados: “Gostaria de saber qual é o critério usado pela comissão organizadora da Festa da Uva para chamar os grupos de pagode que se apresentarão nos pavilhões. Existem outros grupos de melhor destaque em Caxias. O tema da Festa não é *A alegria de estarmos juntos?* A comissão deveria levar em consideração e dar **oportunidade a todos**” (*safra* 2006).

Os grupos de etnia italiana também reivindicaram seu espaço: “Não tem cabimento, ainda mais no ano que Caxias é a Capital Brasileira da Cultura<sup>12</sup>, **deixar de fora** da Festa da Uva grupos musicais que são uma das principais marcas do tradicionalismo italiano da região” (*safra* 2008). A não-inclusão de grupos regionais também teve cobranças por parte do

<sup>12</sup> O projeto Capital Brasileira da Cultura tem o apoio do Ministério da Cultura, Ministério do Turismo, da Unesco e do Bureau Internacional de Capitais Culturais. Caxias do Sul foi eleita a Capital Brasileira da Cultura 2008, na terceira edição do projeto. Antes receberam o título Olinda (PE) em 2006 e São João Del Rei (MG) em 2007. A cidade contemplada recebe recursos para investir na cultura local.

leitor: “A **ausência** de um dos maiores grupos que interpretam a música folclórica italiana, nas apresentações da XX Festa Nacional da Uva é uma pena. O que fez a comissão do evento eliminar a presença do Grupo Ricordi, de Flores da Cunha, da programação?” (*safra* de 1994).

O espaço destinado à apresentação de bandas locais também mereceu questionamento: “Apesar de existir o apoio para bandas locais na Festa da Uva, acredito que para a próxima edição isso poderia ser bem **mais organizado**. Em um parque tão grande, com um bom fluxo de pessoas, por que posicionar o palco local em um lugar praticamente escondido?” (*safra* 2008).

As questões financeiras e o apelo identitário foram utilizados pelo discurso oficial para justificar as críticas. “A ausência do grupo nas apresentações do palco principal dos pavilhões foi **estritamente financeira**, pois trabalhamos com orçamento baixo em relação à grandiosidade da festa” (depoimento oficial - *safra* 1994). Neste outro depoimento oficial, através da garantia de uma festa que irá enaltecer a cultura italiana, vemos mais uma tentativa de legitimar o discurso: “Em resposta ao leitor, gostaria de esclarecer que a Festa da Uva 2008 vai valorizar muito e dar grande destaque à cultura italiana, pois ela é **a alma da nossa festa maior**.” O que se pode evidenciar é que a inclusão, apenas no discurso, não deve aproximar a comunidade do evento. Rosa (2002) explica que a dinâmica cultural da festa se dá por meio das relações sociais e econômicas que se estabelecem, tendo como base seu planejamento, sua organização, sua estruturação e sua realização, em uma interação entre produtores e consumidores. Nessas relações, não são priorizados os interesses locais, mas sim o da indústria cultural e, como a Festa da Uva recebe quase um milhão de visitantes, muitas vezes, os eventos nacionais são mais valorizados pela organização do evento.

Outros sujeitos que reivindicam maior espaço na festa são os micro e pequenos empresários e os agricultores. No primeiro caso, os espaços de locação são considerados caros, o que inviabiliza o negócio. Já os produtores de uva reclamam da falta de apoio. Eles são homenageados no evento através de um baile, no qual são escolhidas as melhores variedades da fruta produzidas na safra. As uvas concorrentes ficam expostas durante toda a festa, porém configuram-se discussões relativas à política agrícola: “Estamos na Festa da Uva, mas **ninguém lembra do agricultor** que planta, colhe, transporta e recebe um ano depois por míseros R\$ 0,46 ao quilo da fruta, que bem analisados não pagam nem os insumos. Isso mostra que o agricultor faz por amor e não por interesse a sua Festa da Uva” (*safra* 2008). Neste sentido, uma informação é ilustrativa. Apesar de realizar a Festa Nacional da Uva, Caxias do Sul não é a maior produtora da fruta no Rio Grande do Sul. Ela está em terceiro lugar (49.727 toneladas), atrás de Bento Gonçalves (114.780 toneladas) e Flores da Cunha

(82.040 toneladas). Os dados de 2006 são do Atlas Socioeconômico RS<sup>13</sup>, elaborado pela Secretaria Estadual de Planejamento e Gestão. E a falta de incentivo, nas três esferas do poder executivo no país, pode reduzir ainda mais a área de plantio no Município, até porque muitos agricultores estão investindo em outras culturas para diversificar a produção e garantir um retorno financeiro melhor. Por todos esses motivos apresentados aqui, o produtor de uva não deve ser esquecido pela sua comunidade, para não acabar perdendo total identificação com a sua própria festa.

O preço da uva e a venda do produto também foram motivo de reclamação por parte dos consumidores/leitores: “Está na hora da Secretaria da Agricultura tomar providências contra os **abusos praticados** nos preços de alguns produtos (uva, por exemplo)” (*safra* 1994). Em resposta ao protesto do leitor, a comissão de agricultura afirmou que “o preço cobrado pelo quilo da uva nas tendas da Praça Dante Alighieri se equipara ao que é pago pelos compradores de caminhões na própria colônia” (depoimento oficial - *safra* 1994). A falta de espaços para a comercialização do produto na cidade também foi lembrada. “**Cadê as uvas?** Essa pergunta foi feita três vezes, no trajeto do Centro até o bairro São Pelegrino. Com o intuito de colaborar, sugiro que a organização da festa coloque bancas de uvas nos pontos estratégicos da cidade” (*safra* 2008).

Os assuntos políticos sempre pautaram a festa. A população cria expectativa ao receber o presidente da República ou um Ministro quanto ao anúncio de medidas de incentivo ao setor produtivo local. Muitos presidentes já visitaram a festa. O Presidente Lula veio na edição de 2006, e a cobertura jornalística do Pioneiro foi questionada por um leitor da seguinte forma: “Estou indignado com a cobertura da visita do presidente da República à cidade. Não acredito que a presença da autoridade máxima do país seja tão inexpressiva que, para preencher as páginas, tenhamos de dar ênfase a **futilidades** como a ida de Lula ao banheiro ou o botão aberto do casaco da primeira-dama” (*safra* 2006).

Para responder ao questionamento, o responsável pela editoria de política do jornal ocupou o espaço de opinião, dizendo: “A visita do presidente ocupou **seis páginas** nas edições de 17 e 18/02, enquanto as notas referidas pelo leitor somaram dez linhas” (depoimento oficial - *safra* 2006).

Já na festa de 2008, o Presidente da República indicou a Ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff para representá-lo. A ausência de Lula foi questionada: “Nosso presidente deve realmente ter um **compromisso inadiável** para não poder vir na abertura de uma grande

---

<sup>13</sup> Atlas Socioeconômico RS – Sec. Planejamento e Gestão/RS. Disponível em: <<http://www.seplag.rs.gov.br>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

festa como a nossa Festa da Uva. Deve ser uma inauguração lá no Nordeste” (*safra* 2008). Os depoimentos revelam um perfil característico da cidade. As disputas políticas em Caxias do Sul são sempre acirradas.

Nas discussões envolvendo a Festa da Uva, nem o prefeito é excluído do páreo. O motivo: a participação das soberanas da Festa de 2008, na festa de aniversário do prefeito José Ivo Sartori. Como era um ano eleitoral e a Rainha e as Princesas estavam trajadas com os vestidos da Festa, o assunto virou polêmica na cidade: “É lamentável a atitude dos vereadores de oposição em relação à presença da rainha e das princesas da Festa da Uva no aniversário do prefeito José Ivo Sartori. Se eles não possuem assuntos pautáveis, poderiam, por exemplo, se preocupar com questões propositivas para Caxias do Sul, e não criar **factóides políticos** em ano eleitoral” (*safra* 2008).

As disputas políticas dentro do contexto da Festa da Uva não param por aí, mesmo porque as festas envolvem simbolismo e ideologias das sociedades que as criam. Uma grande polêmica que surge a cada edição é o local onde é realizado o curso alegórico: Rua Sinimbu, na área central, uma das principais vias de ligação entre o lado leste e oeste da cidade. Pelo menos cinco vezes, a cada edição, o trânsito é interrompido para a passagem do desfile, o que provoca um caos nas ruas centrais de Caxias do Sul. Em todas as edições surge uma proposta para retirada do desfile da Rua Sinimbu, mas ninguém teve a coragem de alterar o roteiro porque, além de uma decisão técnica, estão envolvidas questões culturais. Aqui entra o aspecto da identidade local: os desfiles da Festa da Uva sempre aconteceram ao redor da praça central, onde está localizada a igreja matriz e por onde passam duas das principais ruas da cidade. A cada desfile, a rua é trancada, ônibus e carros são impedidos de passar por mais de oito horas, o que compromete o trânsito. Os desvios oferecidos aos motoristas ficam engarrafados e acabam provocando um grande descontentamento por parte da comunidade que não participa da festa: “Causa-me **indignação** o que ocorre na Rua Sinimbu [...] Nada contra esses eventos, que de certa forma trazem benefícios culturais à comunidade, mas tenho certeza que Caxias dispõe de muitos espaços para esses fins. Até porque não precisa ser engenheiro de Tráfego para avaliar que interromper a rua Sinimbu transforma o Centro num **caos**” (*safra* 1996).

Em outro depoimento, o leitor argumenta que a cidade não mais comporta um evento de tal porte na área central: “Vai longe o dia em que Caxias do Sul podia se dar ao luxo de interditar uma de suas principais vias de tráfego para a realização de um desfile. Estamos no Século XXI, a pujante Caxias do Sul não suporta mais esse **entupimento** em uma de suas

principais artérias. São mais de 130 mil veículos hoje, bem diferente dos românticos anos 70” (safra 2008).



**Figura 7 - Rua Sinimbu - Corso 2004**

Mudanças como essa, reivindicada há tempos por parte da população, merecem atenção por parte dos organizadores do evento. Para justificar essa afirmação, resgatamos Barretto (2001), quando diz que nada nem ninguém permanece absolutamente idêntico a si mesmo para sempre. Manter a identidade local da maneira como foi legitimada é tentar impedir o processo normal pelo qual pessoas e sociedade evoluem. Esse contexto também pode ser atribuído a outros assuntos polêmicos que fazem parte da Festa da Uva e já foram relatados na categoria *Bons frutos*.

A troca de lugar da Rainha Fabiana com sua irmã gêmea recebeu críticas de alguns leitores: “Todos os que se solidarizam com a rainha e sua **fraude** não têm moral alguma para queixar-se de corruptos e escândalos no Brasil. Se fosse nos Estados Unidos ela seria destituída e sofreria indiciamento criminal. Aqui tudo vira pizza” (safra 2000). Em algumas manifestações, o olhar foi de reflexão: “Acho a polêmica (trocas das rainhas) uma grande bobagem. É típico de uma cidade interiorana de pensamento retrógrado. Temos problemas muito maiores na cidade, no Estado e no país. Acredito ser muito mais importante um debate para **repensar a Festa da Uva** que, ao meu ver, é totalmente **ultrapassada e sem criatividade**” (safra 2000).

O perfil da Festa da Uva também foi questionado quando o assunto dizia respeito a Joãozinho Trinta e suas críticas aos corso alegórico: “Talvez para entendermos as críticas de

Joãosinho Trinta devêssemos **relembrar as Festa passadas**: tínhamos um curso alegórico mais criativo, com carros mais elaborados” (*safra* 2002). As opiniões sobre o curso alegórico também contemplam um outro olhar sobre o desfile, o da presença da mulher no contexto Festa da Uva. A mulher imigrante recebeu homenagem especial em 2002, mas não escapou do olhar crítico da comunidade: “A 24ª Festa da Uva, ao homenagear a mulher imigrante, muito bem representada pela ex-rainha Fabiana Koch, embaixatrizes e outras belas caxienses, esqueceu de, em um carro alegórico, representar **a nona<sup>14</sup>, legítima mulher imigrante**, a que põe ou já pôs as mãos na terra para tirar dela o seu sustento. Esqueceu também de reverencia a uva, o tema principal: o carro alegórico da rainha Juliana Marzotto e das princesas estava muito bonito, assim como as representantes da Festa, mas **onde estavam as uvas?** Por que flores?”

A tentativa de inclusão da *nona* no contexto de celebração da festa possibilita recuperar um outro depoimento que trata da proposta do segmento popular para inclusão de uma representante no trio de soberanas do evento. Ao avaliar o assunto, o colunista do jornal Pioneiro tratou a proposta como demagógica e provocou a revolta de um leitor. Isso demonstra que nem sempre o leitor assimila a informação sem questionar, mesmo que precise confrontar o próprio veículo para emitir sua opinião: “Aproveito o espaço para registrar minha indignação em relação ao comentário feito pelo jornalista Renato Henrichs. Classificar de **demagógica** a proposta apresentada por um integrante do júri de incluir no trio uma representante do segmento popular é no mínimo equivocada. Chegamos à conclusão que os critérios do júri devem mudar. Não é justo que o segmento popular seja usado para promover a Festa da Uva. A Comissão Comunitária da festa deveria ter umas aulas para **aprender o significado das palavras `comunitário` e `solidariedade`**” (*safra* 2000).

O discurso de inclusão social presente nesta manifestação explicita as diferenças num espaço legitimado onde é restrita a participação popular, a não ser nas instâncias de representação, como o curso alegórico. Nas últimas edições da festa, os segmentos populares apresentaram candidatas, mas as dificuldades financeiras para confeccionar um vestido para o concurso<sup>15</sup> (criado com base em releitura de uma vestimenta utilizada por imigrantes italianas entre o final do século XIX e o início do século XX) e participar das atividades do pré-concurso inibem a participação.

<sup>14</sup> **Nona** – avó, termo utilizado pelos descendentes de italianos.

<sup>15</sup> De acordo com a historiadora caxiense Tânia Tonet, responsável por diversas releituras de vestidos que serviram de inspiração para a elaboração dos trajes das candidatas à Rainha da Festa da Uva, a vestimenta para o concurso custa entre R\$ 2.500,00 e R\$ 8.000,00, dependendo dos tecidos, rendas e bordados utilizados (entrevista informal concedida no dia 26 de junho de 2009).



**Figura 8 - Concurso Soberanas 2006**

Na safra de 2008, a candidata das Escolas de Samba de Caxias do Sul era negra e desfilou com um vestido de releitura de etnia italiana. Por que a Comissão Comunitária da Festa da Uva, que valoriza as etnias, não permite que cada candidata desfile com um vestido que conte a sua própria história? Em 2006, uma das soberanas representava o Movimento Tradicionalista Gaúcho, mas desfilou um vestido com releitura da etnia italiana. Por que um discurso hegemônico numa Caxias tão diversa? O próximo depoimento ilustra esse sentimento presente na comunidade: “É impressionante como a cidade se movimenta para a Festa da Uva. Mas a **feira é para quem mesmo?** Para os caxienses? O que ganhamos com ela? Uma limpeza da cidade, uma manutenção das pinturas das faixas a cada dois anos. Ou seja, aparentemente Caxias tem que ser bela, limpa e preservada de dois em dois anos. E o restante do tempo?” (safra 2008).

Um tapume da Rua Moreira César, citado por um leitor na pesquisa, nos ajuda a refletir: “Se há alegria em estarmos juntos, por que **vivemos tão distantes?**” (safra 2006).

### **3.3 Reflexões sobre os múltiplos olhares**

Após analisar 279 opiniões publicadas no Jornal Pioneiro a respeito de oito décadas de Festa da Uva, muitas reflexões podem ser feitas. Os inúmeros olhares revelados desvendam mais que sentimentos e desnudam imagens e imaginários, discursos identitários, novas maneiras de perceber o contexto festivo.

Ribeiro (2002) afirma que um evento como a Festa da Uva tem a característica de ser a síntese de várias formas de conhecimento e de dar acesso, por meio de uma fruição prazerosa, a um conhecimento de múltiplas facetas:

Em suas representações e em seus rituais, a festa permite elaborar e oferecer conhecimentos que vão do mítico, na medida em que a representação das experiências de origem já perderam muito de sua referência histórica, ao sacralizado, na medida em que os rituais da festa retiram gestos e falas do cotidiano para lhes dar uma dimensão quase religiosa; do artístico, com a criação de formas de expressão, ao alegórico, em que busca um significado que vai além daquilo que é representado; do conhecimento do senso comum, por meio do qual são percebidas as circunstâncias ou a situação concreta em que se desenrola cada uma das festas, ao conhecimento científico e tecnológico, que em muitos momentos aproveita o âmbito da festa para atualizar e aperfeiçoar as práticas de produção e as relações sociais. (RIBEIRO, 2002, p. 21)

Esses conhecimentos possibilitam à comunidade local direcionar o olhar sobre si mesma e a se descobrir. Esse processo é contínuo. A cada novo momento na vida da comunidade, torna-se necessário construir ou reconstruir a imagem da própria identidade. Faz-se necessário realizar uma reconstrução interna e externa, para determinar novas fronteiras e novos espaços de legitimação.

É inegável a presença da italianidade na Festa da Uva. Em todos os momentos, os promotores da festa fazem questão de resgatar a história que foi responsável pelo início da formação dessa comunidade. Os costumes, as memórias e a trajetória são relembrados a todo o momento para que não se perca a identidade legitimada ao longo de décadas: Caxias do Sul, cidade colonizada por imigrantes italianos, que até hoje contribuem para o desenvolvimento do município. Savoldi (2001), ao escrever sobre a italianidade no Estado de Santa Catarina, ressalta que a cultura à qual os descendentes de italianos se referem diz respeito à leitura que eles fazem hoje do passado: “Elegem no passado os pilares que dão sustentação para o ideal de cultura italiana que corresponda às aspirações atuais, `modernas`, do que é ser italiano” (SAVOLDI, 2001, p. 90). A autora vai além, quando afirma que a italianidade que se quer representar nem sempre é a vivenciada no momento. Tal aspecto pode ser percebido no discurso sobre italianidade presente na Festa da Uva, que perpetua a imagem do *italiano* sobre todas as outras etnias que também fazem parte do contexto local. O IBGE não possui dados oficiais a respeito do assunto, mas é visível, ao participar da vida da comunidade, que Caxias do Sul deixou de ser a cidade da etnia italiana para ser a cidade da multietnicidade. Esse fato está confirmado pelos discursos apresentados nesta pesquisa. Quem não participa dos grupos já legitimados e não se sente pertencente a eles busca novas formas de legitimação através de discursos de não-pertencimento.

Bourdieu explica muito bem como se dá esse processo ao relatar que nas lutas a respeito da identidade étnica ou regional está em jogo o poder de impor uma visão de mundo social. Na lógica propriamente simbólica da distinção, em que existir não é somente ser

diferente, mas também ser reconhecido legitimamente diferente, qualquer unificação, que *assimile* aquilo que é diferente, encerra o princípio da dominação de uma identidade sobre outra, da negação de uma identidade por outra. Isso fica evidente nas relações presentes na comunidade local e no sentimento de “caxiense”. Hall (2004) revela que o fortalecimento das identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados por outras culturas. Ele dá o exemplo no Reino Unido, onde a atitude defensiva produziu uma “inglesidade” reformada, um “inglesismo” mesquinho e agressivo e um recuo ao absolutismo étnico, numa tentativa de escorar a nação e reconstruir uma identidade unificada, filtrando as ameaças da experiência social” (HALL, 2004, p. 85).

O discurso de ser “caxiense” em substituição ao de ser “italiano” reduz os confrontos e dá a “sensação” de que as outras etnias estariam contempladas dentro dele. O sentimento de não-pertencimento à Festa, presente na comunidade local e motivador desta pesquisa, continua e pode ser percebido nos discursos aqui relatados. Ao mesmo tempo em que muitos se identificam com a festa e têm orgulho de participar dela, outros não a reconhecem como fator importante para a construção de uma identidade local. O que pode ser verificado é que as resistências diminuíram ao longo dessas oito edições analisadas, conforme o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Categorização por *Safra* da Uva

Safra/Categoria	Bons frutos	Prejuízos na safra	Total de opiniões
1994	08	40	48
1996	10	20	30
1998	06	10	16
2000	16	22	38
2002	11	11	22
2004	10	15	25
2006	09	15	24
2008	37	39	76
<b>Total/Categoria</b>	107	172	279

Fonte: a autora.

Apesar dos discursos hegemônicos ainda influenciarem na legitimação da identidade local, aos poucos, as minorias estão ocupando novos espaços. As próprias mudanças registradas na festa a partir de 1994, mais precisamente em 2004, com a inclusão de outras etnias no discurso oficial do evento, mostram essas pequenas transformações. Entretanto, é fato que as mudanças estão ainda muito mais no nível do discurso do que na prática efetiva, com a presença de outras etnias no curso alegórico e na escolha das soberanas (com restrições), mas os avanços neste sentido não podem ser ignorados.

Porém, a Comissão Comunitária da Festa da Uva precisa envolver cada vez mais a comunidade para colher os *bons frutos* da festa a cada edição. Por enquanto, a partir do olhar

da comunidade local, com base na pesquisa, os *prejuízos na safra* contabilizam mais de 60% das falas, o que demonstra que, somente com o discurso e algumas ações, não é possível promover a aproximação com os moradores.

As ações no sentido de reconstruir a identidade local devem ultrapassar a festa para que realmente sejam percebidas e assimiladas. O discurso da italianidade ainda perpetua em diversos segmentos relacionados à cultura e ao turismo, por exemplo. Basta resgatar a pesquisa de Sales (2005) sobre a Educação Patrimonial e o Turismo, que analisa a Aula no Museu, do Museu Municipal de Caxias do Sul. A autora relata que o patrimônio cultural do imigrante italiano é o foco da visita monitorada do museu, mesmo que a etnia não caracterize a maior parte do contingente populacional da cidade. O acervo é composto apenas por peças que narram a trajetória dos imigrantes italianos que se estabeleceram na região e, salvo em casos onde a contribuição das outras etnias é o tema central, a exploração da temática é feita apenas verbalmente. A partir deste contexto, Sales questiona a inserção dos sujeitos que participam da Aula do Museu no processo de apropriação da sua realidade histórica e cultural:

De acordo com as respostas obtidas em um dos instrumentos da pesquisa, somente 30,8% dos sujeitos (de um total de 146 estudantes) afirmaram ter ascendência italiana. Cabe, então, a reflexão acerca do fortalecimento do discurso de uma italianidade que supostamente prevaleceria na população caxiense, o que por sua vez é imaginário apropriado pelo turismo. (SALES, 2005, p. 133)

Mais uma vez é constatada a tentativa de legitimar um discurso ideológico que beneficia o grupo dominante local em detrimento de outros segmentos identitários que, tanto quanto o grupo hegemônico, são responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento da cidade. Talvez agora seja possível compreender porque, a cada edição da Festa da Uva, as discussões sobre identidade local e participação são afloradas. As festas propiciam questionamentos, pois recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais. Conforme lembra DaMatta (1986), esses espaços permitem aos sujeitos a tomada de consciência sobre coisas gratificantes, mais também sobre coisas dolorosas. Aquilo que passou despercebido ou foi desprezado no cotidiano, passa a ser realçado nas festas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando uma comunidade realiza uma festa está alimentando sua identidade local. Não é à toa que Amaral (2001) diz que nas festas, a comunidade resolve, no plano simbólico, algumas contradições da vida social. Esse aspecto pode ser verificado nesta análise sobre a Festa Nacional da Uva em Caxias do Sul. O discurso de unicidade apresentado pelos organizadores da festa não é percebido com a mesma clareza pela população.

A Caxias do Sul do século XXI demonstra ser uma cidade das diferenças. A população já não é apenas de descendência italiana e agrega outras etnias, muito em função de seu desenvolvimento industrial. Nas disputas políticas, isso ficou bem evidente nas eleições de 2000 para prefeito. Num universo com mais de 230 mil eleitores, o prefeito eleito venceu pela diferença de 824 votos. Diferenças e disputas que são repassadas para outros campos, como o espaço ocupado por uma festa e suas representações sociais.

Jovchelovitch (2000) explica bem como isso acontece. Segundo ela, as representações sociais são formadas no encontro público de atores sociais, nas várias mediações da vida pública, nos espaços em que os sujeitos sociais reúnem-se para falar e dar sentido ao cotidiano. A Festa da Uva, comemoração realizada na cidade desde 1931, seria um desses espaços. São sete décadas de história, que carrega em sua bagagem um forte discurso de valorização da italianidade associada aos primeiros colonizadores europeus da região, que, se reconhecido nos primórdios, seria questionável e questionado nos dias atuais.

Para entender melhor esse contexto é preciso compreender que em toda a festa sempre há um caráter ideológico. E de acordo com Moura (2003), há sempre uma crença a ser defendida, com interesses espirituais e materiais construídos no decorrer do tempo. Ao celebrar a Festa da Uva, a comunidade não apenas conserva algo que ficou na memória coletiva, como permuta não apenas mercadorias, mas símbolos e significados. Vale lembrar também Rosa (2002), quando afirma que a festa é um signo de valor social.

E é fácil compreender esses aspectos ao analisar o contexto histórico da Festa da Uva. O evento surgiu em 1931 para valorizar a produção da uva e incentivar o cultivo de variedades de maior qualidade. A celebração foi crescendo e evidenciou a cidade por sua cultura local, marcada pela colonização italiana, e também pelo espírito empreendedor da comunidade. Durante a Segunda Guerra Mundial a festa foi cancelada. Só retornou em 1950, onde a comunidade pode novamente demonstrar os valores e a cultura trazida pelos imigrantes italianos, que havia sido proibida durante a guerra, em virtude do nacionalismo imposto por Getúlio Vargas. Foi um momento de exaltação, com a criação de um monumento

em homenagem ao imigrante italiano. A cidade prosperou e, na década de 1970, revelou seu potencial industrial, que acabou sendo absorvido pela Festa da Uva com a realização de uma grande feira agroindustrial. O modelo que valorizava mais o empreendimento feira do que a celebração acabou sendo rejeitado pela população, que pediu mudanças. Na edição de 1994 iniciaram as modificações, tornando o evento mais “festivo”, na tentativa de aproximar a comunidade da festa. Ao longo das últimas edições também foi adotada a estratégia da multiplicidade étnica presente na cidade, para agregar a participação de quem não se sentia pertencente à cultura italiana.

Porém, para aproximar a comunidade da festa, não basta apenas tornar a festa mais popular, mas sim trazer os moradores para dentro do evento. Neste contexto, é importante resgatar Duvignaud (1976, 1983), que defende a participação como elemento fundamental das festas. Ele diferencia as *festas de participação*, incluídas nas cerimônias públicas das quais participa a comunidade; das *festas de representação*, aquelas que apresentam “atores” - que participam diretamente da festa - organizada para os “espectadores”- que participam indiretamente do evento - ao qual atribuem uma dada significação e pela qual são mais ou menos afetados. Por esse olhar, a Festa da Uva possui muito mais características de festa de representação, por contar com a participação de atores que organizam um evento para um grande número de espectadores. E o grau de participação desses espectadores na festa depende do que ela representa para eles no contexto social, histórico e cultural. Dentro da presente pesquisa foi possível perceber, na fala dos moradores do *corpus* analisado, que existe um distanciamento de parte da comunidade para com a Festa da Uva, atribuindo comentários muito mais como espectadores do que participantes do evento.

Isso também pode ser explicado pelo fato de a Festa da Uva ser realizada por uma Comissão Comunitária representativa da população, vinculada ao poder público e a entidades privadas. Quem integra a comissão são as mesmas pessoas que representam os moradores em outros poderes: executivo, legislativo e sindicatos patronais. Quando o espaço de participação é ampliado, surgem oportunidades para pessoas que integram a elite da cidade. À população em geral resta a participação como espectadores ou atores. Aqui vale destacar Rosa (2002), quando afirma que quanto maior a participação dos órgãos públicos no evento, menor o significado comunitário das festas. No caso da Festa da Uva, resta à comunidade em geral a figuração no curso alegórico e também as olimpíadas coloniais. A competição, por valorizar a cultura italiana, acaba restrita às comunidades do interior formadas por essa etnia. Já no parque de exposições, o público paga para ter acesso aos shows, degustação de uvas e visitar a feira agroindustrial, que já tem um porte bem menor do que na década de 1970, e investe

principalmente nos pequenos empreendedores. A gastronomia e o vinho também são oferecidos, mas o público terá que desembolsar um pouco mais para participar dessas atrações da festa.

Esses são sinais de um evento que adquiriu dimensões bem maiores do que apenas celebrar a colheita, com a influência da indústria cultural. Para se ter uma ideia, a Festa da Uva de 2008, recebeu quase um milhão de visitantes, parte desse público de turistas das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Atrativo que, aliado às belezas naturais e a estrutura turística da Serra Gaúcha, despertam o interesse de visitantes de todo o país. A vigésima sétima edição teve uma receita de R\$ 9.890.000,00. E um lucro de R\$ 169.000,00. Pouco para um evento que recebe um público tão grande. É claro que não se pode esquecer da receita indireta gerada em toda a rede receptiva do turismo na cidade, mas parte da comunidade pesquisada neste estudo não percebe isso. E reclama da festa destinada aos turistas e não aos moradores. Amaral (2001) também enfatiza esse aspecto ao dizer que a mercantilização das festas ameaça a identidade local. Diante disso, surge um questionamento: para quem é realizada a Festa Nacional da Uva? Para a comunidade, para os turistas ou para atender aos interesses de um grupo hegemônico local?

Esse questionamento sobre a real identidade da Festa da Uva do século XXI é o que levou a pesquisadora a realizar esse estudo. A cada edição surgem as mesmas discussões de décadas sobre a participação da população no evento. Porque a comunidade como um todo não participa efetivamente da festa? Porque, como revelou essa pesquisa, não se sente pertencente a ela. A participação existe, mas se configura, principalmente, por quem compartilha do discurso hegemônico de italianidade. Apesar de agregar em seu discurso a diversidade cultural e étnica, a Comissão Comunitária não conseguiu avançar muito além desse discurso, sem efetivar na prática, a proposta de inclusão dessas etnias em todo o contexto que envolve a festa.

Não podemos deixar de reconhecer a contribuição da Festa da Uva para a construção de uma identidade local. Porém, é necessário perceber que essa identidade precisa ser reconstruída, não apenas no discurso, mas nas práticas sociais. Não à toa, a presente pesquisa utilizou como metodologia a análise de conteúdo para estudar as representações sociais sobre a Festa da Uva, porque nem sempre os discursos revelam a realidade vivenciada pela comunidade. É preciso ir além da palavra, procurar aquilo que não está explícito, para entender seu contexto e suas representações sociais. Os olhares da população caxiense sobre a festa não são homogêneos, revelam a diversidade e pluralidade de uma cultura local. Os

organizadores do evento, ao evidenciarem apenas os descendentes de italianos, ignoram uma grande parcela da população que pertence a outras etnias e não se sente parte desse contexto.

Por enquanto, o que permanece são os confrontos na disputa por territórios e na tentativa de estabelecer novas fronteiras, encabeçados pelas minorias étnicas, que não são tão minorias assim, e verificados nos discursos analisados na presente pesquisa. A existência dessas resistências indica que, apesar do controle hegemônico, estão sendo registrados avanços no sentido de transpor algumas ideologias.

Na presente pesquisa, os olhares sobre a festa, a partir da Coluna do Leitor do Jornal Pioneiro, revelam nas oito *safras* de Festa da Uva, desde as mudanças realizadas na década de 1990, a colheita de *Bons Frutos e Prejuízos na Safra*. De forma generalista, é possível apontar 107 opiniões positivas e 172 negativas. Em algumas falas apresentadas na pesquisa os aspectos positivos e negativos apareceram no mesmo discurso. Uma forma de entendimento, mas também de cobrança por parte do leitor. Porém, como propõe este estudo, é necessário ir além das opiniões para demonstrar o que a população pensa a respeito da festa. É preciso entender os recados dados em cada uma das edições e compreender os seus significados e símbolos.

Na *safra* de 1994, o discurso presente nas notas do Jornal Pioneiro ainda era muito cético em relação às mudanças na festa. Poucos acreditavam no seu sucesso, e as críticas foram incisivas: **provincianismo, egoísmo e racismo; falta de motivação; desperdício do dinheiro público; abuso de poder e posição sócio-econômicos; prejuízo; locais abandonados; falta de atenção para as comunidades afastadas do centro da cidade**. Os Bons Frutos vieram como voto de confiança ao trabalho que estava sendo realizado: **mobilização; resgate de sua tradição turística; competência e organização**. Foram 40 opiniões negativas e oito notas positivas. As falas do discurso oficial apareceram para reforçar os pontos positivos da festa ou justificar as críticas presentes no discurso não-oficial.

A *safra* de 1996 revelou olhares mais positivos sobre a Festa da Uva, com a afirmação do discurso de italianidade e caxienseidade: **amor pela cidade onde nasceram; construímos aqui uma nova Itália; orgulho de ser caxiense; prazer**. Ao mesmo tempo surgiram críticas aos preços altos cobrados no evento, à valorização dos turistas e não da comunidade local, ao caos no trânsito provocado pelo curso alegórico no Centro da cidade, aos investimentos feitos na festa e não em obras para a comunidade: **cartel que ali se instalou; afugentando os turistas; a Festa da Uva também é nossa e não só de turistas; indignação; caos**. Falas que demonstram um discurso de não-pertencimento à festa, de que o evento explora, incomoda e não valoriza a comunidade local. Dos 30 depoimentos

registrados, 10 fizeram parte da categoria *Bons Frutos* e 20 da categoria *Prejuízos na Safra*. Mesmo com um índice alto de notas negativas, as opiniões já apresentam um olhar mais positivo sobre a festa. E o discurso oficial apareceu, mais uma vez, para justificar as críticas.

Em 1998, o número de depoimentos foi pequeno, apenas 16. Desse total, 10 negativos, com críticas ao perfil da festa, às pessoas que só desqualificam, aos caxienses que não participam da Festa da Uva e aos políticos que, contrários ao governo municipal na época, não apoiaram o evento: **correndo risco de perdê-la; perde turistas para outras cidades da Serra; crítica nos faz crescer; não seja prestigiada pelos caxienses; boicote**. Unidades de registro como essas apontam para um aspecto pertinente nas festas, a questão ideológica e a disputa de poder. Como a Comissão Comunitária conta com representantes do poder público, os interesses políticos também estão em jogo. Nas falas positivas, o destaque ficou para **o trabalho merecedor de elogios**. O que revela um olhar de aprovação sobre a festa. As notas oficiais apareceram para reforçar o lado positivo do evento. E não apareceram notas oficiais negativas nesta *safra*.

A *safra* de 2000 recebeu destaque pela troca da Rainha, fato já relatado nesta pesquisa. As irmãs gêmeas trocaram de lugar no curso alegórico. O assunto rendeu muita discussão na comunidade, com críticas radicais e também defesas bem humoradas. O episódio ajudou a reforçar, mais uma vez, o sentimento de italianidade e caxiense, tanto nas críticas, como nos elogios: **dor de cotovelo; dividir a emoção; tornar Caxias mais conhecida; decepciona a comunidade, principalmente a ítalo-brasileira; fraude; mancha na história da Festa da Uva**. Das 38 contabilizadas, 22 foram positivas e 16 negativas.

Em 2002, a Festa da Uva prestou homenagem às mulheres. A iniciativa mereceu elogios da população. Porém, o assunto mais debatido nesta *safra* foi Joãozinho Trinta e suas críticas ao curso alegórico da festa. Ao dizer em uma entrevista que o desfile precisava ser revitalizado, o carnavalesco recebeu críticas e elogios. Mais um episódio que serviu como reforço da identidade local: **desprezar nosso desfile; lembrar festas passadas; simplicidade; o trabalho e as pessoas que fazem a grandeza de Caxias; desfiles têm deixado a desejar; Caxias ganharia; alegorias na Festa da Uva?** Polêmicas como essa geram debates acirrados entre a população. Na *safra* de 2002, as opiniões ficaram divididas, com 11 depoimentos na categoria *Bons Frutos* e 11 na categoria *Prejuízos na Safra*. Primeira edição onde as opiniões entre as categorias se igualaram entre positivas e negativas. O que demonstra uma redução das resistências frente às mudanças realizada pelos organizadores do evento. Nesta festa também, o Jornal Pioneiro publicou pela primeira vez, na abertura do

evento, a edição com o perfume da uva nas folhas do periódico. Uma estratégia do veículo para criar um vínculo com a festa e a comunidade.

Na *safra* de 2004, aparece pela primeira vez no discurso oficial a valorização de todas as etnias que ajudaram a construir Caxias do Sul. Entretanto, o assunto não recebeu destaque entre as opiniões relatadas nesta edição. As críticas ao poder público por “maquiar” a cidade para a festa ocuparam boa parte da categoria *Prejuízos na Safra: não passa de uma fachada; maravilhosa “decoração”; mudança da cidade devido à Festa da Uva; precárias condições*. Nem o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi poupado das críticas pelo excesso de seguranças na cidade na data de sua visita. Opiniões que revelam a presença de um discurso ideológico. Dos 25 depoimentos registrados nesta safra, 15 foram negativos.

O tema da *safra* de 2006 foi “A Alegria de Estarmos Juntos”. Nesta edição, o discurso oficial de integração das diversas etnias que contribuíram para o desenvolvimento de Caxias foi melhor assimilado pela comunidade. As opiniões reproduzindo esse discurso apareceram nas notas do jornal: *etnias que construíram Caxias; unidos pelas mesmas lutas; presença marcante e decisiva de dezenas de outros povos*. Falas reforçadas após mais um polêmica: uma das princesas eleitas para esta edição não havia nascido em Caxias e recebeu críticas de uma cidadã que defendia o discurso da italianidade. Nos depoimentos, a soberana recebeu o apoio da população. Mais uma demonstração de que o discurso hegemônico encontra resistências na comunidade local. De 24 opiniões registradas nesta *safra*, nove integram a categoria *Bons Frutos* e 15 a categoria *Prejuízos na Safra*.

A edição de 2008 registrou o maior número de opiniões da pesquisa. De um universo de 76 depoimentos, a categoria *Bons Frutos* recebeu 37 notas e a categoria *Prejuízos na Safra*, 39. Praticamente um empate. O que demonstra mais uma vez que as resistências ao novo perfil da Festa da Uva estão diminuindo. As diferenças existem, o que pode ser percebido nos discursos. Porém, muito se avançou se compararmos aos dados da primeira edição. Nas falas positivas aparecem unidades de registro como *construção coletiva, injeção de dinheiro, recuperamos o orgulho, “italiana” e caxiense, união de diferentes culturas, participação da comunidade caxiense*. O contraponto surge com opiniões divergentes, apontando a festa como *excludente*; onde há *preconceito racial atroz*; reclamando da *pouca divulgação*; questionando *para quem é a festa*, pedindo para *repensar o local* do curso alegórico. Sinal de que é preciso avançar muito na construção de uma identidade local que contemple a diversidade de olhares e opiniões. São as representações sociais que a comunidade vai construindo no meio onde vive, recebendo a influência de diversos fatores que compõe esse contexto. Um deles é a imprensa. Na *safra* de 2008, os veículos de comunicação do Grupo

RBS investiram muito na divulgação da Festa da Uva, resultado de parceria publicitária entre a empresa e o evento. Prova disso, é o número de opiniões registradas na Coluna do Leitor do Jornal Pioneiro nesta *safra*.

E a imprensa, instrumento utilizado para obter o *corpus* desta pesquisa, apesar de oferecer canais de participação à comunidade para expor suas opiniões, ainda continua sendo um meio de perpetuação do discurso hegemônico, principalmente por questões econômicas. E o que preocupa é que os veículos de comunicação são determinantes na formação das representações sociais que a comunidade cria a respeito do local onde vive. Apesar de oportunizar um espaço “democrático” de opinião, os espaços destinados a legitimação do discurso hegemônico ainda são bem maiores que o primeiro.

Diante do conteúdo analisado, o que se pode afirmar é que as representações sociais a respeito da Festa Nacional da Uva na Caxias do Sul do século XXI se dividem em dois grandes campos, com opiniões favoráveis e outro com opiniões desfavoráveis sobre o evento. E que essas falas estão diretamente ligadas à construção da identidade local. Nos *Bons Frutos* que a festa colhe estão sentimentos de orgulho pela cultura italiana e suas origens; de satisfação em participar, de alguma forma, do desenvolvimento econômico de uma cidade pujante; de exaltação ao participar ou estar representado numa festa que celebra os valores locais; e de inclusão, quando agrega outras etnias ao contexto histórico e social da cidade. Representações essas que muitas vezes são contestadas por quem não compartilha desse discurso. Os *Prejuízos na Safra* apontam que as representações sociais sobre a festa estão distantes do discurso da homogeneidade proposto pelos seus organizadores. Os sentimentos de que a festa exclui; mascara a realidade local; é preconceituosa ao evidenciar a cultura italiana em detrimento de outras etnias; desperdiça o dinheiro público; promove o abuso de poder ficaram claros na pesquisa. Uma demonstração de que Amaral (2001) estava certa ao dizer que as festas expõem as fragilidades e contradições da vida social. Talvez não de forma explícita, mas totalmente perceptível neste estudo, que se propôs a enxergar o que estava além da palavra.

Neste contexto, é importante destacar Hall (2000) e Bourdieu (2001) quando discorrem que a construção da identidade se dá por meio da diferença. Os discursos carregam influências políticas e sociais, além de agregarem um imaginário criado no ambiente onde a comunidade está inserida. Porém, para diminuir as resistências e construir uma nova identidade local é preciso ultrapassar fronteiras e criar novos territórios.

O reconhecimento de uma “caxienseidade”, identificada na pesquisa, pode significar uma avanço no sentido de romper com o discurso da “italianidade”, embora o primeiro tenha sido criado pelo mesmo grupo hegemônico do segundo para reduzir os conflitos étnicos.

Como a Caxias do Século XXI está longe de ser uma cidade somente de descendentes italianos, o discurso da “caxienseidade” pode ser reconstruído no sentido de pertencimento, agregando, de fato, todas as etnias e possibilitando a construção de uma nova identidade local, que reconheça o passado, mas se utilize do presente para criar novas instâncias de legitimação.

Apesar de a Festa da Uva estar sob a responsabilidade de quem detém o discurso hegemônico, e isso garantir a realização do evento enquanto esse discurso se perpetue, a não identificação de parte da comunidade para com o evento, pode descaracterizá-lo no futuro, fazendo com que a celebração perca o sentido. Fatores como Caxias do Sul ser uma cidade industrial, ter um perfil de grande município, não ter a uva mais como um dos principais propulsores do setor produtivo, e ainda não ter um reconhecimento como potencial turístico, podem ajudar neste sentido. Essa é a contribuição deixada por essa pesquisa, para evitar que isso aconteça é preciso perceber os múltiplos olhares presentes na comunidade caxiense e valorizá-los enquanto sujeitos essenciais na formação de uma nova identidade local.

## REFERÊNCIAS

- ADAMI, João Spadari. **Festas da Uva – 1881 a 1965**. Caxias do Sul: Gráfica São Miguel.
- AMARAL, Rita. **Festa à brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”**. Fonte digital: Documento da autora. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/festas.html>>. Acesso em: 26 fev. 2008.
- AVENA, Biagio M. **Turismo, educação e acolhimento: um novo olhar**. São Paulo: Roca, 2006.
- ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. **Histórias da Festa da Uva**, 1991.
- AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2003.
- BAHL, Miguel. **Legados étnicos & oferta turística**. Curitiba: Ed. Juruá, 2004.
- BANDEIRA, Milena Berthier. **Cidade e turismo na imprensa especializada: excessos, labirinto, pecado, interdito, produção e reprodução de imaginários**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2001.
- BARRETTO, Margarita. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. **Revista Turismo em Análise**, v. 15, n. 2, p. 133-149, nov. 2004.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Tradução de Artur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1995.
- BONALD NETO, O. **Cultura, turismo e tempo: fruição do intangível**. Recife: Fundarpe, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 107-132.
- BRADACZ, Luciane. **Festa da colônia de Gramado/RS (1985 – 2004): evolução histórica e atração turística**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Ed. Papirus, 1989.

BERISTAIN, Carlos Martin; LIU, James; PÁEZ, Darío; TECHIO, Elza. Representaciones sociales de la historia: estúdios y aplicación a sociedades com um pasado traumático. In: CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução de C.N.P. Coelho. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CASTRO, Claudiana Y. **As representações sociais sobre o patrimônio histórico-cultural e a folheteria turística de Rio Pardo (RS): um estudo exploratório**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2007.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DARTORA, Juliana de Souza. **Turismo e seus discursos: percepção e atribuição na cidade de Caxias do Sul/RS**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2005.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza, Ceará: Ed. Tempo Brasileiro, 1983.

ERBES, Luiz Carlos. **A alma de um povo: 7 décadas de Festa da Uva**. Caxias do Sul: Maneco, 2000.

FESTA DA UVA. Site de divulgação da Festa da Uva na internet. Disponível em: <<http://www.festanacionaldauva.com.br>>. Acesso em: 20 mar. 2008.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs.). **Turismo e patrimônio cultural**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo. Turismo e Etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, v. 9, n. 20, p. 141-159, out. 2003.

GRUPO RBS. Site de divulgação oficial da empresa na internet. Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br>>. Acesso em: 15 abr. 2009.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

GUARESCHI, Pedrinho A. “Sem dinheiro não há salvação:” ancorando o bem e mal entre os Neopentecostais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALLAL, Dalila Rosa. **Representações sociais do turismo: estudo exploratório junto à comunidade local de Pelotas, Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2004.

HOFFMANN, Norberto. **Expansão urbana e gestão turística: políticas e práticas públicas no município de Canela entre 1988 e 2002**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2004.

IBGE. Site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na internet. Disponível em: <<http://www.ibge.org.br>>. Acesso em: 15 abr. 2009.

JORNAL CAXIAS. Caxias do Sul: mar. 1931.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias do Sul: fev. 1981.

JORNAL PIONEIRO. Caxias do Sul: 1950-2008.

JORNAL STAFETTA RIOGRANDENSE (CORREIO RIOGRANDENSE). Caxias do Sul: década de 1930.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis. Ed. Vozes, 2000.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. Usos e abusos do conceito de representação social. In: SPINK, Mary Jane (org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LEFRÈVE, Fernando; LEFRÈVE, Ana Maria Cavalcanti; TEIXEIRA, Jorge Juarez Vieira. **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

LIMA, Carlos. Turismo cultural: que formação? In: GASTAL, Susana; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (orgs.). **Turismo na pós-modernidade: (des)inquietações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade: histórias de Caxias do Sul – 1875/1950**. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

MOCELLIN, Maria Clara. Trajetória de grupos empresariais e construção de identidades em meio a região colonial italiana do Rio Grande do Sul. **Cadernos de Pesquisa/Universidade de Caxias do Sul**, v. 6, n. 5, 1998.

MARTINS, Clerton. **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo: Rocco, 2003.

McINTOSH, Robert W.; GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J.R. Brent. **Turismo: planeación, administración y perspectivas**. Tradução de Manuel Salazar Palácios. 2. ed. México: Limusa - Wiley, 2000.

MELO NETO, Francisco Paulo. **Criatividade em eventos**. São Paulo: Contexto, 2000.

MELO NETO, Francisco Paulo. Evento: de ação, de entretenimento a agente de promoção do patrimônio histórico-cultural. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs.). **Turismo e patrimônio cultural**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

MORALES, J. Francisco. **Psicologia Social**. 3. ed. Madrid: Mcgraw-Hill / Interamericana de España, S.A., 2007.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 2. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **A representação da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOURA, Antônio de Paiva. Turismo e festas folclóricas no Brasil. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs.). **Turismo e patrimônio cultural**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

NEGRINE, Airton; BRADACZ, Luciane. **A festa da colônia de Gramado/RS**. Porto Alegre: Edição dos Autores, 2006.

NEGRINE, Airton. Festas populares e endorfinas. In: NORA, Paula; PUGEN, Bianca (orgs.). **Diálogos**. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2008.

OLIVEIRA, Fátima O. de; WERBA, Graziela C. Representações Sociais. In: STREY, Marlene Neves (org.). **Psicologia social contemporânea**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PAIVA, C. S. **O aluno trabalhador e o ensino superior nas representações dos sujeitos do processo**. Dissertação (Mestrado). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1994.

PERCE, Philip L.; MOSCARDO, Gianna. Análise do turismo comunitário: fazendo as perguntas certas. In: PEARCE, Douglas G.; BUTLER, Richard W. (orgs.). **Desenvolvimento em turismo: temas contemporâneos**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 47-67.

PEREIRA, Gisele Silva. **A variável ambiental no planejamento de eventos turísticos: estudo de caso da Festa Nacional da Uva – RS**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2007.

PEREIRA, Mabel Salgado; CAMURÇA, Marcelo Ayres (orgs.). **Festa e religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais**. Juiz de Fora: Templo Editora, 2003.

PIONEIRO 60 ANOS – De geração em geração. Encarte especial dos 60 anos do Jornal Pioneiro. 04 nov. 2008.

PIRES, Mário Jorge. **Lazer e turismo cultural**. Barueri, São Paulo: Ed. Manole, 2001.

PLENTZ, Renata Soares. **Dialética da hospitalidade: caminhos para a humanização**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2007.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **Festa e identidade: como se fez a Festa da Uva**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

ROSA, Maria Cristina (org.); PIMENTEL, Giuliano G. de Assis; QUEIRÓS, Lorena Von Borstel G. de. **Festa, lazer e cultura**. Campinas: Papirus, 2002.

ROSS, Glenn F. **Psicologia do turismo**. Tradução de Dinah Azevedo. São Paulo: Contexto, 2001.

SÁ, Celso Pereira de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane P. (org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SALES, Fabiana de Lima. **A educação patrimonial e o turismo: o caso da aula no Museu do Museu Municipal de Caxias do Sul/RS**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2005.

SANTOS, Valmir dos. **Turismo de eventos em Caxias do Sul: a influência dos eventos de lazer e dos eventos de negócios no desenvolvimento do turismo local**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2003.

SAVOLDI, Adiles. A reconstrução da italianidade no sul do estado de Santa Catarina. In: BANDUCCI Jr., Álvaro; BARRETTO, Margarita (orgs.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, Coleção Turismo, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA FILHO, Edson Alves de. Análise de Representações Sociais. In: SPINK, Mary Jane P. (org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. **Os recados das festas**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.

ZOTTIS, Alexandra Marcela. **A contribuição dos cartazes da Festa da Uva na construção da imagem turística de Caxias do Sul.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2003.

**APÊNDICE A - OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA - SAFRA DE 1994**

<i>Categorias</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>Unidades de Registro – Objeto ou referente</i>	<i>Unidades de Contexto – frase</i>	<i>Frequência</i>
<b>Bons frutos</b>	<b>Discurso não-oficial</b>	<p>Mobilização</p> <p>Resgate de sua tradição turística</p> <p>Lado bom</p> <p>Competência e organização</p>	<p>“O espírito de <b>mobilização</b> que aconteceu para a Festa da Uva precisa ser permanente na comunidade. Só assim o turismo caxiense tem chance de ressurgir”.</p> <p>“Ana Rech está de parabéns pelo <b>resgate de sua tradição turística</b> apresentado durante a Festa da Uva. Aos poucos, o distrito toma o seu lugar de destaque na Serra gaúcha.”</p> <p>“Todos falam do lado negativo do show dos Titãs (presença de menores, bebidas e atraso). Por que ninguém comenta o <b>lado bom</b>? Quem estava presente gostou da apresentação”.</p> <p>“A direção da Festa da Uva 94 deu exemplo à região do que é <b>competência e organização</b>.”</p>	05 - 10,42%
	<b>Discurso oficial</b>	<p>Participação de toda a comunidade</p> <p>Sucesso</p> <p>Voto de louvor</p>	<p>“Planejar a Festa da Uva 94 dentro de uma perspectiva de mudança estrutural ao longo dos próximos anos – criando oportunidades e alternativas para tornar a festa comunitária, quebrando a impessoalidade caxiense e regional – foi o espírito que norteou a comissão responsável pela organização do evento. O resultado positivo deu-se graças à <b>participação de toda a comunidade</b>.”</p> <p>“A receita do <b>sucesso</b> da XX Festa da Uva se concretizou na base do amor, amizade e trabalho das quais as pessoas envolvidas com as suas organizações dispensaram durante diversos meses.”</p> <p>“Participo que este Legislativo aprovou, por unanimidade, <b>voto</b></p>	03 – 6,25%

**Bons frutos**

<b>Bons frutos</b>			<b>de louvor</b> a este jornal (Pioneiro) pela edição especial sobre a Festa da Uva”.	
<b>Prejuízos na safra</b>	<b>Discurso não-oficial</b>	<p>Começar a se mostrar</p> <p>“Banho” em Caxias do Sul</p> <p>Provincianismo, egoísmo e racismo</p> <p>Locais abandonados</p> <p>Falta motivação</p> <p>Desperdício do dinheiro público</p> <p>Via da Uva</p> <p>Ausência</p> <p>Fatos lamentáveis</p> <p>Abusos praticados</p> <p>Afirmção vergonhosa</p> <p>Silêncio</p> <p>Poder e posição sócio-econômicas</p> <p>Atenção para as comunidades afastadas do centro da cidade</p> <p>Humilhar e afugentar os turistas</p>	<p>“Há eventos neste mês em Nova Petrópolis, Bento Gonçalves, Garibaldi, Carlos Barbosa [...] E Caxias do sul, quando é que vai <b>começar a se mostrar?</b>”</p> <p>“As cidades da região estão dando um <b>“banho” em Caxias do Sul</b>. A comunidade de Bento Gonçalves, Nova Petrópolis, Garibaldi, Carlos Barbosa e Farroupilha sabem fazer festas”.</p> <p>“Sou de origem italiana e não gostei da chamada que fazia convite para a Festa da Uva 94. Admiro a cultura e o trabalho dos italianos, mas esta cidade e este país são de todas as raças. Por isso, vamos engrandecer Caxias do Sul deixando de <b>lado o provincianismo, o egoísmo e o racismo</b>. A cidade e a festa são de todos, independente de raça, cor e religião.”</p> <p>“Não consigo entender com os organizadores conseguem dizer que Caxias do Sul está preparada para a Festa da Uva, quando falta um mês para o evento. Basta dar uma circulada pela cidade para perceber que existem diversos <b>locais abandonados</b>”.</p> <p>“<b>Falta motivação</b> da população caxiense em torno da Festa da Uva. Isso mostra que a má administração do evento de 92 ainda não se apagou totalmente da memória”.</p> <p>“Vejo como <b>desperdício do dinheiro público</b> a construção do novo acesso aos pavilhões da Festa da Uva. Não dá para entender um Município aplicar recursos numa área que possui</p>	33 - 68,75%

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>		<p>Prejuízo</p>	<p>relativo movimento a cada três anos, durante 11 dias. Enquanto isso, a Zona Oeste da cidade continua na dependência da vontade política dos administradores para solucionar o trânsito na Avenida Rio Branco.”</p> <p>“O novo acesso aos pavilhões da Festa da Uva poderia ser denominado de Via do Seminário ou <b>Via da Uva</b>, ao invés de nomes de pessoas que pouco tem a ver com a história da cidade.”</p> <p>“A <b>ausência</b> de um dos maiores grupos que interpretam a música folclórica italiana, nas apresentações da XX Festa Nacional da Uva é uma pena. O que fez a comissão do evento eliminar a presença do Grupo Ricordi, de Flores da Cunha, da programação?”</p> <p>“A entrada de pessoas do Teatro de Lona com latas de cerveja ou refrigerante deve ser proibida. Isso evita que <b>fatos lamentáveis</b> se repitam como o que aconteceu no sábado à noite, no show dos Titãs”.</p> <p>“Está na hora da Secretaria da Agricultura tomar providências contra os <b>abusos praticados</b> nos preços de alguns produtos (uva, por exemplo).”</p> <p>“Foi uma <b>afirmação vergonhosa</b> (do presidente da Multirestaurantes, Ângelo Daboit, justificando os altos preços cobrados pelos restaurantes nos pavilhões da Festa da Uva), pois compara os metalúrgicos a simples mendigos, quando na realidade são os responsáveis pelo progresso da cidade.”</p> <p>“Estranho o <b>silêncio</b> da direção da Festa da Uva em relação à</p>	
----------------------------------	--	-----------------	--	--

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>			<p>manifestação do presidente da Multirestaurantes.”</p> <p>“A Equipe Tutti Quanti, da gincana cultural, mostra-se indignada diante dos fatos lamentáveis que ocorreram durante o evento. O <b>poder e posição sócio-econômicas</b> colaboraram decisivamente para o resultado final.”</p> <p>“Terminada a Festa da Uva, a administração Municipal precisa voltar sua <b>atenção para as comunidades afastadas do centro da cidade</b>. Em alguns bairros falta água, em outros o lixo toma conta das ruas. Existe, ainda, a falta de infraestrutura, com esgoto correndo a céu aberto.”</p> <p>“A próxima Festa da Uva deve encontrar uma forma mais humana de oferecer a degustação de uvas. Ficar confinado como animal no meio de bagaços e ainda ser intimidado pelos seguranças é uma forma de <b>humilhar e afugentar os turistas</b>”.</p> <p>“Muita gente de fora da cidade fica me perguntando como, a cada evento, a festa registra <b>prejuízo</b>, resultado da má administração de recursos.”</p>	
	<p><b>Discurso oficial</b></p>	<p>Se equipara Estritamente financeira</p>	<p>“O preço cobrado pelo quilo da uva nas tendas da Praça Dante Alighieri <b>se equipara</b> ao que é pago pelos compradores de caminhões na própria colônia”.</p> <p>“A ausência do grupo nas apresentações do palco principal dos pavilhões foi <b>estritamente financeira</b>, pois trabalhamos com orçamento baixo em relação à grandiosidade da festa”.</p>	<p>07-14,58%</p>
<p><b>Total</b></p>				<p>48 – 100%</p>

**APÊNDICE B - OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA - SAFRA DE 1996**

<i>Categorias</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>Unidades de Registro – Objeto ou referente</i>	<i>Unidades de Contexto – frase</i>	<i>Frequência</i>
<b>Bons frutos</b>	<b>Discurso não-oficial</b>	<p>Amor pela cidade onde nasceram</p> <p>Simplesmente maravilhoso</p> <p>É hora de darmos o troco</p> <p>Construímos aqui uma nova Itália</p> <p>Orgulho de ser caxiense</p> <p>Sucesso</p> <p>Bom atendimento com os visitantes</p> <p>Prazer</p>	<p>“Mais uma vez participamos do curso alegórico [...] valeu a pena pelas crianças, pois além de desinibi-las, despertamos nelas o <b>amor pela cidade onde nasceram</b>”.</p> <p>“Assisti ao desfile na última quarta-feira à noite e confesso que fiquei emocionado e muito orgulhoso de ser caxiense. <b>Simplesmente maravilhoso.</b>”</p> <p>“A Globo ignorou completamente a rainha e as princesas da Festa da Uva, preferindo mostrar a velha Derci Gonçalves. <b>É hora de darmos o troco.</b>”</p> <p>“Quando nós, descendentes de italianos, acordarmos e vermos que em 120 anos <b>construímos aqui uma nova Itália</b>, faremos um filme sobre a saga da imigração contando histórias reais do sofrimento dos imigrantes.”</p> <p>“É lamentável que, num momento em que toda a sociedade está empenhada em realizar uma grande Festa da Uva e em que despertamos para o valor de nossos antepassados que deram início a esta grande cidade, o presidente do Esporte Clube Juventude vem a público e diz ter vergonha de ser caxiense... o que deixa a mim e a todos que, como eu tem <b>orgulho de ser caxiense</b>, indignados com a total falta de respeito para com o povo de nossa cidade.”</p>	08-26,66%



<p><b>Prejuízos na safra</b></p>		<p>Afugentando turistas</p> <p>Coquetel de desorganizações</p> <p>Também é nossa e não só de turistas</p> <p>Maquiar os erros</p> <p>Indignação</p> <p>Caos</p> <p>Apenas uma ilusão de pessoas gananciosas</p>	<p>“Na condição de pagante para assistir ao último curso alegórico, quero registrar o <b>protesto</b> de quem, com toda a família e mais dezenas de turistas, teve de permanecer todo o desfile mal acomodada sobre caixas de uva porque as arquibancadas já estavam lotadas.”</p> <p>“Para visitar toda a Festa da Uva e desfrutar de tudo que o evento nos oferece pagamos R\$ 3,00. Ao mesmo tempo, apenas para estacionar o carro em frente aos pavilhões precisamos desembolsar R\$ 5,00 para <b>o cartel que ali se instalou.</b>”</p> <p>“Causa <b>estranheza</b> a falta de cobertura do Pioneiro às 65 apresentações tradicionalistas realizadas no Palco Comunitário da Festa da Uva de 1996”.</p> <p>“Gostaria de saber do Conselho Tutelar como fica a <b>imagem de uma grande festa</b> se na hora de o visitante comprar seu ingresso, ele é abordado por <b>crianças pedindo esmolos.</b>”</p> <p>“Sinalização deficiente, goteiras quando chove, estacionamento com preço absurdo, e na quinta-feira cobram R\$ 10,00 o ingresso, <b>afugentando os turistas</b> com um show discutível e que deveria ter sido realizado em um outro local. Ao término da festa dirão que foi um sucesso. E a cada dois anos menos pessoas visitarão os pavilhões”.</p>	
----------------------------------	--	---	---	--

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>			<p>“É triste admitir, mas a Festa da Uva é um <b>coquetel de desorganizações</b>. Temos expositores prejudicados, trânsito desviado na hora do pique, apresentações limitadas aos Mamonas Assassinas e a Amado Batista, etc. Espero que as próximas equipes organizadoras não sofram da mesma doença, pois a Festa da Uva <b>também é nossa e não só de turistas.</b>”</p> <p>“A cada chuva os funcionários da prefeitura têm de correr e retirar a lama que cobre a rua Ludovico Cavinato, no acesso à Festa da Uva. A questão é saber se, uma vez concluído o evento, a administração continuará tentando <b>maquiar aos erros</b> ali cometidos.”</p> <p>“Causa-me <b>indignação</b> o que ocorre na Rua Sinimbu, a rua que praticamente mais escoo o tráfego de Caxias, mas que é frequentemente interrompida para gincanas. Nada contra esses eventos, que de certa forma trazem benefícios culturais à comunidade, mas tenho certeza que Caxias dispõe de muitos espaços para esses fins. Até porque não precisa ser engenheiro de Tráfego para avaliar que interromper a rua Sinimbu transforma o Centro num <b>caos.</b>”</p> <p>“Pergunto ao pai-de-santo Adão de Xangô onde está o grande evento da Festa da Uva que seria um dos melhores de toda a história.</p>	
----------------------------------	--	--	--	--

			Pois eu digo que não. Não passa nem de 500 mil pessoas. É <b>apenas uma ilusão de pessoas gananciosas.</b> ”	
<b>Prejuízos na safra</b>	<b>Discurso oficial</b>	<p>Priorizar os fatos mais significativos</p> <p>Mau tempo</p> <p>Improvisação</p> <p>Conforto e segurança</p>	<p>“No caso da Festa da Uva, por uma necessidade de <b>priorizar os fatos mais significativos</b>, deu-se mais importância às manifestações de cunho italiano, como os corais típicos, os quais estão mais de acordo com as próprias origens da Festa e da região.” (jornalista responsável pela cobertura da Festa no Jornal Pioneiro)</p> <p>“Fizemos todo o esforço para não atrasar, mas enfrentamos o <b>mau tempo</b>”.</p> <p>“Lamento muito ter sido obrigado a improvisar acomodação para mais de 50 pessoas, <b>improvisação</b> essa feita com as caixas das uvas que foram distribuídas ao público. Os motivos desse problema de falta de espaço foram vários, mas o principal foi o fato de que muitas pessoas haviam levado seus filhos para as arquibancadas, ocupando assim o espaço destinado aos que haviam pago seus ingressos.”</p> <p>“Nosso serviço de estacionamento é operado pela Safe Park, a qual teve uma série de custos para implantar esse espaço que oferece <b>conforto e segurança.</b>”</p>	05-16,67%
<b>Total</b>				30 -100%

## APÊNDICE C - OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA - SAFRA DE 1998

<i>Categorias</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>Unidades de Registro – Objeto ou referente</i>	<i>Unidades de Contexto – frase</i>	<i>Frequência</i>
<b>Bons frutos</b>	<b>Discurso não-oficial</b>	Trabalho merecedor de elogios	“Trabalho incansável o das soberanas da festa, tendo de suportar obstáculos sorrindo, simpáticas aos visitantes. <b>Trabalho merecedor de elogios</b> , demonstrando a força, a fibra, a tenacidade da mulher imigrante. Elas realmente foram as soberanas da Festa das Festas.”	04- 25%
<b>Bons frutos</b>	<b>Discurso oficial</b>	Lembrando uma época  Divulgação	“Foi muito bonito. Conforme a idade de cada pessoa, iam <b>lembrando uma época.</b> ”  “Ao mesmo tempo em que saúdo o jornal Pioneiro pela ampla <b>divulgação</b> dada à 22ª edição da Festa da Uva, estendo meus cumprimentos a cada integrante da equipe.”	02- 12,50%
<b>Prejuízos na safra</b>	<b>Discurso não-oficial</b>	Correndo o risco de perdê-la  Crítica nos faz crescer  Distribuir aos turistas  Impressão  Frieza e antipatia  Indignado  Não seja prestigiada pelos caxienses  Constrangido	“Li a carta, publicada no dia 11 deste mês, de Luciano Pletsch Leite, turista porto-alegrense muito exigente. Mas, como caxiense que se orgulha da cidade e principalmente da nossa festa maior, sou obrigada a concordar com ele. Dirão que os turistas estão aqui. Claro que sim, eles estão pernoitando em nossa cidade. Mas depois de uma visita aos pavilhões e de assistir ao desfile, quando o fazem, procuram outras festas típicas que realmente oferecem o que nossa festa maior deveria oferecer. Devemos repensar A Festa da Uva, pois estamos <b>correndo o risco de perdê-la</b> como tantos outros eventos daqui que fracassaram e em cidades da região são um sucesso até internacional. Qual será o problema?”	10- 62,50%

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>		<p>Boicote</p> <p>Perde turistas para outras cidades da Serra</p>	<p>“O sucesso da Festa da Uva está aí, estampado na imprensa. Nunca, em qualquer evento, encontraremos pessoas totalmente satisfeitas, assim como também não encontraremos as totalmente insatisfeitas. A <b>crítica nos faz crescer</b>, aperfeiçoar, mudar [...] Enfim, acertar. O que mais me deixa surpresa é que algumas pessoas só encontram pontos negativos. Talvez esse negativismo as impeça de ver o que há de bom.”</p> <p>“Postei-me com minha família ao longo da Rua Sinimbu para assistir ao desfile de carros alegóricos da Festa da Uva. Meu filho se aproximou de alguns carros para tentar ganhar um cacho de uva. Não conseguiu. Como boa “mama”, peguei-o pela mão e me dirigi a duas senhoritas que literalmente “escoltavam” as uvas em um carro alegórico. A grosseira resposta foi de que a uva não era para nós, mas para <b>distribuir aos turistas</b>. Fui salva pela chegada de um carro de Ana Rech, que mostrou que no interior se sabe que a verdadeira hospitalidade é aquela estendida em direção de todas as mãos.”</p> <p>“O belo discurso da rainha Patrícia Roth dos Santos, no encerramento da Festa da Uva, não foi suficiente para retirar a <b>impressão</b> que tivemos dela e das princesas. No dia 5, à noite, eu e alguns amigos fomos aos pavilhões para ver, entre outras atrações, a beleza das soberanas. Porém elas não deram sequer um “boa noite” ou um simples sorriso quando passaram ao nosso lado nos estandes da festa.”</p> <p>“Me decepcionei ao sentir a <b>frieza e a antipatia</b> com que</p>	
----------------------------------	--	---	---	--

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>			<p>são tratadas as pessoas que tentam se aproximar das eleitas para representar a festa das festas.”</p> <p>“Fiquei <b>indignado</b> ao transitar pela estrada que dá acesso aos pavilhões da Festa da Uva. Deparei-me com três placas que anunciavam: estacionamento no parque da Festa da Uva, R\$ 5,00. Como é que pode isso se a entrada para o público no parque custa R\$ 3,00?”</p> <p>“A Festa da Uva é um dos maiores eventos da região Sul, prestigiado por milhares de pessoas do Brasil e até do Exterior. É lamentável que uma festa como essa <b>não seja prestigiada pelos caxienses</b>, como podemos constatar nos desfiles alegóricos.”</p> <p>“Como morador e natural desta região, sinto-me <b>constrangido</b> ao explicar aos visitantes a origem da modalidade Arremesso de Queijo, disputada na Olimpíada Colonial da Festa da Uva. De onde vem essa tradição?... Parece constrangedora a tarefa de explicar, principalmente se levarmos em conta que 30 milhões de pessoas passam fome no país.”</p> <p>“O <b>boicote</b> à Festa da Uva 1998, segundo declarações do presidente Ricardo Golin à imprensa caxiense, demonstra que o governo de Antônio Britto e setores retrógrados de Caxias do Sul não sabem conviver com a democracia, pois suas ações prejudicam não só o governo e a administração Frente Popular assim como o belo trabalho desenvolvido pela Comissão Organizadora da Festa, mas toda a população da cidade.”</p>
----------------------------------	--	--	---

<b>Prejuízos na safra</b>			“Concordo com a leitora Livia Severo ao escrever nessa coluna que Caxias do Sul <b>perde turistas para outras cidades da Serra</b> . No entanto, destaco dois pontos: a preferência dos caxienses por festas do interior, por apresentar tranquilidade, limpeza e beleza natural; Caxias deixa muito a desejar, por exemplo, nas proximidades do Monumento ao Imigrante – para chegar lá só com botas sete léguas.”	
	<b>Discurso oficial</b>	-----	-----	-----
<b>Total</b>				16 – 100%

**Prejuízos na safra**

## APÊNDICE D - OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA - SAFRA DE 2000

<i>Categorias</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>Unidades de Registro – Objeto ou referente</i>	<i>Unidades de Contexto – frase</i>	<i>Frequência</i>
<b>Bons frutos</b>	<b>Discurso não-oficial</b>	Orgulhoso de ser caxiense	“Parabéns a todas as pessoas que fazem o desfile da Festa da Uva, contando a história daqueles que chegaram aqui, sofreram, acreditaram venceram. Sinto-me <b>orgulhoso de ser caxiense.</b> ”	12-31,57%
		Afirmador de uma identidade histórica e cultural única	“Os turistas gostam do desfile pelo que ele tem de peculiar, de marca própria, pela valorização dos valores da terra, pelo fato de não ser possível apreciá-lo, exceto aqui, e que no seu gênero não é superado por nenhum outro espetáculo, eis que é <b>afirmador de uma identidade histórica e cultural única</b> e determinada: precisamente a nossa.”	
		Indispensável toque comunitário	“O curso alegórico continua constituindo-se em elemento de atração de alto valor agregado, ao contexto da Festa Nacional da Uva [...] mesmo sem contar com luxo e pompa de suas alegorias, nossos artistas e historiadores souberam manter quadros cênicos, transportando para o público idéias retratando nossa história, interpretada por grupos teatrais, com a colaboração de entidades e um numeroso elenco de voluntários, dando o <b>indispensável toque comunitário.</b> ”	
		Resgatar raízes	“Se o objetivo da comissão organizadora é <b>resgatar raízes</b> , foi atingido plenamente.”	
		Valorizou a uva e a cultura de nossos antepassados	“Todas as rainhas da Festa da Uva já enalteceram a uva de diversas maneiras, colhendo-a debaixo dos parreirais, segurando-as para fotos e comerciais, divulgando-a.	
		Dor de cotovelo		
		Dividir a emoção		
		Tornar Caxias mais conhecida		

<p><b>Bons frutos</b></p>			<p>Porém, Fabiana Koch teve um gesto único e diferente, amassando-a com os pés. Dessa forma, ela <b>valorizou a uva e a cultura de nossos antepassados</b> e ao mesmo tempo deu beleza e simpatia às Olimpíadas Coloniais.”</p> <p>“Não sei qual das duas irmãs é nossa rainha. Só sei que eu e mais muitos caxienses agradecemos a elas a divulgação da festa e da cidade. O resto é pura <b>dor de cotovelo.</b>”</p> <p>“Acho infundada a repercussão que está sendo dada ao episódio envolvendo a troca da rainha da Festa da Uva. O fato deve ser encarado e analisado, única e exclusivamente, sob o aspecto positivo, levando-se em conta a intenção das jovens de <b>dividir a emoção</b> de estar representando a cidade num ato festivo de abrangência tão grande.”</p> <p>“Lamentável o comportamento de grande parte dos caxienses. Ao invés de ocuparem espaços na imprensa para tratar de assuntos delicados como corrupção, salário mínimo, miséria, desemprego, se preocupam em denegrir a imagem de duas jovens que de tudo fizeram para abrilhantar a festa e <b>tornar Caxias mais conhecida</b> nacionalmente.”</p>	
	<p><b>Discurso oficial</b></p>	<p>Amor por nossa festa se torne uma bandeira</p> <p>Real valor que a Festa da Uva e o povo caxiense têm</p> <p>Alcançou seus objetivos</p>	<p>“Espero que a paixão pelo passado nos faça ter força para construir o presente e almejar o futuro, onde desejo que <b>o amor por nossa festa se torne uma bandeira</b> que não seja abandonada jamais.”</p> <p>“A todas as candidatas desejo boa sorte e muito sucesso. Espero que as novas soberanas continuem dando <b>o real valor que a Festa da Uva e o povo caxiense têm.</b>”</p>	<p>04-10,53%</p>

<b>Bons frutos</b>			<p>“O futuro dirá se a Festa da Uva 2000, a última do milênio, <b>alcançou seus objetivos</b>. Graças à cobertura do Pioneiro, quem se debruçar sobre esta página da história terá toda a condição de fazer esse julgamento.”</p>	
<b>Prejuízos na safra</b>	<b>Discurso não-oficial</b>	<p>Festa chata e cansativa</p> <p>Demagógica</p> <p>Aprender o significado das palavras comunitário e solidariedade</p> <p>Segurança deixada de lado</p> <p>Tudo um “abacaxi”</p> <p>Cafonice, colonice, mesmice</p> <p>Desrespeito</p> <p>Surpresa</p> <p>Lamentável</p> <p>Repensar a Festa da Uva</p> <p>Ultrapassada e sem criatividade</p> <p>Decepciona a comunidade, principalmente a ítalo-brasileira</p> <p>Fraude</p> <p>Mancha na história da</p>	<p>“Manifesto minha insatisfação com o evento Escolha da Rainha da Festa da Uva 2000. Uma <b>festa chata e cansativa</b>.”</p> <p>“Aproveito o espaço para registrar minha indignação em relação ao comentário feito pelo jornalista Renato Henrichs. Classificar de <b>demagógica</b> a proposta apresentada por um integrante do júri de incluir no trio uma representante do segmento popular é no mínimo equivocada. Chegamos à conclusão que os critérios do júri devem mudar. Não é justo que o segmento popular seja usado para promover a Festa da Uva. A Comissão Comunitária da festa deveria ter umas aulas para <b>aprender o significado das palavras “comunitário” e “solidariedade”</b>.</p> <p>“Enquanto Caxias do Sul se prepara para receber turistas para a Festa da Uva, a <b>segurança é deixada de lado</b>. Em menos de duas semanas, dois conhecidos meus tiveram carros roubados.”</p> <p>“O leitor já deve estar careca de saber que a próxima Festa da Uva terá feira agro-industrial, desfile de carros alegóricos, apresentações de grupos folclóricos, etc. Sabe também que é idêntica à Fenavinho, à Festa da Vindima, à Fenakiwi, às Festas da Bergamota, do Moranguinho, da Maçã e de todas as outras do gênero. Se olharmos bem, nem as frutas</p>	17-44,74%

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>		<p>Festa da Uva</p>	<p>são diferentes. No fundo <b>é tudo um abacaxi</b>. Isso tudo graças à grande falta de criatividade de seus presidentes, que mostram muito pouco da imagem que vendem ao turista. Quem sabe um dia façam uma consulta popular.”</p> <p>“Comissões, copiem o resultado do que dá certo, façam festas atrativas. Vamos mostrar alegria e não <b>cafonice, colonice, mesmice</b>. Façam como os italianos da Terra Nostra, trabalhem, mas não chorem. Riam e sejam alegres com o que conseguimos construir. Não chorem eternamente nossas raízes.”</p> <p>“Gostaria de criticar a grande falta de organização dos responsáveis pelo estande da Telefônica Celular, nos Pavilhões da Festa da Uva, ao trazerem o ator Thiago Lacerda. Que tipo de publicidade pretendiam ao tratarem as pessoas com tamanho <b>desrespeito?</b></p> <p>“Ao adquirir o ingresso para o desfile do dia 23, tive uma <b>surpresa</b>. Crianças pagam a partir de dois anos e não a partir de cinco, conforme a publicação.”</p> <p>“A Comissão Comunitária da Festa da Uva está de parabéns pela divulgação, realização e organização do evento. <b>Lamentável</b>, porém, é que não possamos dar os parabéns ao atendimento dos seguranças nas arquibancadas do último desfile.”</p> <p>“Acho a polêmica (trocas das rainhas) uma grande bobagem. É típico de uma cidade interiorana de pensamento retrógrado. Temos problemas muito maiores na cidade, no</p>	
----------------------------------	--	---------------------	--	--

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>			<p>Estado e no país. Acredito ser muito mais importante um debate para <b>repensar a Festa da Uva</b> que, ao meu ver, é totalmente <b>ultrapassada e sem criatividade.</b>”</p> <p>“Foi desonesto e esse aspecto <b>decepciona a comunidade, principalmente a ítalo-brasileira.</b> Feito o estrago, espero que o problema seja resolvido sob a perspectiva de sua real dimensão.”</p> <p>“Todos os que se solidarizam com a rainha e sua <b>fraude</b> não têm moral alguma para queixar-se de corruptos e escândalos no Brasil. Se fosse nos Estados Unidos ela seria destituída e sofreria indiciamento criminal. Aqui tudo vira pizza.”</p> <p>“Manifesto minha indignação com o fato que envolve a rainha da Festa da Uva. Na minha opinião, esse episódio deve ser julgado com o maior rigor pela comissão organizadora e não encarado como um simples ato de amor. Foi uma falta de respeito com toda a comunidade caxiense e com a tradição da festa a nível nacional. Isso será uma <b>mancha na história da Festa da Uva</b>, e passará a ser motivo de gozação, envergonhando toda uma cidade.”</p>	
	<p><b>Discurso oficial</b></p>	<p>Lamentamos o transtorno</p> <p>Muito além da expectativa</p> <p>Críticas construtivas</p>	<p>“<b>Lamentamos o transtorno.</b> No programa oficial da Festa da Uva constam os valores dos ingressos.”</p> <p>“O público presente foi <b>muito além da expectativa</b>, e este sucesso então tornou-se um problema, que se somou à necessidade urgente de uma reformulação na agenda do ator.”</p> <p>“A Comissão comunitária</p>	<p>05-13,16%</p>

<b>Prejuízos na safra</b>			aceita com humildade todas as <b>críticas construtivas</b> . Todas são bem-vindas, mesmo as que chegam após oito meses de preparação do evento.”	
<b>Total</b>				38- 100%

## APÊNDICE E - OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA - SAFRA DE 2002

<i>Categorias</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>Unidades de Registro – Objeto ou referente</i>	<i>Unidades de Contexto – frase</i>	<i>Frequência</i>
	<b>Discurso não-oficial</b>	<p>Perfume da uva</p> <p>Desprezar nosso desfile</p> <p>Simplicidade</p> <p>Maior sucesso</p>	<p>“A surpresa do <b>perfume da uva</b> no jornal de hoje é um presente, faz com que a Festa fique ainda mais próxima dos leitores.”</p> <p>“É repugnante ver na capa do jornal um carioca, chamado Joãozinho Trinta, que não conhece nada de colonização e de cultura italiana, <b>desprezar nosso desfile</b> da Festa da Uva, o qual é um sucesso por sua <b>simplicidade</b> e pela alegria de um povo vencedor”.</p> <p>“Achei a Festa da Uva deste ano o <b>maior sucesso</b>, nos pavilhões e nos desfiles. Devemos ter orgulho de nossa gente, que fez uma Festa elogiada pelos turistas. Não é porque um carnavalesco vem criticar que deixaremos de fazer nossa Festa como sempre fizemos.”</p>	05-22,73%
<b>Bons frutos</b>	<b>Discurso oficial</b>	<p>Contato com a alma do nosso povo</p> <p>Fortes emoções</p> <p>Dever cumprido</p> <p>Orgulho por nossa identidade cultural</p> <p>Homenagear a mulher</p>	<p>“Ter sido a rainha da Festa da Uva 2000 foi, sobretudo, entrar em <b>contato com a alma de nosso povo</b>. Pude escutar a falar inúmeras linguagens. Ouvi a voz da memória falando de uma tradição que desde 1931 celebra o êxito de uma luta que, depois da travessia, derrubou matas, superou obstáculos e erigiu aqui uma ode ao progresso. Coube-me levar às outras culturas o nosso jeito de ser, os valores de uma comunidade. Minha voz impregna-se de emoção para dizer muito obrigado, Caxias do Sul!”</p> <p>“Um misto de <b>fortes emoções</b> atua dentro do meu coração neste momento. Um dos que mais pulsa é o sentimento do objetivo alcançado, do <b>dever cumprido</b>. Foi com paixão e respeito que trabalhei com Caxias e por Caxias,</p>	06-27,28%

**Bons frutos**

<p><b>Bons frutos</b></p>			<p>divulgando o espírito empreendedor deste povo, seu potencial, e meu amor por esta cidade e todo o <b>orgulho por nossa identidade cultural.</b>”</p> <p>“A decisão de escolher a mulher como tema central da 24ª Festa da Uva merece elogiável referência. Demonstra o reconhecimento de quem, com garra, companheirismo e beleza, ajudou a construir o promissor pólo de culturas em que se transformou a colônia Caxias do Sul. Parabêniso a Comissão Comunitária da Festa de 2002 pela feliz idéia <b>de homenagear a mulher</b> em nosso maior evento.”</p>	
<p><b>Prejuízos na safra</b></p>	<p><b>Discurso não-oficial</b></p>	<p>Orgulho ao povo caxiense</p> <p>Alegre, como nós, italianos!</p> <p>Trabalho e as pessoas que fazem a grandeza de Caxias</p> <p>Relembrar festas passadas</p> <p>Nona, legítima mulher imigrante</p> <p>Onde estavam as uvas?</p> <p>Desfiles têm deixado a desejar</p> <p>Educação</p> <p>Tarefa para profissional</p>	<p>“Tomemos como exemplo Gramado, que com um espetáculo anual consegue surpreender o público com apresentações riquíssimas, de custo mais alto, porém conscientes do benefício e do retorno do investimento. Sabemos que, não só temos pessoas competentes aqui, como temos condições de fazer um desfile mais bonito, capaz de trazer <b>orgulho ao povo caxiense.</b> Queremos um desfile <b>alegre, como nós, italianos!</b>”</p> <p>“Jamais se poderá comparar os desfiles do Carnaval carioca com os desfiles de uma festa que tem por objetivo homenagear o <b>trabalho e as pessoas que fazem a grandeza de Caxias.</b>”</p> <p>“Talvez para entendermos as críticas de Joãozinho Trinta devêssemos <b>relembrar as Festa passadas:</b> tínhamos um curso alegórico mais criativo, com carros mais elaborados.”</p> <p>“A 24ª Festa da Uva, ao homenagear a mulher imigrante, muito bem representada pela ex-rainha Fabiana Koch, embaixatrizes e outras belas caxienses, esqueceu de, em um carro alegórico, representar a</p>	<p>10-45,45%</p>

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>		<p>Caxias do Sul ganharia</p> <p>Alegorias na Festa da Uva</p> <p>Autenticidade</p>	<p><b>nona, legítima mulher imigrante</b>, a que põe ou já pôs as mãos na terra para tirar dela o seu sustento. Esqueceu também de reverencia a uva, o tema principal: o carro alegórico da rainha Juliana Marzotto e das princesas estava muito bonito, assim como as representantes da Festa, mas <b>onde estavam as uvas?</b> Por que flores?</p> <p>“Acompanho os desfiles da Festa da Uva desde criança, e tenho observado que nas últimas edições <b>os desfiles têm deixado a desejar</b>. Falta preocupação com detalhes, material usado de baixa qualidade e falta criatividade. Acho que repetidas edições bi-anuais realmente deixam pouco tempo para idéias novas, além de poucas verbas para investimentos mais ousados. Então, que tal voltarmos a realizar esta Festa a cada quatro anos como antigamente?”</p> <p>“Solicito aos organizadores da Festa da Uva que na próxima edição contratem pessoas com o mínimo de <b>educação</b> para trabalharem com o público”.</p> <p>“Sejamos sinceros: nossa festa pode e deve ser melhorada, como fazemos em nossas empresas, e isso é <b>tarefa para profissional</b>, que, aliado ao esforço abnegado da comunidade, certamente dará mais brilho à Festa da Uva.”</p> <p>“Os desfiles da Festa da Uva de 2002 foram muito bonitos e bem representados, mas a polêmica está em torno de Joãozinho Trinta. Discordo de algumas pessoas que dizem que ele faria um desfile carnavalesco e com mulheres nuas. Acho que se houvesse a possibilidade de ele montar o próximo desfile da Festa da Uva, <b>Caxias do Sul ganharia</b>, e muito, com isso.”</p> <p>“Discordo da bancada de vereadores e do senhor Valter Minuscoli em relação às críticas</p>	
----------------------------------	--	---	---	--

<b>Prejuízos na safra</b>			<p>ao carnavalesco Joãosinho Trinta. Estamos no Século XXI, na era do modernismo, por que não aceitar <b>alegorias na Festa da Uva</b>? Em vez de criticar o carnavalesco, deveriam separar mensalmente a metade de seus salários para contratar Joãosinho na próxima Festa da Uva.”</p> <p>“Aqueles carrinhos utilizados nas Olimpíadas Coloniais durante a realização da Festa da Uva não são cariolas, são carrinhos de pedreiros. Para dar mais <b>autenticidade</b> à nossa festa, quando se quer resgatar o passado, precisamos fazer cariolas verdadeiras, de madeira, inclusive as rodas”.</p>	
	<b>Discurso oficial</b>	Sugestão muito oportuna	“O Marketing de Relacionamento foi lançado na Festa da Uva de 1994 e tem como um de seus objetivos promover a interação da comunidade em busca da autenticidade. A <b>sugestão</b> do senhor José Victorio Piccoli (cariola) é <b>muito oportuna</b> e já foi incorporada como válida para a próxima Olimpíada Colonial”.	01- 4,54%
<b>Total</b>				22 – 100%

**Prejuízos na safra**

**APÊNDICE F - OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA - SAFRA DE 2004**

<i>Categorias</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>Unidades de Registro – Objeto ou referente</i>	<i>Unidades de Contexto – frase</i>	<i>Frequência</i>
<b>Bons frutos</b>	<b>Discurso não-oficial</b>	<p>Ligada às nossas origens</p> <p>Elogios</p> <p>Um show</p> <p>Resgate</p> <p>Bom atendimento</p>	<p>“Minha sobrinha é a rainha da Festa da Uva 2004. Após muitos concursos, os jurados escolheram uma soberana diretamente <b>ligada às nossas origens</b>, filha de pessoas que convivem com o dia-a-dia do interior de nossa região, concorrendo por uma entidade fora do eixo aristocrático de Caxias do Sul.”</p> <p>“Assisti ao desfile nas arquibancadas, ao lado de turistas do Rio e do Paraná, e só ouvi <b>elogios</b>.”</p> <p>“Assisti ao último curso alegórico da Festa da Uva e fiquei realmente impressionada com a qualidade do desfile. Foi realmente <b>um show</b>.”</p> <p>“Numa das páginas do Pioneiro da semana passada, me deparei com a foto de meu avô Clorindo Mondim. Ele compõe o grupo de viticultores que desfilou no carro alegórico da Cooperativa Santa Justina, na Festa da Uva de 1937. Quero parabenizar o jornal pelo <b>resgate</b> destes acontecimentos.”</p> <p>“Torno público o <b>bom atendimento</b> do setor de reclamações da Festa da Uva.”</p>	08- 32%
	<b>Discurso oficial</b>	<p>Integra a comunidade com a festa</p> <p>Orgulho de serem filhas desta terra</p>	<p>“A Menon Atacadista agradece à visita do Assalto Cultural durante a Festa da Uva, pois incentiva a cultura local e <b>integra a comunidade com a festa</b>. Parabéns aos idealizadores desta ação.”</p> <p>“O Circolo Trentino di Caxias do Sul parabeniza suas ex-alunas Priscila Caroline</p>	02-08%

			Tomazzoni, rainha da Festa da Uva 2004, e Victoria Titton de Carli, princesa, estendendo seus cumprimentos também para a princesa Greice Demoliner Tedesco. Que todas vocês, ao divulgarem o nome de nossa festa máxima e de nossa cidade, sejam bem acolhidas e levem o <b>orgulho de serem filhas desta terra.</b> ”	
<b>Prejuízos na safra</b>	<b>Discurso não-oficial</b>	<p>Alimentos sagrados</p> <p>Mudança da cidade devido à Festa da Uva</p> <p>Não passa de uma fachada</p> <p>Maravilhosa “decoração”</p> <p>Precárias condições</p> <p>Erro imperdoável</p> <p>Pessoas totalmente despreparadas</p> <p>Lógica que destrói o patrimônio histórico e cultural</p> <p>Segurança</p> <p>“Assalto cultural”</p>	<p>“Os tempos mudam, mas arremessar queijo nas Olimpíadas Coloniais considero um desrespeito. Os mais idosos e aqueles que já leram a saga dos imigrantes sabem que o queijo e a polenta eram <b>alimentos sagrados</b> (mais importantes que o pão) nas mesas de nossos avós. As famílias que tinham uma vaca e podiam fazer queijo eram consideradas privilegiadas, abençoadas por Deus. Que tal utilizar outros objetos e doar o queijo aos famintos?”</p> <p>“Salta aos olhos a <b>mudança da cidade devido à Festa da Uva</b>. Podemos observar muitos policiais nas ruas, a Codeca limpando a cidade (inclusive à noite) lâmpadas queimadas sendo trocadas... Quem dera esses eventos tivessem continuidade, passada a Festa da Uva.”</p> <p>“Sou moradora do bairro São José e estou enviando minha manifestação para me sentir mais aliviada. A Prefeitura só pensa em fazer bonito em tempos de Festa da Uva. Praça Bonita, imagem de Cristo no topo do morro... E os alagamentos nos bairros, e a represa do bairro Fátima, que pode estourar a qualquer momento? Quando é que vão dar um jeito no Arroio Tega? Espero que São Pedro seja bonzinho durante a Festa da</p>	13- 52%

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>			<p>Uva, porque se alagar as ruas os turistas vão ver que tudo <b>não passa de uma fachada.</b>”</p> <p>“Sou morador dos Caminhos da Colônia e parabênizo à Prefeitura de Caxias pela <b>maravilhosa “decoração”</b> colocada na sinalização do local durante a Festa da Uva, enquanto o verdadeiro “caminho” continua em <b>precárias condições.</b>”</p> <p>“No último dia da festa, ocorreu um <b>erro imperdoável</b> ao cobrar ingresso integral (R\$7,00). Para minha infelicidade, adentrei os pavilhões e dei de cara com os estandes sendo desmontados às 18h30min.”</p> <p>“É decepcionante uma Secretária Municipal da Cultura dizer que os turistas deveriam se informar que pontos turísticos em época de festa não abrem na segunda-feira. <b>Pessoas</b> com esta visão são <b>totalmente despreparadas</b> para executar uma função de tamanha responsabilidade para nossa cidade.”</p> <p>“Por trás da crítica do Pioneiro ao fechamento dos museus municipais nas segundas-feiras está a <b>lógica que destrói o patrimônio histórico e cultural.</b> Para as sociedades evoluírem culturalmente, a preocupação com a preservação da memória deve vir antes de qualquer interesse meramente financeiro.”</p> <p>“Se Lula é o presidente do povo, como ele mesmo diz, por que necessita de tanta <b>segurança?</b>”</p> <p>“Se até mesmo o Papa já sofreu atentado de morte, como pode alguém pensar que, no mundo</p>
----------------------------------	--	--	--

<b>Prejuízos na safra</b>			<p>de hoje, um presidente da República poderia dispensar a <b>segurança</b> num evento como a Festa da Uva?”</p> <p>“O trio-elétrico que passa pelas ruas centrais com a promessa de um <b>“assalto cultural”</b> é uma excelente idéia para manter a cidade em permanente clima de festa e encantar os turistas. Mas seria melhor se o trio passasse devidamente decorado, apresentando grupos típicos e música e dança italiana.”</p>	
	<b>Discurso oficial</b>	Equipe permanente	<p>“Esclarecemos que a Codeca está diretamente ligada aos serviços da Festa da Uva e possui uma <b>equipe permanente</b> nos Pavilhões para serviços de limpeza e manutenção, além de uma equipe responsável pela limpeza da Sinimbu nos dias de desfile da Festa da Uva.”</p>	02- 08%
<b>Prejuízos na safra</b>				25 – 100%

**APÊNDICE G - OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA - SAFRA DE 2006**

<i>Categorias</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>Unidades de Registro – Objeto ou referente</i>	<i>Unidades de Contexto – frase</i>	<i>Frequência</i>
<b>Bons frutos</b>	<b>Discurso não-oficial</b>	<p>Estado de espírito</p> <p>Etnias que construíram Caxias</p> <p>Unidos pelas mesmas lutas</p>	<p>“A Câmara tem contemplado gaúchos de outras querências com o título de Cidadão (caxiense) por relevantes serviços prestados à cidade, o que revela que <i>ser caxiense</i> é um <b>estado de espírito</b>, de querer fazer pela comunidade que nos acolheu. Princesa Natália Menegat Vanzin, tenha sucesso no nobre compromisso que assumistes.”</p> <p>Fiquei surpresa ao ler a crítica a respeito da escolha de uma das princesas da Festuva 2006. O tema <i>A Alegria de Estarmos Juntos</i> fala por si. Acolhe e homenageia todas as <b>etnias que construíram Caxias</b>. Nesse contexto, inclui-se a princesa Natália, nascida em São Paulo. Parabéns às participantes do concurso, de origem italiana ou não. Caxienses de nascimento ou de coração. Esta é a beleza da festa!”</p> <p>“Estamos <b>unidos pelas mesmas lutas</b>, história, adversidades e vivências. Somos todos, independente de etnias, descendentes de desbravadores, heróicos empreendedores que fizeram de Caxias um lugar ímpar. Temos ancestrais comuns, legados semelhantes. Estamos juntos em uma jornada única. Em tempos de celebração da “Alegria de estarmos juntos”, felicitações para quem percebe, trabalha e divulga a Festuva. Críticas existem para não perdermos as referências, o norte, a humildade.”</p>	06- 25%

<b>Bons frutos</b>	<b>Discurso oficial</b>	Grandiosidade dessa festa  Presença marcante e decisiva de dezenas de outros povos	<p>“O desfile da Festiva não foi unanimidade, mas foi reconhecido pela presença da diversidade, pelo espírito coletivo e pela sinceridade... todos me ensinaram a <b>grandiosidade dessa festa</b>. Souberam sensibilizar milhares pelas duas virtudes primárias que o imigrante italiano tem: a simplicidade e a humildade. Souberam, através da alegria e da saudade, mostrar o quão orgulhosos são de serem o que realmente são: colonos, índios, negros, imigrantes, migrantes, gaúchos ou outros.”</p> <p>“Ao escolher o tema <i>A Alegria de estarmos juntos</i>, a Festa da Uva de 2006 procurou fazer uma homenagem a todas as etnias que ajudaram a construir Caxias do Sul e nossa região. No nosso trio de soberanas temos representantes de várias descendências, como italiana, polonesa, bugre e portuguesa. Estamos numa cidade com fortes vínculos italianos, mas com uma <b>presença marcante e decisiva de dezenas de outros povos</b>.”</p>	03-12,50%
<b>Prejuízos na safra</b>	<b>Discurso não-oficial</b>	Lamentável  Nossa história  Vivemos tão distantes  Festa da Uva não valoriza micro e pequenos empresários  Oportunidade a todos  Direitos dos cidadãos estão	<p>“É <b>lamentável</b> que uma festa tão linda, envolvendo toda a comunidade, com a presença de mais de 14 mil pessoas para prestigiar a escolha da soberana, não tenha tido uma organização à altura.”</p> <p>“É um absurdo que, com tantas candidatas a rainha e princesas da Festiva, foram escolher justamente uma moça que veio de São Paulo. Só deveriam ser aceitas candidatas que nasceram em Caxias do Sul. É a <b>nossa história</b>, a história da colonização italiana. Nada mais justo que uma candidata descendente de italianos, da nossa cidade. A Festiva está</p>	11-45,84%

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>		<p>esquecidos</p> <p>Falta de respeito</p> <p>Horrorizado</p> <p>Futilidades</p> <p>Conscientização</p>	<p>saindo de nossa realidade. É uma pena que isso esteja acontecendo!”</p> <p>“Um tapume da Rua Moreira César nos ajuda a reflexão: “Se há alegria em estarmos juntos, por que <b>vivemos tão distantes.</b>”</p> <p>“<b>A Festa da Uva não valoriza micro e pequenos empresários</b> da nossa cidade. Quando o valor mínimo para a locação de um espaço nos pavilhões da festa é de R\$ 3 mil fica impossível que os pequenos possam divulgar seu trabalho e também fazer negócios.”</p> <p>“Gostaria de saber qual é o critério usado pela comissão organizadora da Festa da Uva para chamar os grupos de pagode que se apresentarão nos pavilhões. Existem outros grupos de melhor destaque em Caxias. O tema da Festa não é “A Alegria de Estarmos Juntos”? A comissão deveria levar em consideração e dar <b>oportunidade a todos.</b>”</p> <p>“A alegria de estarmos juntos parece ter acabado na opinião dos políticos desta cidade, pois os <b>direitos dos cidadãos estão esquecidos</b> e arquivados junto com a Festa da Uva.”</p> <p>“Vi insatisfeita a <b>falta de respeito</b> que ocorreu no desfile da Festa da Uva do dia 26 de fevereiro na Rua Sinimbu, quando muitas pessoas se dispuseram em frente as cordas de isolamento. Cordas essa que servem exatamente para deixar a via livre para o desfile.”</p> <p>“Estive no show do cantor Zeca Pagodinho nos Pavilhões da Festa da Uva e fiquei <b>horrorizado</b> com o que vi.</p>	
----------------------------------	--	---	--	--

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>			<p>Latas de cerveja, artefatos de vidro e garrações de vinho estavam no meio do público, o qual incluía crianças. Estandes junto à área do espetáculo vendiam bebidas alcoólicas para quem tivesse dinheiro, inclusive menores. Em outras apresentações, onde o público jovem será a maioria, não podemos prever uma tragédia?”</p> <p>“Estou indignado com a cobertura da visita do presidente da República à cidade. Não acredito que a presença da autoridade máxima do país seja tão inexpressiva que, para preencher as páginas, tenhamos de dar ênfase a <b>futilidades</b> como a ida de Lula ao banheiro ou o botão aberto do casaco da primeira-dama.”</p> <p>“Todos sabem que o jornalismo é o grande responsável pela <b>conscientização</b>. Após um domingo ensolarado, cheio de notícias boas, como o encerramento e último desfile da Festa da Uva, com todos os merecidos elogios, e com certeza belas fotos, clássico de rivalidade e esquadilha da fumaça embelezando o céu de Caxias, o que novamente merece a capa e chega aos nossos olhos logo cedo é uma nova tragédia familiar. Chega de notícia ruim! Será que é somente isso que vende?”</p>	
	<p><b>Discurso oficial</b></p>	<p>Onde está a alegria de estarmos juntos?</p> <p>Estarrecidas</p> <p>Seis páginas</p> <p>30 edições</p>	<p>“Das 31 candidatas, não era a única a não ter nascido em Caxias. Algumas não eram descendentes de italianos. Mas e daí? <b>Onde está a alegria de estarmos juntos?</b> E quanto a Joaquim Pedro Lisboa, o luso-brasileiro quem, em 1931, deu origem à festa? Reconheço o esforço e trabalho das outras etnias que ergueram a nossa cidade. A grandiosidade da</p>	<p>04-16,66%</p>

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>			<p>festa está na participação de todos. É com essa intenção que pretendo dedicar-me a ela.”</p> <p>“Ficamos <b>estarecidas</b> ao ler quinta a coluna do jornalista (se é que pode ser chamado assim, ou estaria depreciando a categoria) Gilberto Blume [...] Independente de resultados (do concurso de escolha das soberanas), sabemos do nosso valor, que uma festa não é realizada por meia dúzia de pessoas e nem só pelas soberanas, e sim por toda a comunidade.”</p> <p>“A Visita do presidente ocupou <b>seis páginas</b> nas edições de 17 e 18/02, enquanto as notas referidas pelo leitor somaram dez linhas.”</p> <p>“Ao longo dos oito últimos meses, o Pioneiro publicou pelo menos 160 páginas de Festa da Uva e, nesse período, o evento foi capa do jornal em cerca de <b>30 edições.</b>”</p>	
<p><b>Total</b></p>				<p>24- 100%</p>

**APÊNDICE H - OLHARES SOBRE A FESTA DA UVA - SAFRA DE 2008**

<i>Categorias</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>Unidades de Registro – Objeto ou referente</i>	<i>Unidades de Contexto – frase</i>	<i>Frequência</i>
<b>Bons frutos</b>	<b>Discurso não-oficial</b>	Orgulhosa	“Cumprimentos à prefeitura pela organização e decoração para a nossa Festa da Uva. Estão lindos os cachos de uva na Praça Dante e os colonos na entrada da cidade. Como caxiense, fico <b>orgulhosa</b> .”	31-40,79%
		Mais colorida e acolhedora		
		Construção coletiva		
		Competência		
		Injeção de dinheiro		
		Admirado e orgulhoso		
		Menos máquinas, mais pessoas		
		Recuperamos o orgulho		
		“Italiana” e caxiense		
		Dedicação		
		Doce aroma da uva		
		Empenho dos organizadores		
		Diversidade		
Melhor e maior de todas				
União das diferentes culturas				
Participação da comunidade caxiense				

<p><b>Bons frutos</b></p>			<p><b>máquinas, mais pessoas</b>, mais coreografia, mais cultura.”</p> <p>“É voz corrente em Caxias que está é a maior Festa da Uva de todos os tempos. <b>Recuperamos o orgulho</b> de fazermos parte desta comunidade [...]aos que não conseguem conviver com o brilho, cabe a depredação, as críticas infundadas e a raiva acumulada, que não fazem bem à saúde.”</p> <p>“Como <b>“italiana” e caxiense</b>, quero parabenizar a dedicação, o trabalho e o empenho da comissão organizadora e todos que de uma ou outra forma colaboraram com a Festuva.”</p> <p>“Parabenizo o presidente da Festa da Uva e toda a equipe organizadora pelo ótimo desfile. Os carros alegóricos e os figurantes estão maravilhosos, a organização e <b>dedicação</b> da parte de todos é claramente percebida.”</p> <p>“Parabenizo e agradeço à equipe do jornal Pioneiro pela maravilhosa surpresa de enviar o jornal perfumado com <b>o doce aroma da uva</b>.”</p> <p>“Parabenizo a Festa da Uva pelos shows. A comunidade caxiense deve se orgulhar do <b>empenho dos organizadores</b>.”</p> <p>“Parabéns a organização da Festa da Uva. Quanto colorido, quanta <b>diversidade!</b> Caxias merece festas assim.”</p> <p>“Parabéns pelo trabalho e dedicação de toda a comissão organizadora desta Festa da Uva, que, com certeza, foi a <b>melhor e maior de todas</b>.”</p> <p>“A <b>união das diferentes culturas</b> que formam o povo caxiense se traduziu num</p>	
---------------------------	--	--	---	--

			<p>evento especial nesta Festa da Uva.”</p> <p>“O sucesso da Festa da Uva teve a <b>participação da comunidade caxiense</b> e o apoio da imprensa local, especialmente o jornal Pioneiro, o qual foi exemplar na divulgação deste que é um dos maiores eventos populares do Brasil.”</p>	
<b>Bons frutos</b>	<b>Discurso oficial</b>	<p>Divulgação da Festa da Uva 2008</p> <p>Envolvimento de todos os caxienses</p> <p>Difusão da cultura</p> <p>Esforço coletivo</p>	<p>“A Comissão Comunitária da Festa da Uva vem, em nome de seus presidente e diretores, parabenizar o trabalho de toda a imprensa na <b>divulgação da Festa Nacional da Uva 2008.</b>”</p> <p>“À nossa comunidade, um agradecimento muito especial. É graças à confiança e ao <b>envolvimento de todos os caxienses</b> que conseguimos realizar uma Festa da Uva que orgulha a todos”.</p> <p>“A Olimpíada Colonial foi concebida pela energia do amor que os caxienses devotam às suas tradições e aos seus antepassados, e vem para nós como um instrumento de <b>difusão dessa cultura</b> permeada por ensinamentos que, até hoje, nos fazem equilibrar o entretenimento, o trabalho e a preservação de valores familiares”.</p> <p>“A Festa da Uva ficará marcada não somente na memória da comunidade, mas do comércio caxiense. Nosso setor elegeu a rainha, Andressa Grilo Lovato e fomentamos negócios e relacionamentos. Colecionamos elogios para o Museu do Comércio, que reproduz um armazém de 1885. Tanto sucesso ocorreu por meio de muito <b>esforço coletivo</b> e da saudável parceria com a Comissão Comunitária.”</p>	06-07,89%
<b>Bons frutos</b>				

<b>Prejuízos na safra</b>	<b>Discurso não-oficial</b>	Excludente	<p>“Fora da região serrana, consideram nossa cidade <b>excludente</b> das etnias que não participaram do início da imigração. Infelizmente alguns episódios de exclusão étnica já ocorreram e contribuíram negativamente para aumentar essa visão distorcida de quem não participa da vida socioeconômica da cidade. Entretanto, o PIB da região vem crescendo gradativamente, em minha opinião muito em consequência das constantes migrações de todas as regiões do país e do mundo. Assim, parece-me que há uma contradição no marketing de divulgação da Festa da Uva na Capital Brasileira da Cultura, eis que não são somente os gaúchos, italianos e seus descendentes que são os operários das fábricas, das lojas e serviços em geral, que com o suor de seu trabalho vêm transformando a antiga colônia em metrópole.”</p> <p>“O cartaz da Festa da Uva é de um <b>preconceito racial atroz</b>. Demonstra um pouco de xenofobia de seus idealizadores. Não devemos esquecer que essa pátria miscigenada acolheu muito bem imigrantes que vieram numa situação lamentável de seus países. Mesmo assim, devemos enaltecer essa belíssima festa.”</p> <p>“Aqui vai minha crítica com relação a <b>pouca divulgação</b> de uma das maiores festas do país: a Festa da Uva. Por onde passo, não vejo cartazes ou pôsteres, e também há pouca divulgação na mídia.”</p> <p>“Tem se tornado corriqueiro no âmbito político a inauguração de <b>obras inacabadas</b>: Rota do sol, anfiteatro da Câmara de Vereadores e agora o centro de</p>	35-46,05%
		Preconceito racial atroz		
		Pouca divulgação		
		Obras inacabadas		
		Compromisso inadiável		
		Tamanho crueldade		
		Incendiários		
		Acessos interrompidos		
		Cabeça-dura		
		Falta de respeito		
		Entupimento		
		Repensar o local		
		Esqueceram		
		Factóides políticos		
		Deixar de fora		
		Festa para quem mesmo?		
Péssima impressão				
Cadê as uvas?				
Ninguém lembra do agricultor				

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>		<p>Tem um lixinho aí?</p> <p>Mais organizado</p> <p>Desbotado, caindo, murcho</p>	<p>eventos da Festa da Uva. Se este foi inaugurado no dia 20, por que no dia 21 continuavam os operários trabalhando na obra?”</p> <p>“Nosso presidente deve realmente ter um <b>compromisso inadiável</b> para não poder vir na abertura de uma grande festa como a nossa Festa da Uva. Deve ser uma inauguração lá no Nordeste.”</p> <p>“Fiquei muito entristecido ao ver o boneco da Festa da Uva instalado no viaduto da BR 116 totalmente queimado... é inadmissível que existam pessoas com <b>tamanha crueldade.</b>”</p> <p>“É uma vergonha o que os vândalos estão fazendo, queimando contêineres e agora queimando bonecos (da Festa da Uva). A polícia tem de investigar e prender estes incendiários e interrogá-los para saber por que fazem isso. Em Canela e Gramado há diferenças sócias como aqui e as ruas estão sempre decoradas, ninguém rouba e muito menos põe fogo. Será que tem alguma coisa por trás desses <b>incendiários?</b>”</p> <p>“Queria saber como as pessoas que precisam ter acesso ao Hospital Pompéia podem chegar lá durante os desfiles da Festa da Uva. Precisei ir a esse hospital e todos os <b>acessos</b> estavam <b>interrompidos</b>. O bem-estar e a saúde de nossa população sempre devem estar em primeiro lugar.”</p> <p>“Concordo com o jornalista Ciro Fabres quando ele diz que em tempos de festa da Uva a cidade toda fica com cheiro de festa e o cotidiano é modificado. Discordo quando</p>	
----------------------------------	--	---	--	--

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>			<p>ele chama de <b>cabeça-dura</b> os motoristas que vão ao Centro, mesmo os sabedores de confusões e congestionamentos. E quem trabalha de uma lado da Sinimbu e reside em outro? O desfile deve se concentrar em local afastado do Centro.”</p> <p>“Não posso deixar de manifestar minha insatisfação com a empresa de transporte desta cidade, a Visate, que não soube se organizar para o desfile de quinta-feira. Diversos trabalhadores ficaram esperando por horas nas paradas de ônibus. Isso é uma <b>falta de respeito.</b>”</p> <p>“Vai longe o dia em que Caxias do Sul podia se dar ao luxo de interditar uma de suas principais vias de tráfego para a realização de um desfile. Estamos no Século XXI, a pujante Caxias do Sul não suporta mais esse <b>entupimento</b> em uma de suas principais artérias. São mais de 130 mil veículos hoje, bem diferente dos românticos anos 70.”</p> <p>“A Festa da Uva é um movimento cultural de grande expressão, e sua importância para Caxias e região é incontestável. Porém, diante da polêmica do curso alegórico, é de fundamental importância que a população seja ouvida e que seja <b>repensado o local</b>, pois na região central da cidade é praticamente impossível transitar nos dias de desfile, principalmente quando eles correm no meio da semana.”</p> <p>“<b>Esqueceram</b> da estrada da rota turística Caminhos da Colônia, sentido Santa Justina. Ela está completamente tomada pelo mato, em plena Festa da Uva.”</p>
----------------------------------	--	--	--

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>			<p>“É lamentável a atitude dos vereadores de oposição em relação à presença da rainha e das princesas da Festa da Uva no aniversário do prefeito José Ivo Sartori. Se eles não possuem assuntos pautáveis, poderiam, por exemplo, se preocupar com questões propositivas para Caxias do Sul, e não criar <b>factóides políticos</b> em ano eleitoral.”</p> <p>“Não tem cabimento, ainda mais no ano que Caxias é a Capital Brasileira da Cultura, <b>deixar de fora</b> da Festa da Uva grupos musicais que são uma das principais marcas do tradicionalismo italiano da região”.</p> <p>“É impressionante como a cidade se movimenta para a Festa da Uva. Mas a <b>feira é para quem mesmo?</b> Para os caxienses? O que ganhamos com ela? Uma limpeza da cidade, uma manutenção das pinturas das faixas a cada dois anos. Ou seja, aparentemente Caxias tem que ser bela, limpa e preservada de dois em dois anos. E o restante do tempo?”</p> <p>“A Festa da Uva sempre foi uma ocasião bastante favorável aos comerciantes de Caxias do Sul, oportunidade de aumento das vendas e dos lucros. Porém, de nada vale capacitar os atendentes de hotéis e dispor de quiosques de informações se cada um dos estabelecimentos comerciais não fizerem a sua parte. Lojas que atendem com antipatia e restaurantes que erram o pedido do cliente são comuns por aqui. Assim, o único souvenir que o turista vai levar é a <b>péssima impressão.</b>”</p> <p>“<b>Cadê as uvas?</b> Essa pergunta foi feita três vezes, no trajeto do Centro até o bairro São</p>	
----------------------------------	--	--	--	--

<p><b>Prejuízos na safra</b></p>			<p>Pelegrino. Com o intuito de colaborar, sugiro que a organização da festa coloque bancas de uvas nos pontos estratégicos da cidade.”</p> <p>“Estamos na Festa da Uva, mas <b>ninguém lembra do agricultor</b> que planta, colhe, transporta e recebe um ano depois por míseros R\$ 0,46 ao quilo da fruta, que bem analisados não pagam nem os insumos. Isso mostra que o agricultor faz por amor e não por interesse a sua Festa da Uva.”</p> <p>“Há pouquíssimos latões de lixo pelos corredores dos pavilhões da Festa da Uva, fazendo com que os que visitam a feira muitas vezes larguem papéis, copos e folhetos no chão. Muitas vezes os visitantes pedem a nós, expositores: “<b>tem um lixinho aí</b>”?”</p> <p>“Apesar de existir o apoio para bandas locais na Festa da Uva, acredito que para a próxima edição isso poderia ser bem <b>mais organizado</b>. Em um parque tão grande, com um bom fluxo de pessoas, por que posicionar o palco local em um lugar praticamente escondido?”</p> <p>“É admirável o empenho da Comissão Comunitária da Festa da Uva em embelezar nossa cidade. Porém, passada a Festuva, esqueceram-se completamente que o cacho de uva instalado na Praça Dante Alighieri, se não for conservado, se deteriora, prejudicando a imagem da praça. O cacho já está totalmente <b>desbotado, caindo, murcho</b>.”</p>	
	<p><b>Discurso oficial</b></p>	<p>Alma da nossa festa maior</p>	<p>“Em resposta ao leitor, gostaria de esclarecer que a Festa da Uva 2008 vai valorizar muito e dar grande destaque à cultura</p>	<p>04-05,27%</p>

<b>Prejuízos na safra</b>		<p>Não-adesão de algumas embaixatrizes</p> <p>Solucionar o problema</p>	<p>italiana, pois ela é <b>a alma da nossa festa maior.</b>”</p> <p>“É com decepção que acompanho a <b>não-adesão de algumas embaixatrizes</b> ao curso alegórico. Dispensar momento únicos de emoção na Sinimbu alegando falta de tempo certamente demonstra despreparo ou a indiferença na hora de trabalhar pela Festa da Uva, objetivo principal de uma soberana.”</p> <p>“A Secretaria Municipal de Viação e Obras Públicas esclarece que o trecho citado com problemas de má conservação, no sentido Santa Justina, é de responsabilidade do DAER, que já se comprometeu a <b>solucionar o problema.</b>”</p>	
<b>Total</b>				76 – 100%
<b>Total de opiniões analisadas nas oito safras – 279</b>				